gabriel em brasília • a cidade com asas •

Elisa Leonel



IPHAN



Elisa Leonel é formada em história pela PUC/SP, mestrado pela Université de Paris X/Nanterre e D.E.A pela Université de Paris III – IHEAL.
Trabalhou no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). No Iphan, coordenou projetos de educação patrimonial, o que a levou, depois de aposentada, a escrever livros para a divulgação do patrimônio cultural, destinados ao público juvenil, como o livro *Gabriel em Brasília – a cidade com asas*.
Residindo atualmente na França, para apresentar a cidade de Paris de uma forma mais criativa e diferente para os jovens turistas, escreveu *Partiu Paris*, diário de viagem de um jovem à capital francesa, que é ao mesmo tempo um guia alternativo para conhecer a cidade.
Seu livro *Gente famosa no baile na biblioteca*, publicado pela Editora Giostri em 2021, é uma obra infantojuvenil que reflete sobre a importância da literatura. Além de apresentar grandes personagens da literatura, traz indicações de livros e contribui para estimular a leitura entre os jovens.

gabriel em brasília

• a cidade com asas •

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura

Margareth Menezes

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Leandro Grass

Diretoria do Iphan

Andrey Rosenthal Schlee
Daniel Borges Sombra
Deyvesson Israel Alves Gusmão
Márcia Lucena
Maria Silvia Rossi

Superintendente do Iphan no Distrito Federal

Thiago Pereira Perpétuo

Departamento de Articulação Fomento e Educação

Márcia de Figueirêdo Lucena Lira

Coordenação-Geral de Fomento e Economia do Patrimônio

Clara Marques Campos

Divisão de Editoração e Publicações do Patrimônio

Bruna da Silva Ferreira

Governador do Distrito Federal

Ibaneis Rocha Barros Junior

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Hélvia Miridan Paranaguá Fraga

Subsecretaria de Educação Inclusiva e Integral

Vera Lucia Ribeiro de Barros

Gerência de Educação Ambiental, Patrimonial, Língua Estrangeira e Arte-Educação

Hamilton Cavalcante Martins

Banco Regional de Brasília

Paulo Henrique Bezerra Rodrigues Costa

Instituto BRB

Leila Cristina Republicano

gabriel em brasília

• a cidade com asas •

Elisa Leonel

Brasília
Iphan
2024

Primeira Edição

Coordenação e Organização Editorial
Carlos Madson Reis
Claudia Marina Vasques
Sandra Bernardes Ribeiro

Elaboração do texto
Elisa Leonel

Revisão do texto
Maria Célia Leonel

Revisão institucional
Claudia Marina Vasques

Colaboração especial
Pablo Vasques Bravo-Villalba

Estagiários
Júlia Solléro de Paula
Isabelle Macedo de Almeida
Caio Vinícius Sales Fiuza

Projeto gráfico, diagramação
e fotocolagens
Maurício Chades

Ilustração
Washington Rayk

Fotografias
Arquivo da Superintendência do
Iphan no Distrito Federal
Arquivo Público do Distrito Federal

Reimpressão

Coordenação e Organização Editorial
Thiago Pereira Perpétuo
Vinicius Prado Januzzi
Ana Carolina Lessa Dantas

Revisão textual e técnica
Vinicius Prado Januzzi
Ádila Borges Figueira Cerqueira
Ana Carolina Lessa Dantas
Juliana de Souza Silva

Revisão de diagramação
Érica Cristina Ferreira dos Santos

Instituto do Patrimônio Histórico e
Artístico Nacional
www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, Iphan

L583g

Leonel, Elisa.

Gabriel em Brasília : a cidade com asas. / Elisa Leonel. – 3. reimpr.
– Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Brasília : Iphan, 2024.

123 p. ; il. color.

ISBN : 978-85-7334-420-2

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Educação patrimonial. 3. Brasília.
I. Título.

CDD 028.5

Elaborado por Odilé Viana de Souza – CRB-1/2120

SUMÁRIO

NOTA INICIAL 7

APRESENTAÇÃO 9

SEXTA-FEIRA, 13 DE ABRIL 17

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE ABRIL 23

QUINTA-FEIRA, 17 DE MAIO 29

SEXTA-FEIRA, 18 DE MAIO 53

SÁBADO, 19 DE MAIO 63

DOMINGO, 20 DE MAIO 91

SEGUNDA-FEIRA, 21 DE MAIO 105

A HISTÓRIA DE BRASÍLIA EM ALGUMAS DATAS 115

QUEM AJUDOU A FAZER BRASÍLIA 118

PALÁCIOS E MONUMENTOS ABERTOS PARA VISITAÇÃO PÚBLICA 121

ALGUNS SITES COM INFORMAÇÕES SOBRE BRASÍLIA
E SEUS MONUMENTOS 123

A Elis e Lorena,

na expectativa de que as aventuras de Gabriel ajudem a sensibilizar as novas gerações para a preservação do nosso patrimônio cultural.

Agradecimentos especiais: Cida Campos, Isabella Versiani e Gabriel Mafra

NOTA INICIAL

Gabriel em Brasília foi publicado, originalmente, em 2015. Para preservá-lo como um registro de seu tempo, a equipe de revisão optou por manter as datas originais mencionadas durante a narrativa do protagonista, bem como informações que, com o tempo, tornaram-se relativamente desatualizadas. A forma de comunicação entre Gabriel e sua tia bem poderia, hoje, ser feita pelo celular, em um aplicativo de mensagens; mantivemos, todavia, a troca por e-mail, privilegiando a autenticidade e a originalidade do material como primeiramente publicado. A revisão feita se ateve a erros tipográficos e a pequenas mudanças conceituais, de resto feitas apenas com o objetivo de aperfeiçoar, em pequenos detalhes, a obra.

Listamos aqui estas mudanças que ocorreram ao longo do tempo:

- O Distrito Federal é dividido, atualmente, em trinta e cinco regiões administrativas / *na página 27, lê-se que são 31*

- Brasília fez, em 2024, 64 anos, contados a partir de sua inauguração / *na página 34, lê-se que são "pouco mais de 50 anos"*

- O Brasil conta, hoje, com 21 itens listados pela UNESCO em sua Lista do Patrimônio Mundial / *na página 42, lê-se que são 19*

- As visitas ao Teatro Nacional estão interrompidas, em função de seu fechamento para reformas, em 2014 / *entre as páginas 94 e 97, Gabriel visita o Teatro*

OS MIL E MIL HOMENS MUITAMENTE TRABALHAVAM FAZENDO A GRANDE CIDADE.

João Guimarães Rosa — Primeiras estórias

APRESENTAÇÃO

Iphan

Eis que é a terceira vez que Gabriel desembarca em Brasília! A história do jovem que se encantou ao conhecer a cidade imaginada por Lucio Costa, Oscar Niemeyer (e tantos outros arquitetos, artistas, trabalhadores) teve sua primeira edição realizada em 2015, momento em que o celebrávamos como uma das primeiras iniciativas da Superintendência do Iphan no Distrito Federal em levar ao público infantojuvenil as histórias de nossa Capital da República, com o viés da educação patrimonial. De maneira leve e muito cativante, o livro tinha o condão de fazer jovens de todas as idades experimentarem esse misto de estranhamento e encantamento em se deparar com uma cidade de contornos tão diferenciados. Reconhecida como patrimônio cultural, a cidade esbanja, desde sua origem, o arrojo de formas modernas e a liberdade presente em generosos espaços verdes, esplanadas, parques e jardins. Agora, em sua terceira edição, a visita de Gabriel não poderia ser mais oportuna.

A história do livro se passa em 2012. Assim, podemos dizer que mais de dez anos se passaram desde quando Gabriel visitou a cidade pela primeira vez. Mas que cidade foi essa que Gabriel conheceu?

"...acabei achando a ideia interessante, visitar a Praça dos Três Poderes e a Esplanada dos Ministérios num sábado pela manhã, quando é calmo por lá. Deu para estacionar o carro sem problemas e ver tudo tranquilamente", escreveu Gabriel.

Naquele momento, vivenciávamos o que se poderia chamar de uma aparente normalidade democrática. Algo importante, em se tratando de uma capital com tão marcada vocação política e administrativa. Mas pouco tempo depois, Gabriel e toda a juventude brasileira puderam assistir na TV ruidosas jornadas que também tiveram Brasília como palco. Dissensões políticas, como as que depuseram a presidenta Dilma Rousseff da Presidência da República, expuseram um clima pleno de hostilidades. O resultado: manifestações apartadas por muros de contenção em plena Esplanada dos Ministérios!

O que teria pensado Gabriel ao ver essas imagens tão distantes do campo democrático sonhado por Lucio Costa? E ainda pior: o que dizer dos ataques antidemocráticos perpetrados no dia 8 de janeiro de 2023? Como isso teria afetado nosso jovem visitante, que se emocionou em sua visita inaugural?

"Foi muita emoção ver de perto o Palácio do Planalto, onde trabalha o Presidente da República. Este prédio, como os outros da Praça, também é um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Tem a fachada toda de vidro, com colunas curvas revestidas de mármore branco (...) Passeando pela Praça dos Três Poderes, de repente, me dei conta de que estava no coração do Brasil, onde as decisões mais importantes são tomadas, onde o Governo trabalha. Senti orgulho da nossa capital".

Os escritos de Gabriel, nos idos de 2012, registram o que deveria ser a verdadeira vocação da cidade. Um lugar feito para o acolhimento de todas as pessoas, de Brasília, do Brasil e do Mundo. Uma cidade feita para encantar, para despertar orgulho. Uma cidade que, em janeiro 2023, foi tão vitimada quanto a democracia brasileira.

Edifícios de Oscar Niemeyer depredados, obras de Di Cavalcanti, de Bruno Giorgi, de Athos Bulcão, de Victor Brecheret e tantos outros artistas danificadas por vândalos que jamais teriam cometido tais crimes se levassem consigo o olhar generoso de Gabriel.

Mas, também como a democracia, Brasília soube se reerguer, está se reinventando. Solidificando suas bases tão fortemente quanto o concreto de suas construções. Gabriel logo terá novos motivos para se orgulhar.

Compartilhamos, assim, do entusiasmo demonstrado pelo Gabriel, com seu espírito sonhador e esperançoso, com seu olhar encantado, que tem muito a nos ensinar. Com mais essa edição, renovamos também nossa esperança de que as novas gerações possam reverenciar a capital construída por trabalhadores e trabalhadoras valorosos, pensada por intelectuais, sonhada por artistas. Brasília, patrimônio cultural brasiliense, brasileiro, de toda a humanidade.

Thiago Pereira Perpétuo
Superintendente do Iphan no Distrito Federal

Secretaria de Educação

Estudar o nosso passado é desenhar um caminho especial para o futuro, para construir relações entre a história que vivemos e a história natural da sociedade, para descrever, pensar e explicar nossa evolução.

A relação especial entre a história e o tempo nos permite explorar o clima das estações, registrando o tempo vivido pelos indivíduos, guardando, de maneira muito singular, usos e costumes de cada grupo, resultando em um instrumento essencial, o calendário, semeando assim, o enlace entre história e memória.

A história não consegue predizer o pode acontecer no futuro, mas, por meio da exploração dos hábitos dos antepassados, pode delinear o início e o fim de uma população ou de uma sociedade, permitindo compreender todos os acontecimentos que envolvem a curiosa nuvem que por vezes, invade o desvendar da ciência.

Épocas míticas, detalhes teológicos, atitudes sacras levaram ao homem eclodir o pensamento, impulsionando a criticidade e a razão em lugar da religião, permitindo o progresso da ciência.

Todo esse diálogo foi possível graças ao empenho de estudiosos e cientistas que desbravam as memórias enterradas em nossa história e reconstroem a vida em sociedade na transformação do tempo.

Nossa cidade, nosso cerrado, utopia do progresso, solidificada pelo esforço de gerações pode ser vislumbrada com riqueza nas páginas dessa publicação, por meio dos olhos apurados daqueles que mergulham nas ondas da história, para colorir com intensidade, detalhes que não conseguimos observar no transcurso do cotidiano.

A sensação de ampliar o horizonte assenta na diversidade de contribuições que é ofertada pela dimensão de informações que reconstitui os passos do homem que aqui viveu, compartilhando a visão daqueles que abriram as janelas do passado para novo descortinar das memórias.

Aproveitem cada página!

Viagem a cada imagem!

Esta é a nossa terra.

Profa. Hélvia Miridan Paranaguá Fraga
Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal

Instituto BRB

O Instituto BRB tem como elemento central o seu propósito de transformar a vida das pessoas e promover o desenvolvimento econômico, social e humano nas áreas em que atua.

Somos um Instituto genuinamente de Brasília e nos sentimos orgulhosos de apresentar aos alunos da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal o livro *Gabriel em Brasília – a cidade com asas*. A proposta da obra é trabalhar, em linguagem acessível e didática, conteúdos de Patrimônio Cultural e educação patrimonial.

O livro, tem ainda, o objetivo de humanizar os monumentos de Brasília e os apresentar a nossas crianças e jovens como patrimônios culturais acessíveis, parte importante não só da história do Brasil, mas das vidas daqueles que habitam este Planalto Central.

Conhecer a origem, o passado e a cultura do lugar onde se mora, faz com que as pessoas possam enxergar o espaço e a si mesmos de uma maneira diferente, com o sentimento de pertencimento.

A educação patrimonial é uma atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento integral do sujeito, um caráter social, considerando sua identidade e os bens culturais de sua Região.

O Instituto BRB, que é o braço institucional em desenvolvimento social e humano do Banco BRB, apoia a cultura e a educação patrimonial, conscientizando estudantes a preservarem o patrimônio histórico da cidade.

O Instituto BRB reconhece que a educação patrimonial tem como diretriz a intersetorialidade das ações educativas, de modo a

promover articulações das políticas de preservação e valorização do patrimônio cultural com as de cultura, turismo, meio ambiente, educação, saúde, desenvolvimento urbano e outras áreas correlatas.

Leila Cristina Republicano
Presidente do Instituto BRB

SEXTA-FEIRA,13 DE ABRIL

Como eu ainda tinha uns 15 minutos antes de ir para a escola, resolvi dar uma olhada nos meus e-mails. Entre os vários sem importância, um monte de besteiras que os amigos mandam pra gente, tinha um e-mail da tia Marina, irmã da minha mãe, minha tia preferida.

---- original message ----

from: 'marina passos' <marinappassos@floresta.com.br>
to: 'gabriel passos mello' <gabrielpmello@marazul.com.br.
sent: friday, april 13, 2012 7:26 am

subject: viagem para brasília

meu querido gabriel,
estou indo para brasília em maio para uma reunião de trabalho.
você quer ir comigo?
um beijo carinhoso,
marina

Não tive tempo para pensar no convite, nem para responder o e-mail, não podia chegar atrasado à escola. A diretora não dá moleza, e eu não queria levar mais uma bronca. Com essa aí, a gente não pode chegar nem cinco minutinhos atrasado.

Já tinha esquecido o e-mail, mas tia Ma ligou à noite para falar sobre a viagem. Eu disse que ia pensar e que ia ver com a escola porque, para viajar, teria que perder três dias de aula. Como não sabia o que responder, enrolei um pouco.

Na verdade, o problema não era a escola. A ideia de tirar uns dias de folga não era nada má, muito pelo contrário. Achei a proposta um pouco esquisita, não fiquei nada animado. Viajei outras vezes com tia Ma e foram viagens sensacionais. Foi com ela que conheci algumas cidades históricas mineiras. Quando ela viaja a trabalho e fica alguns dias numa cidade, me leva junto. Ela é arquiteta, trabalha com a preservação do patrimônio histórico e cultural do estado de Minas Gerais. Ela conhece muito bem tudo aquilo, viajar com ela é bem legal, ela explica tudo nos mínimos detalhes. Mas, ir para Brasília, fazer o quê lá?

Fiquei pensando que desta vez o convite não era muito interessante. O que é que eu ia fazer em Brasília, enquanto ela estivesse participando das reuniões? Fiquei imaginando a capital do Brasil com aquele monte de homens de terno e gravata, deputados, ministros, um monte de gente entrando e saindo daqueles prédios importantes. Para mim, não era uma cidade para se fazer turismo; ver o quê em Brasília?

Quanto mais eu pensava na proposta da tia Marina, mais ficava sem vontade de ir. Afinal, não preciso ir para Brasília para ver deputados e ministros, vejo essa gente todo dia pela televisão. Se ainda fosse para ver meu time de futebol jogar, ou para assistir ao show de uma banda de rock, aí sim, eu iria sem vacilar.

Minha vontade era dizer que, desta vez, não iria viajar com ela. Mas minha mãe acabou entrando na história, dizendo que era uma boa oportunidade para visitar a capital do Brasil, que é uma cidade interessante, diferente, importante, etc. Coisas de mãe. Ela é dura na queda, vai em frente até ganhar a parada. Para agradar, fui olhar Brasília na internet. Realmente, a impressão é que tudo lá é bem diferente, a Catedral nem parece uma igreja, o prédio do Congresso Nacional mais parece duas grandes bacias.



Minha mãe acabou ganhando na queda de braço. Aliás, ela é forte nisso, sempre ganha todas. Nem perco mais meu tempo. Quando ela bota uma coisa na cabeça, sai de baixo.

O que também ajudou a me convencer foi que a amiga da minha tia, na casa de quem vamos ficar hospedados, tem uma filha com mais ou menos a minha idade, 13 anos. Assim vou ter com quem conversar, não vai ser tão chato. Pensei também na cara dos meus amigos, na minha volta, quando contar que conheci uma garota em Brasília e que fui passear com ela. Eles vão ficar mortos de inveja, com certeza! Eles só conhecem as meninas daqui da nossa cidade, que pensam apenas em festa e roupa nova, até parece que elas não têm outra coisa na cabeça. Na verdade, não converso muito com elas, posso estar exagerando. Em todo caso, vai ser legal conhecer uma garota de Brasília.



SEGUNDA-FEIRA, 16 DE ABRIL

---- original message ----

from: "Gabriel Passos Mello" <gabrielpmello@marazul.com.br>
to: "Marina Passos" <marinappassos@florestas.com.br>
sent: monday, april 16, 2012 13:40 am

subject: viagem para brasília

oi tia marina
já falei lá na escola e vou poder viajar. tudo acertado.
combinei com a professora de história, na volta vou fazer uma apresentação sobre brasília para os colegas. ela quer que eu fale sobre tudo, que conte como é a cidade. Acho que não vai ser difícil, a turma não
conhece nada.
obrigado tia, abraço do gabriel

---- original message ----

from: "marina passos" <marinappassos@florestas.com.br>
too: "gabriel passos mello" <gabrielpmello@marazul.com.br>
sent: monday, april 16, 2012 10:55 pm

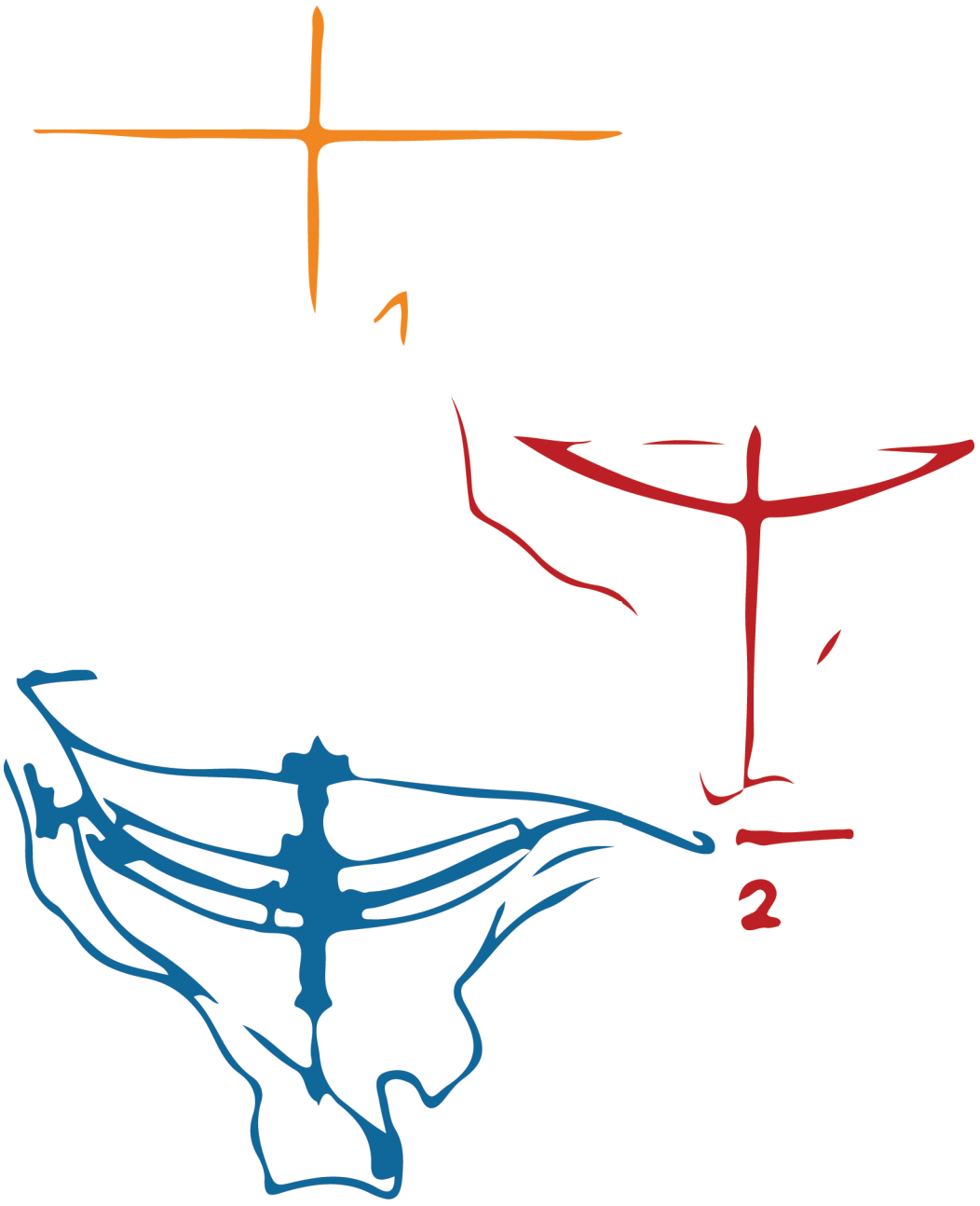
subject: viagem para brasília

querido gabriel,
que ótima notícia! que bom que deu tudo certo com a escola!
Tenho certeza que você vai gostar de brasília.
estou querendo muito fazer essa viagem, já faz alguns anos que não vou para lá. foram construídos alguns prédios novos que ainda não conheço.
você vai gostar da isabel e da joana, elas são muito bacanas.
se precisar, dou uma força para você preparar a apresentação para a escola.
vou verificar os horários dos voos, para chegarmos em brasília mais ou menos na mesma hora. assim, nos encontramos no aeroporto.
saudades de você!
um abraço bem grande,
tia marina



Foi assim que acabei decidindo ir e prometi anotar tudo: a professora de História ficou de melhorar minha nota se eu fizer a tal apresentação sobre Brasília para os colegas. Bem que estou precisando melhorar a nota. Já sei que a minha mãe também vai ficar me amolando com um monte de perguntas: "Gabriel, o que você achou disso?" "Gabriel, o que você achou daquilo?"

A melhor coisa a fazer é prestar atenção em tudo, anotar o máximo possível, como num diário de viagem. Não posso me esquecer de levar um bloco de papel comigo, desses pequenos para caber no bolso. Vou viajar sem vontade e ainda por cima vou ter que trabalhar, anotando tudo. Que programão!


1
2

Brasília, a capital do Brasil, é onde o Presidente da República, ministros, deputados federais e senadores trabalham. Antes de Brasília, a primeira capital do Brasil foi a cidade de Salvador. Depois dela, o Rio de Janeiro.

A construção de Brasília começou a ser planejada em 1956, por decisão do Presidente Juscelino Kubitschek. A ideia era instalar a Capital Federal na região mais central do país. Foi realizado um concurso nacional para a escolha do projeto para a nova cidade.

O projeto vencedor foi o do arquiteto e urbanista Lucio Costa. Ele projetou uma cidade bem diferente das demais cidades brasileiras. A sua proposta segue os preceitos do movimento modernista, tendência da arquitetura e do urbanismo da primeira metade do século XX.

Sobre a proposta vencedora, assim se expressa o urbanista Lucio Costa: "nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz."



O projeto previa, portanto, o cruzamento desses dois eixos num ponto central, determinando a estrutura da cidade: o Eixo Monumental, que constitui a "espinha dorsal" da cidade, e o Eixo Rodoviário, ao longo do qual estão localizadas as superquadras residenciais. O Eixo Rodoviário sofreu um ligeiro encurvamento, de modo a se adaptar à topografia do terreno.

O resultado do desenho proposto por Lucio Costa dá a ideia de um pássaro ou de um avião. Esses dois eixos centrais e as "asas", que acompanham o eixo curvo, conformam o que se costuma chamar hoje de "Plano Piloto" de Brasília.



QUINTA-FEIRA, 17 DE MAIO

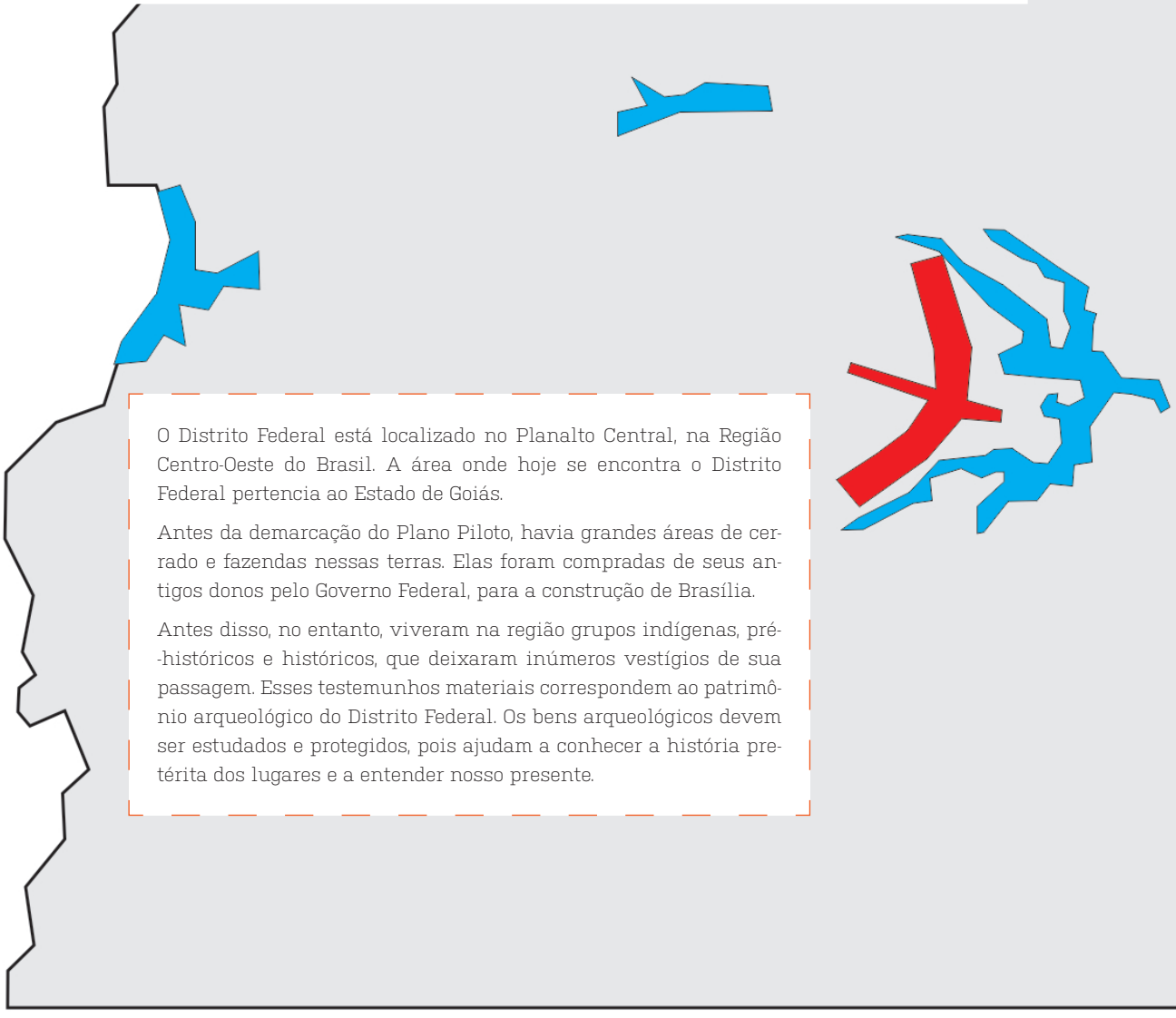
Ainda bem que a minha mãe me deu uma força pra arrumar a mochila, pois eu continuava desanimado com a viagem. Quando ela perguntou o que eu queria levar, quase escapa um "qualquer coisa serve", tamanha a vontade de não viajar.

Meu pai me levou até o aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Foi ideia da tia Ma pegar o avião bem cedo: "Assim ainda aproveitamos o dia para visitar um pouco a cidade". Tia Marina saiu de Belo Horizonte e nos encontramos no aeroporto de Brasília. Ainda bem que meu avião não atrasou.

A Isabel estava esperando a gente no aeroporto. Ela pareceu gente fina. Também é arquiteta, as duas foram colegas de faculdade. E, como a tia Ma, também trabalha com a preservação do patrimônio cultural. Acho que é por isso que são tão amigas.

No aeroporto, vi muito homem de terno e gravata pegando avião, pouca gente com cara de turista. Fiquei pensando com os meus botões: "Tá vendo como eu tinha razão?" A primeira impressão da cidade correspondeu à que eu tinha antes, uma cidade para políticos, de terno e gravata.

Entramos na cidade por uma avenida que a Isabel chamou de Eixão. Ela foi explicando que era uma das vias mais importantes de circulação da capital. Tinha muito carro indo e vindo. Entendi que quem vem das cidades próximas, para trabalhar ou estudar em Brasília. utiliza o Eixão.



O Distrito Federal está localizado no Planalto Central, na Região Centro-Oeste do Brasil. A área onde hoje se encontra o Distrito Federal pertencia ao Estado de Goiás.

Antes da demarcação do Plano Piloto, havia grandes áreas de cerrado e fazendas nessas terras. Elas foram compradas de seus antigos donos pelo Governo Federal, para a construção de Brasília.

Antes disso, no entanto, viveram na região grupos indígenas, pré-históricos e históricos, que deixaram inúmeros vestígios de sua passagem. Esses testemunhos materiais correspondem ao patrimônio arqueológico do Distrito Federal. Os bens arqueológicos devem ser estudados e protegidos, pois ajudam a conhecer a história pretérita dos lugares e a entender nosso presente.



O Distrito Federal é constituído por um quadrilátero de 5 779, 999 km², onde se situam o Plano Piloto de Brasília, alguns novos setores, áreas rurais e diversos núcleos urbanos, formando um conjunto que hoje é identificado como "Brasília".

As cidades no Distrito Federal foram se formando ao longo dos anos, com o crescimento da população. Inicialmente, essas cidades serviam apenas como cidades-dormitório, mas, com o passar do tempo e com o aumento do número de moradores se consolidaram, ganharam melhor infraestrutura e maior autonomia administrativa. Hoje o Distrito Federal se organiza em 35 Regiões Administrativas, cada uma delas com sua sede e núcleos urbanos e/ou rurais menores.

O Governo do Distrito Federal possui autonomia administrativa e política como a dos governos dos estados brasileiros.



Minha mãe estava certa, Brasília é mesmo muito diferente, deu para perceber logo de cara. Não tem ruas ou esquinas como nas cidades que conheço. O que gostei é que tem árvores por todo lado, como se a gente estivesse num parque.

Isabel mora com o marido Pedro e a filha Joana em uma superquadra do Plano Piloto de Brasília. Não posso me esquecer do Pipoca, o cachorro da Joana, personagem importante da casa. Ele é mesmo como pipoca na panela, não para quieto, fica pulando o tempo todo. O apartamento deles é grande, nas paredes tem muitas fotos e quadros com desenhos de prédios e de cidades, tudo superinteressante. Eles têm também estantes cheias de livros, acho que nunca vi uma casa com tanto livro assim, até parece uma biblioteca.

Vou dormir no quarto de hóspedes, que é ao mesmo tempo o escritório do Pedro, com pilhas de papéis em cima da mesa e de livros no chão. Não é como meu quarto, este aqui é uma desordem organizada. Gostei do ambiente do quarto, aconchegante.

Depois do almoço, a Isabel nos levou para dar uma volta de carro. Fomos buscar a Joana no colégio. No caminho, nos mostrou como é uma quadra, ou melhor, uma superquadra residencial, que é onde as pessoas moram; depois outra e mais outra. Ela fez diversos balões (rotatórias), subimos e descemos umas ruas. Parecia tudo igual, eu tinha a impressão de que estávamos passando duas vezes pelo mesmo lugar. Pensei até que ela estivesse perdida, que não soubesse muito bem onde estávamos.

Achei tudo muito estranho, complicado ir de um lado para o outro. Voltando para casa, Isabel mostrou um mapa de Brasília, explicou que os balões servem para organizar os cruzamentos e as "tesourinhas", um tipo de retorno, permitem o acesso aos eixos. Comentou também sobre o projeto do arquiteto Lucio Costa.



No cruzamento dos dois eixos, Lucio Costa desenhou a Estação Rodoviária. Um pouco acima dela, projetou a Torre de Televisão.

O Eixo Rodoviário, ou Eixão, com sentido sul/norte, é a via expressa central que demarca as "asas" e a ocupação residencial.

No outro grande eixo, o Eixo Monumental, com sentido leste/oeste, estão os mais importantes monumentos e órgãos da administração pública. Mais ao leste, localizam-se a Esplanada dos Ministérios, o Congresso Nacional, a Presidência da República e outros órgãos da administração federal. Na porção oeste do Eixo Monumental, foram localizados os órgãos da administração distrital.

O projeto do Plano Piloto organizou a cidade em setores, cada um deles caracterizado por atividades específicas.

Assim, as Superquadras residenciais se distribuem ao longo do Eixo Rodoviário, enquanto que as áreas centrais abrigam os setores Bancário, Comercial, de Diversões, Hospitalar, entre outros. Esses setores, que apresentam uma atividade principal e várias outras complementares, se repetem nas Asas Sul e Norte, de forma espelhada.



Se entendi bem, esses retornos que sobem e descem, que parecem todos iguais e que dão a impressão de que a gente está sempre passando no mesmo lugar, são as chamadas tesourinhas. São como trevos de estradas, com a forma de tesouras. O arquiteto previu os balões e as tesourinhas para evitar o cruzamento das ruas e facilitar o tráfego. Assim, não é preciso semáforos para controlar o trânsito e entrar nas superquadras. Que ideia mais bacana a dele!

Pelas tesourinhas, como contou a Isabel, a gente chega no Eixão, o Eixo Rodoviário, que é a grande avenida central que pegamos vindo do aeroporto, e que atravessa as duas asas: a Asa Sul e a Asa Norte. O Eixão cruza com um outro, o Eixo Monumental, no ponto central da cidade, e é nesse ponto que se localiza a Rodoviária.

Que nomes mais engraçados: eixão, eixinho, tesourinha! Realmente, tudo é aqui é bem diferente!

Eu devia estar com cara de quem não estava entendendo nada, pois a Isabel fez o maior esforço para explicar tudo direitinho. Olhando o mapa de Brasília, e com os desenhos que ela fez, comecei a compreender alguma coisa.

A forma como a cidade é estruturada faz com que a organização das ruas e os acessos se repitam nos diferentes setores da cidade. É por isso que tudo parece igual. E, como os prédios das superquadras residenciais têm, no geral, seis andares e mais ou menos o mesmo tamanho, isso ajuda também a fazer com que tudo fique muito parecido e a confundir os lugares.

Quem mora aqui percebe bem a diferença e ninguém se perde. Mas para quem é de fora, como eu, entender tudo isso não é brincadeira, não. Tive a impressão de estar em outro planeta, muito diferente da Terra. A Isabel bem que podia ir fazer a apresentação no meu lugar, lá na escola.

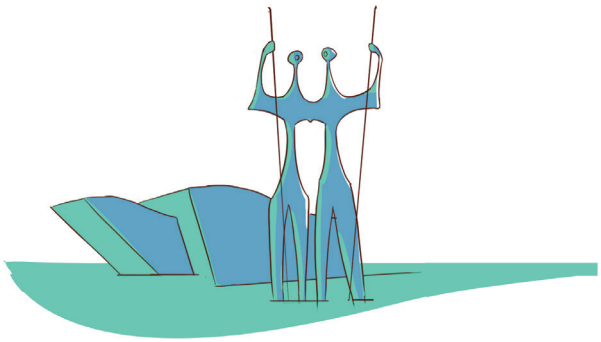
Ela contou coisas superinteressantes sobre a história de Brasília. Comentou que a cidade foi construída em três anos e dez meses. Contou que veio gente de quase todos os estados brasileiros para trabalhar na construção. As pessoas ficaram entusiasmadas com a ideia do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, o Presidente JK, de construir uma nova capital bem no meio, no coração do Brasil.





Oscar Niemeyer sobre a construção de Brasília: "E ali ficamos durante vários anos. Longe de tudo. Cobertos dessa poeira vermelha que durante os períodos de seca se incrustava na pele e, na estação das chuvas, paralisados pelas águas torrenciais que caíam sem controle sobre essa terra sem defesa. À noite, era um silêncio total naquele fim de mundo. Mas o entusiasmo superava tudo e Juscelino Kubitschek a todos dava o exemplo com seu otimismo constante."

Para essas pessoas morarem, foi construído, no final de 1956, um acampamento com barracos de madeira, que foi chamado de Cidade Livre. Os homens e as mulheres que vieram participar da construção moravam ali. Durante muitos anos, a Cidade Livre serviu de alojamento para os operários, apelidados de "candangos". Com o tempo, esse acampamento cresceu muito e hoje é uma das cidades do Distrito Federal, o Núcleo Bandeirante. Isabel me mostrou várias fotos da época da construção de Brasília. Muito impressionante.



"Candango" é o termo dado aos trabalhadores que imigravam à futura capital para sua construção. Devido à sua importância para a cidade, hoje o nome "candango" é dado também para as pessoas que nascem no Distrito Federal, como uma forma de homenagear os pioneiros.

Para receber o Presidente da República, quando ele vinha visitar as obras da nova capital, construíram o Catetinho, uma casa também toda de madeira. O Catetinho foi construído em dez dias e foi a primeira residência oficial do Presidente da República em Brasília. O prédio também é conhecido como Palácio de Tábuas.

Do nada, em menos de quatro anos, tínhamos uma cidade nova e não era uma cidade qualquer, era a capital do Brasil. Assim nasceu Brasília, do projeto de Lucio Costa e da determinação do Presidente JK. E a cidade virou patrimônio!

No Dicionário Aurélio, o termo Patrimônio é definido como:

1. Herança paterna.

2. Bens de família. Sentido figurado: riqueza.

3. Bem, ou conjunto de bens culturais ou naturais, de valor reconhecido para determinada localidade, região, país, ou para a humanidade, e que, ao se tornar(em) protegido(s), como, por exemplo, pelo tombamento, deve(m) ser preservado(s) para o usufruto de todos os cidadãos.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 216, define em que consiste o Patrimônio Cultural brasileiro:

"Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

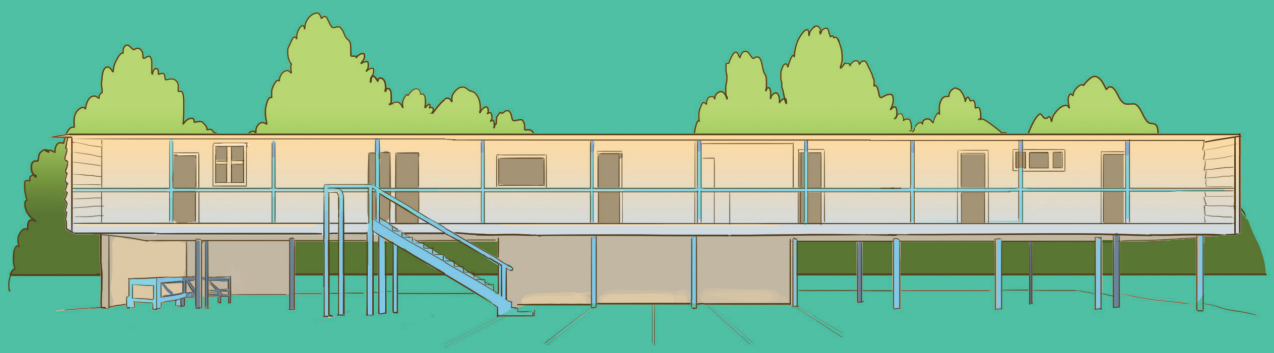
III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico."

Patrimônio, portanto, é o conjunto de objetos, bens ou valores que possuem significado e importância para um determinado grupo de indivíduos, e que a ele interesse preservar.

Nem tudo ficou pronto para a inauguração em 1960, faltava muita, muita coisa. No entanto, a cidade foi inaugurada e o Presidente da República mudou-se para cá. A nova capital tinha o essencial para o Governo começar a trabalhar. O restante foi sendo construído aos poucos.



Brasília foi inaugurada no dia 21 de abril de 1960. Um escritor, Paulo Mendes Campos, que estava presente no dia da inauguração escreveu sobre esse dia e sobre as dificuldades até para tomar um café da manhã: "[...] quando acordamos na manhã seguinte já éramos capital; e então tomamos cerveja com pão, não tendo encontrado café, e nos dirigimos apressados à Praça dos Três Poderes."

A gente fica desenhando no caderno um monte de coisas, rabiscando um monte de bobagens, e não é que um arquiteto desenhou uma cidade da cabeça dele, como se estivesse rabiscando qualquer coisa num papel, e a partir desses desenhos construíram Brasília? Isso é incrível! Como é que, de um projeto que, vendo no papel, não diz grande coisa, foi construída uma cidade como esta? Acho que não tem nada parecido com Brasília em nenhum outro lugar.

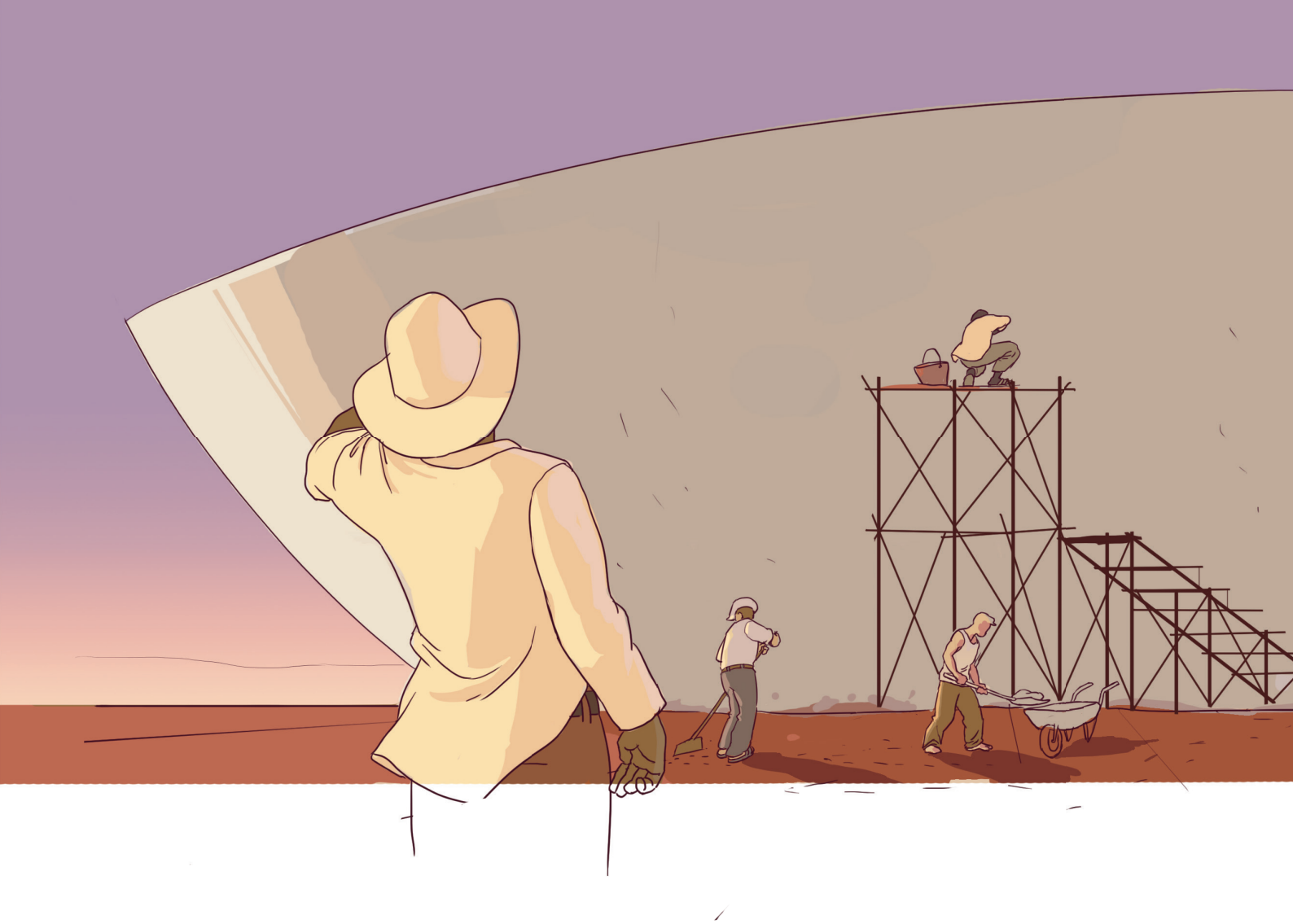
Comecei a achar aquela história muito, muito interessante. Nem comentei com a tia Marina que eu tinha pensado em não vir, e que foi a minha mãe quem me convenceu. Não podia pagar esse mico.

Fiquei escutando as duas amigas, tia Ma e Isabel, conversando sobre a construção de Brasília, sobre os detalhes do projeto de Lucio Costa e, de repente, me dei conta de que foi uma grande aventura. A construção deve ter sido algo espetacular, com obras por todo lado, com um monte de homens trabalhando dia e noite, guindastes, uma porção de caminhões carregando cimento, tijolos, telhas, máquinas, tratores, martelos batendo o tempo todo, com vários prédios sendo construídos ao mesmo tempo. Fiquei imaginando aquele monte de gente indo e vindo de um lado pro outro, um movimento sem parar e, de repente, do nada, num lugar onde antes eram só fazendas, com terra por todo lado, surgiu uma cidade nova!

Deve ter sido interessante o encontro de toda essa gente com sotaques diferentes, das várias regiões do Brasil. Isabel comentou que até hoje Brasília é uma mistura de pessoas de origens diferentes. Num mesmo local de trabalho, pode-se encontrar um carioca, um pernambucano, um mineiro, um gaúcho, um acreano, cada um falando com o sotaque do seu estado. Mas a cidade já tem duas gerações nascidas aqui: são os brasilienses, como a Joana.

Uma cidade tão diferente das outras, uma cidade que foi pensada, desenhada, projetada por um arquiteto-urbanista. Isso não é genial? Esse cara, o arquiteto Lucio Costa, devia ser um gênio. E o Presidente JK também apostou no projeto e Brasília aí está! E isso não faz muito tempo, um pouco mais de 50 anos.

Brasília é uma cidade bem nova, quando a gente compara com as datas de fundação de outras cidades brasileiras: Salvador foi fundada em 1549, São Paulo em 1554, a cidade do Rio de Janeiro em 1565 e Brasília em 1960!



Tive uma aula completa sobre Brasília, com as melhores professoras locais. A Joana que, diga-se de passagem, é uma gata de olhos esverdeados e um sorriso lindo, também foi contando o que sabia e tudo ficou ainda muito mais interessante. O arquiteto Lucio Costa pensou em tudo, em todos os detalhes: onde as pessoas iriam morar, onde ficariam as lojas e os órgãos do Governo Federal. Será que ele se esqueceu de alguma coisa? Pelo que elas contaram, acho que ele pensou em tudo, tudo mesmo.

A tia Marina já havia me explicado isso antes. Quando uma cidade é importante pelo tipo de arquitetura de suas casas, prédios ou igrejas; quando uma cidade é reconhecida como valiosa pelo que representa para o país, ela é considerada patrimônio histórico e cultural. Por isso, o Governo a protege, para que seja preservada. Essa proteção é feita por Lei, é o Tombamento. Isso significa que a cidade é um patrimônio de valor excepcional para todos os brasileiros. Essa legislação ajuda a preservação da cidade e tem como objetivo impedir que os prédios sejam danificados ou demolidos. Tombamento é um nome bem esquisito para proteger o patrimônio cultural, mas a tia Ma disse que é isso mesmo.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan é o órgão do Governo Federal que tem como missão proteger, fiscalizar, promover, estudar e pesquisar o patrimônio cultural brasileiro.

O Iphan atua em conjunto com a sociedade para preservar as realizações materiais e imateriais representativas da criatividade, diversidade, expressividade e excepcionalidade produzidas em todas as épocas e em todas as regiões do Brasil.

O **Tombamento** é uma das formas de preservação de um bem cultural material. É um ato administrativo que pode ser realizado pelo Governo Federal, pelos governos dos estados, ou, ainda, por uma prefeitura municipal. Um bem cultural pode, também, ser tombado por todas essas instâncias: federal, estadual e municipal.

O Tombamento de um imóvel, de um objeto, de uma obra de arte, ou do centro histórico de uma cidade, corresponde ao reconhecimento oficial do seu valor e interesse para a preservação da memória coletiva.

Um bem cultural tombado deve ser preservado na sua integridade, ou seja, não pode ser demolido, destruído ou descaracterizado. Qualquer alteração que se pretenda realizar em um bem tombado deve ser aprovada com antecedência pelo órgão responsável por sua proteção.

O Tombamento de bens culturais, no nível federal, é regido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Os tombamentos federais são responsabilidade do Iphan e começam pelo pedido de abertura do processo, por iniciativa de qualquer cidadão ou instituição pública. Pode ser aplicado aos bens móveis e imóveis, de interesse cultural ou ambiental. O objetivo é preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, de modo a garantir sua permanência no tempo e no espaço e seu usufruto pelas sucessivas gerações.



Demorei um bocado para entender porque Brasília é considerada patrimônio cultural. Do que eu conheço das cidades históricas de Minas Gerais, pensava que uma cidade só podia ser considerada patrimônio se fosse antiga e com uma porção de igrejas e prédios antigos. A Isabel contou que Brasília é tombada, ou seja, o Conjunto Urbanístico de Brasília, construído com base no projeto de Lucio Costa, foi reconhecido como patrimônio cultural de todos os brasileiros. Ela trabalha num órgão que cuida da preservação de Brasília e conhece tudo isto como ninguém. E eu que achava que patrimônio cultural só tinha nas cidades mineiras, ou nas cidades do nordeste do Brasil, como na Bahia ou em Pernambuco.

Não abri a boca, não quis parecer ignorante. Para a Joana não achar que sou muito sem noção, nem comentei que não sabia nada sobre Brasília até chegar aqui. Dei uma de entendido para impressionar, falei um pouco do que sabia sobre o patrimônio das cidades históricas mineiras, graças ao que havia aprendido com a tia Marina.

Taí uma coisa que aprendi direitinho: as cidades mineiras foram tombadas pelo Iphan, porque foi reconhecida a importância de cada uma delas. Um prédio ou o centro histórico de uma cidade é tombado pelo que representa enquanto exemplo de uma época ou de um estilo de arquitetura. Um centro histórico de uma cidade, ou um prédio de importância histórica ou artística, é preservado para que todas as gerações possam conhecê-lo e dele usufruir, a nossa geração no presente, e as dos nossos filhos e netos no futuro.

Já Brasília foi tombada pelo Iphan não por ser uma cidade do século XX, mas porque é um marco pelo seu projeto inovador, e por ser referência de um momento significativo na história mundial da arquitetura e do urbanismo. A cidade, resultado do projeto urbanístico de Lucio Costa, tem seu valor reconhecido por ser uma proposta nova e diferente de cidade. O tombamento é o reconhecimento oficial de sua importância.

Fiquei com a impressão de que as viagens a Minas foram viagens ao tempo passado, já a viagem para Brasília está sendo uma viagem ao futuro.

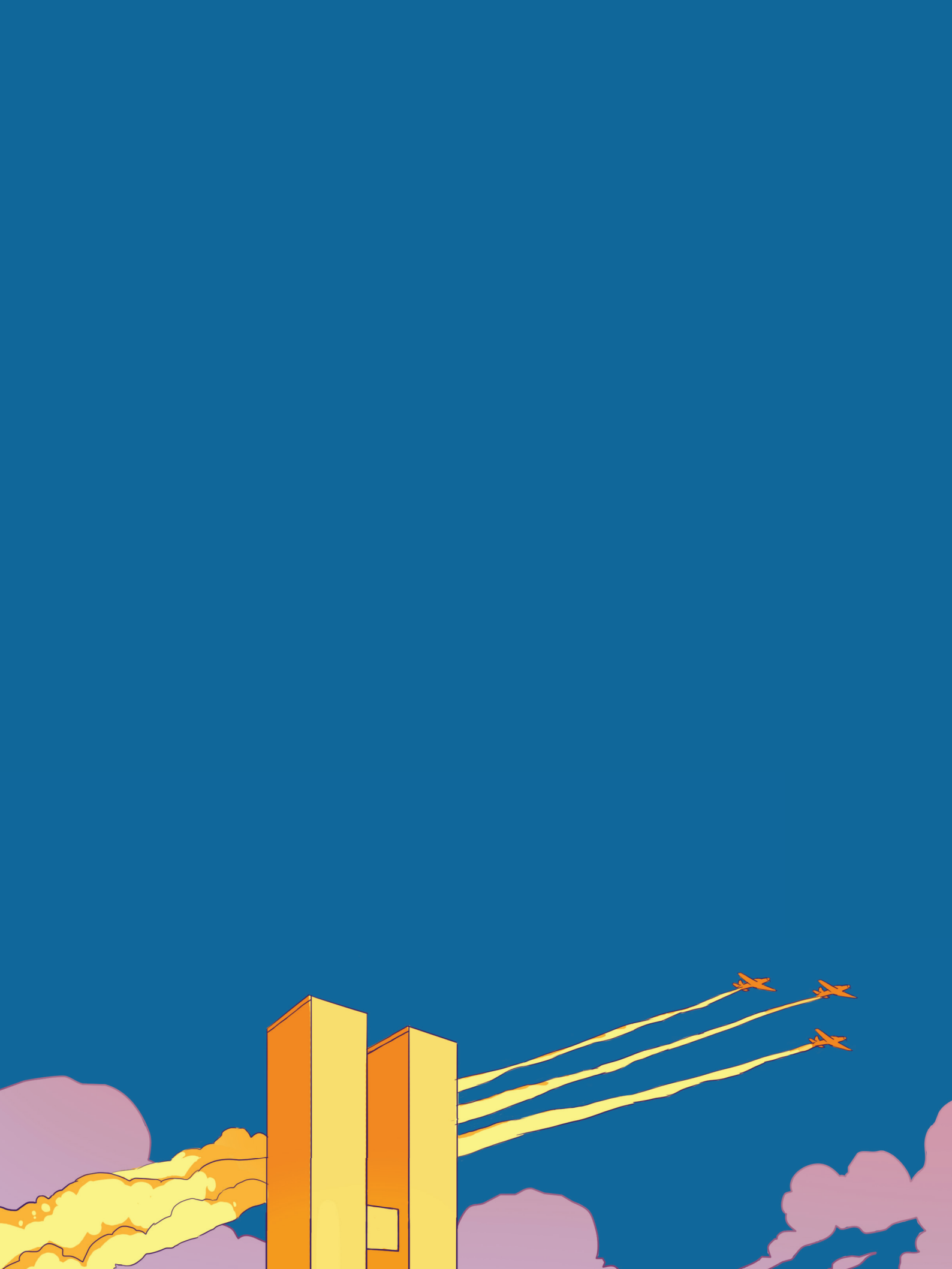
Além de ser patrimônio brasileiro, aprendi ainda que Brasília também é considerada Patrimônio Cultural da Humanidade! A UNESCO reconheceu a cidade como um patrimônio de valor universal, e isso tornou a cidade conhecida no mundo todo.

UNESCO é um órgão da Organização das Nações Unidas/ONU, que se ocupa das questões relacionadas com a educação, ciência e cultura, em todo o mundo.

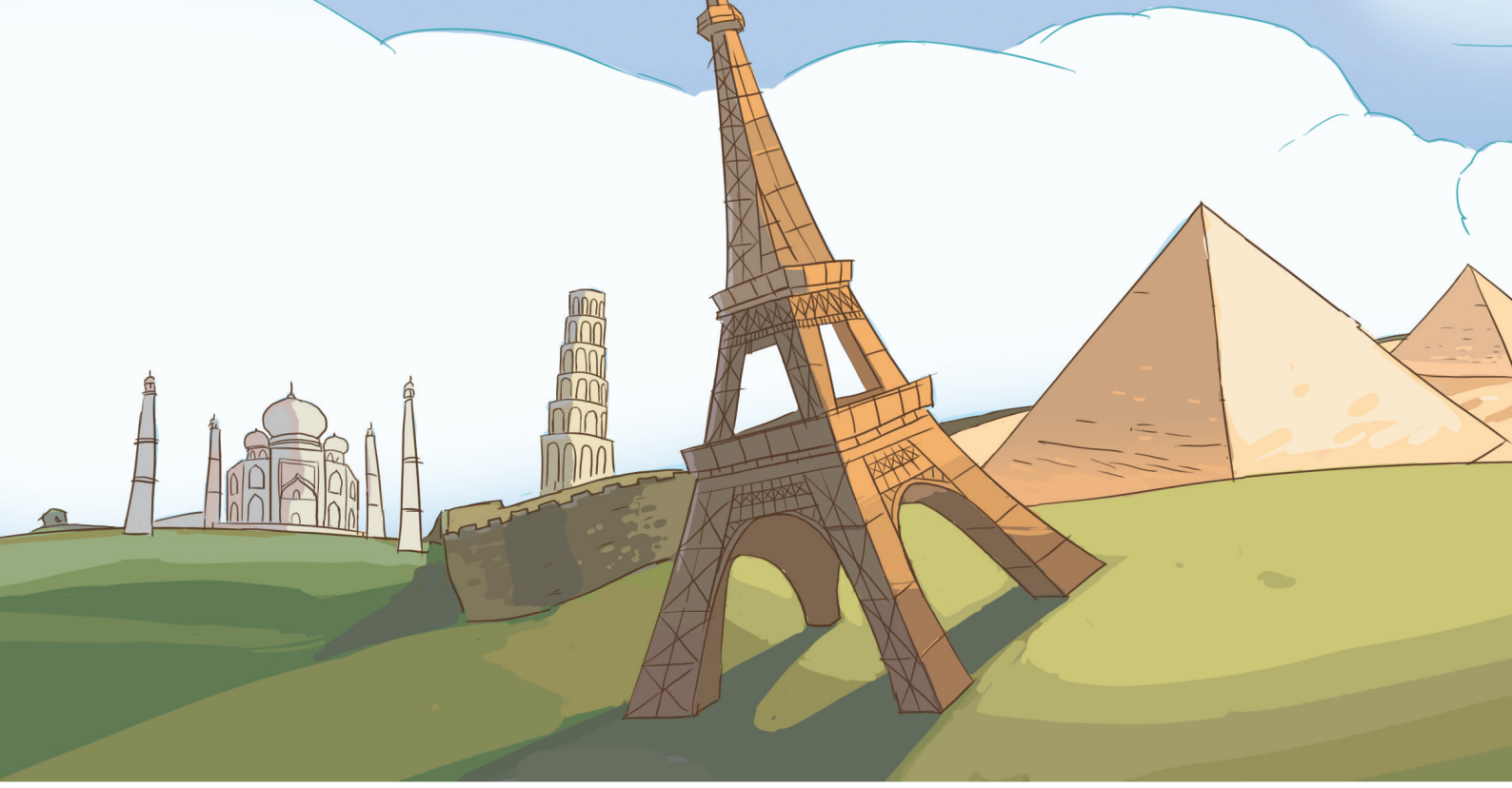
Para incentivar a preservação do patrimônio no mundo, a UNESCO criou a Lista do Patrimônio Mundial. Essa lista é composta de bens culturais e naturais de diversos países (palácios, prédios, centros históricos de cidades, parques etc.) considerados significativos para a toda humanidade, ou seja, de valor universal. Esses diferentes bens patrimoniais são testemunhos da diversidade cultural. A ideia é preservar as múltiplas formas da criatividade humana. Diversos países têm bens inscritos nessa Lista.

Com essa Lista, os bens culturais se destacam, são valorizados e os países dão mais atenção à sua preservação.





Muitos estados e municípios brasileiros possuem órgãos e legislação para a preservação de seu patrimônio cultural. A responsabilidade de proteger e promover o patrimônio cultural brasileiro deve ser compartilhada entre o poder público e a sociedade.



O Brasil tem 19 itens* na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, como por exemplo, entre outros, os centros históricos das cidades de Ouro Preto, Olinda e Goiás; são reconhecidos também como Patrimônio da Humanidade o arquipélago Fernando de Noronha e áreas protegidas de Cerrado, considerados como patrimônio natural. (*até 2014)

Na lista dos monumentos que fazem parte do patrimônio mundial da UNESCO temos as pirâmides do Egito, a grande Muralha da China, os grandes monumentos da cidade de Paris, o Taj Mahal na Índia, a cidade de Veneza na Itália, e Machu Picchu no Peru, entre outros. Uau! Brasília é muito mais importante do que eu imaginava. E eu que não sabia nada disso!

Não sabia que Brasília tinha algo em comum com esses grandes monumentos superfamosos. Somos muito importantes pela nossa capital, isso é demais! Como diz meu avô: "Vivendo e aprendendo".



Alguns bens patrimoniais da Lista da UNESCO:

Pirâmides do Egito: construções que serviam de túmulos para os antigos Faraós.

Grande Muralha da China: constitui a maior obra de defesa militar do mundo, levou muitos séculos para ser construída.

Paris, capital da França, com seus grandes monumentos, tais como: o Museu do Louvre, a Torre Eiffel, a Catedral de Notre-Dame, considerados como obras primas da arquitetura.

A cidade de Brasília é uma referência para o mundo inteiro. Faz parte da Lista da UNESCO pela importância de seu projeto urbanístico moderno. Compreendi também que o patrimônio brasileiro é muito diversificado.

Até a minha professora de história vai ficar surpresa quando eu fizer a apresentação e contar tudo isso. Comecei a me sentir o máximo visitando uma cidade tão importante.

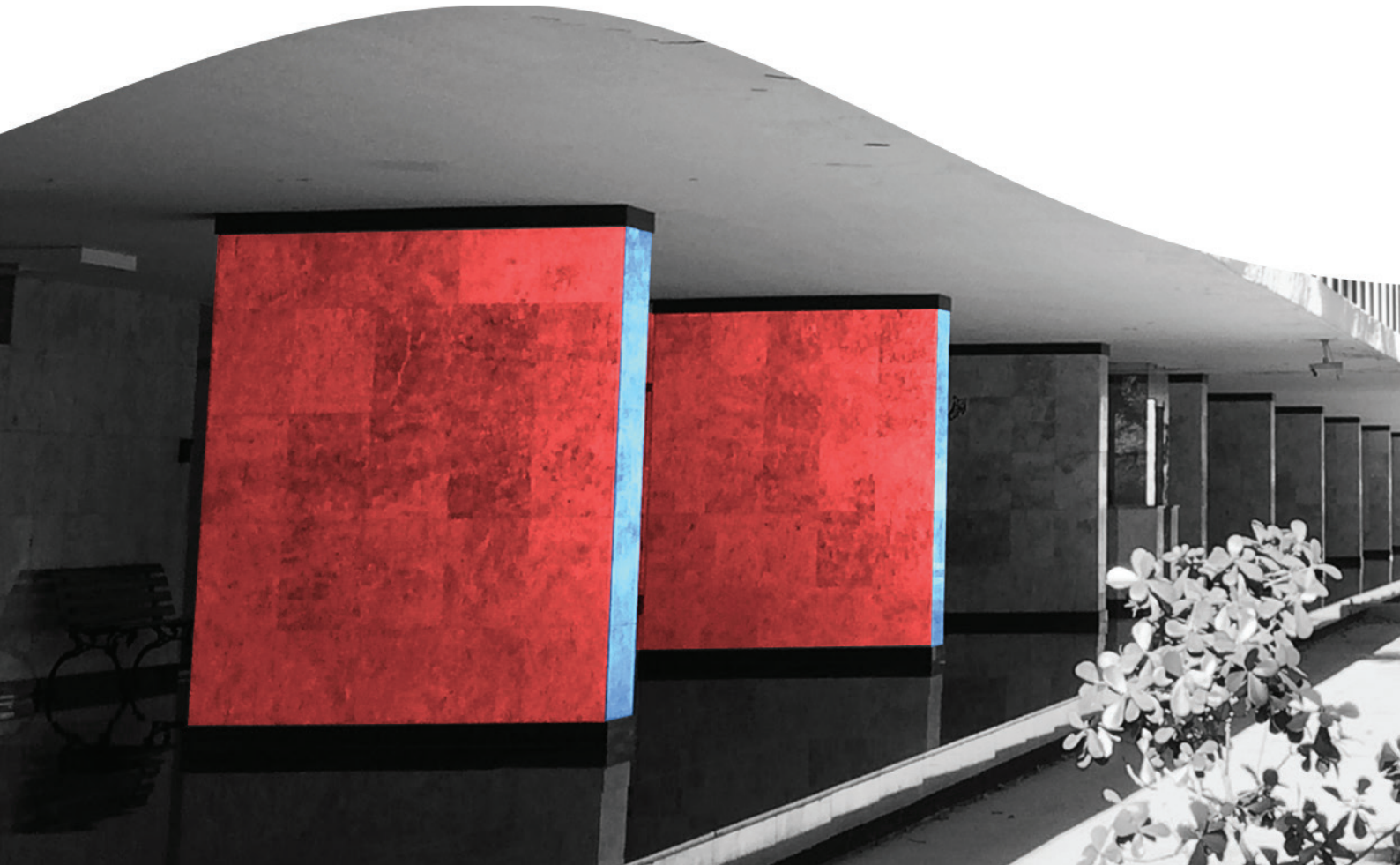
Brasília entrou na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO por ser um exemplo concreto dos princípios e ideais do movimento modernista, perfeitamente adaptados à realidade brasileira pelos projetos urbanístico e arquitetônico inovadores de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Além disso, foi igualmente destacada a grandiosidade do processo de implantação de Brasília, pensado e executado como uma estratégia de desenvolvimento para o país, e de autoafirmação do Brasil diante do mundo todo.

Ainda bem que os monumentos são tombados e protegidos, senão eles acabariam danificados. Dá para imaginar o Cristo Redentor no Rio de Janeiro sem um braço? Ou a Torre Eiffel, de Paris, enferrujada? Por sorte, não deixam isso acontecer. Aí minha mãe não ia mais poder cantar a música que ela gosta tanto, que até eu já sei de cor:

"Minha alma canta, vejo o Rio de Janeiro. / Estou morrendo de saudade. / Rio, teu mar, praias sem fim. Rio, você foi feito pra mim. / Cristo Redentor, braços abertos sobre a Guanabara..."
(Samba do Avião, Tom Jobim)

Acho que minha mãe tinha mesmo razão quando insistiu para eu aceitar o convite da tia Ma para conhecer Brasília. Mal cheguei à cidade e já tenho um monte de coisas para contar quando voltar para casa. Vou poder responder direitinho ao interrogatório que meus pais costumam fazer. Eles devem ter feito um estágio na polícia, pois são muito bons em interrogatórios.

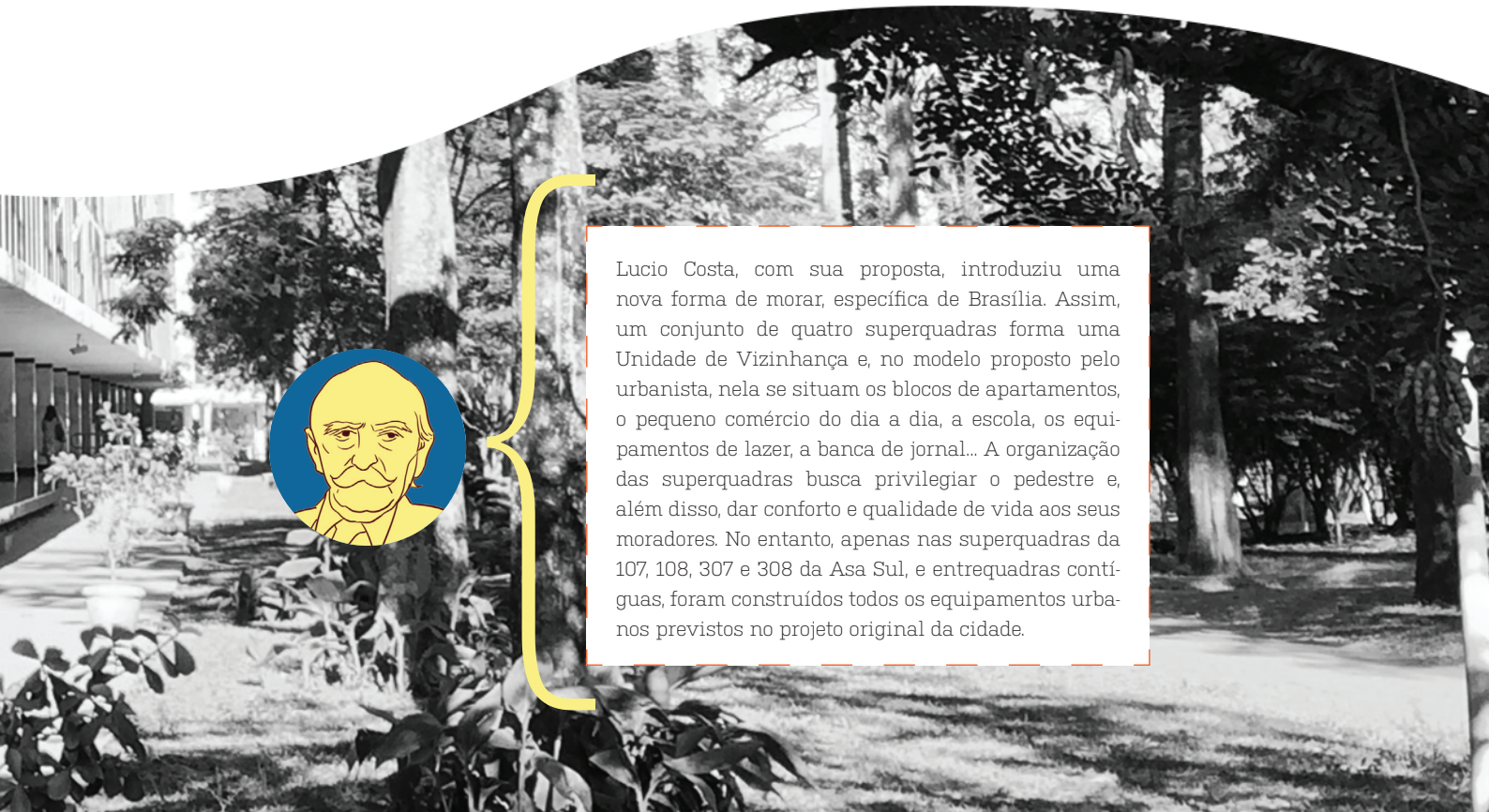
Fomos passear a pé pelas quadras vizinhas para eu poder ver de perto como tudo é organizado. Cada superquadra residencial tem um conjunto de prédios de apartamentos. Aqui eles chamam os prédios de blocos. Esses prédios nunca tocam o solo, não são



grudados no chão como os prédios de outras cidades que conheço. São suspensos por colunas ou pilotis, assim o térreo dos blocos é sempre livre e todo mundo pode passar de um lado para o outro.

Em volta dos blocos tem gramados e todo tipo de plantas, e árvores de fruta aos montes. A gente anda embaixo de abacateiros, mangueiras, jaqueiras, amoreiras, goiabeiras e árvores de muitas outras frutas. Eu nunca tinha visto isso antes em uma cidade. Mangueiras e abacateiros por todo lado. Tenho a impressão de que na época das frutas todo mundo tem que prestar muita atenção, senão um abacate ou uma manga pode cair na cabeça de alguém. Pior seria uma jaca cair na minha cabeça, elas são enormes. E depois, se eu tiver que contar que, passeando por aí, uma jaca caiu na minha cabeça, a galera vai rir da minha cara.

As superquadras residenciais são agrupadas duas a duas e, entre elas, existe uma rua que as separa. Nessas ruas é onde fica o comércio local e se compra de tudo: pão, carne, fruta, remédio, caderno. As quadras têm escolas e parquinhos para as crianças brincarem; em algumas há até quadras de esporte. Tudo para facilitar a vida dos moradores. Joana explicou que as quadras da Asa Sul se repetem na Asa Norte, com a mesma numeração. Uma Asa é como que o espelho da outra.

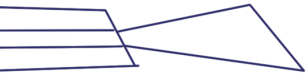


Lucio Costa, com sua proposta, introduziu uma nova forma de morar, específica de Brasília. Assim, um conjunto de quatro superquadras forma uma Unidade de Vizinhança e, no modelo proposto pelo urbanista, nela se situam os blocos de apartamentos, o pequeno comércio do dia a dia, a escola, os equipamentos de lazer, a banca de jornal... A organização das superquadras busca privilegiar o pedestre e, além disso, dar conforto e qualidade de vida aos seus moradores. No entanto, apenas nas superquadras da 107, 108, 307 e 308 da Asa Sul, e entrequadras contíguas, foram construídos todos os equipamentos urbanos previstos no projeto original da cidade.

Os endereços em Brasília são bem estranhos. Quem mora na Asa Sul tem como endereço SQS, o que quer dizer Super Quadra Sul. Na Asa Norte é SQN – Super Quadra Norte. As ruas e avenidas aqui são chamadas de vias: tem a W3, a W4, a L2 e os eixos. Coitado do carteiro, como será que ele faz?



Outra coisa que notei é que a gente quase não vê fios elétricos nas ruas. A Joana explicou que tudo passa por baixo da terra. A gente só vê os postes de iluminação, nada daquele monte de fios entre os postes, que, em alguns lugares, até parece teia de aranha. Aqui não, a gente olha pra cima e só vê céu. Também aprendi com ela que o Lucio Costa projetou a cidade para não precisar de semáforos. Mas, com o crescimento da população e do número de carros, muita coisa precisou ser adaptada, foi por isso que colocaram semáforos em diversos pontos da cidade.



Depois da aula e do passeio, a cidade me pareceu mais interessante, comecei a entender melhor tudo aquilo: a superquadra é onde as pessoas moram, nas entrequadras de comércio é onde estão as lojas. E tudo isso com muito jardim e muita árvore, plantas e flores por todo lado. Lucio Costa propôs uma cidade-parque e ele conseguiu isso.

Cansei! Foi muita coisa pra um dia só, e ainda é só o primeiro dia. Na minha cabeça, não cabe mais nenhuma informação, não sobrou espaço pra mais nada. Espero ter conseguido anotar tudo, não posso brincar em serviço.

Vou tratar de dormir. Pelo visto, teremos muito mais amanhã.

SEXTA-FEIRA, 18 DE MAIO

Acordei com o Pipoca, o cachorro da Joana, lambendo a minha mão. Que susto! O pior é que eu nem lembrava onde estava. Conheci o cachorro ontem, acho que ele foi com a minha cara, para vir lamber minha mão logo cedo. Mas prefiro ser acordado por despertador de verdade, desses que fazem tique-taque, o susto é menor.

Como a tia Ma e a Isabel tinham reunião na Universidade de Brasília e Joana não tinha aula pela manhã, fomos passear pelo campus da universidade. Aprendi mais uma coisa nova: campus é o conjunto de edifícios e terrenos de uma universidade.

Na cidade onde moro, no interior de São Paulo, tem uma faculdade particular, com alguns prédios feios, tudo quadrado. Fiquei surpreso com a beleza do campus da UnB, muito grande, com muito gramado e plantas por todo lado. Nunca tinha imaginado uma universidade assim!

Realmente, que sorte a minha, a Joana não achou ruim ter que me acompanhar. O Pipoca veio junto, fazendo a maior festa o tempo todo. Fizemos um tour completo e a Joana assumiu seriamente o papel de guia turística. Não é todo o dia que a gente tem uma guia dessas para visitar um lugar, é o máximo!

Começamos a visita pelo que eles chamam de Minhocão, um prédio comprido e que, pelo lado de fora, parece muito sem graça. Mas quando a gente entra no prédio, surpresa, a área interna e o

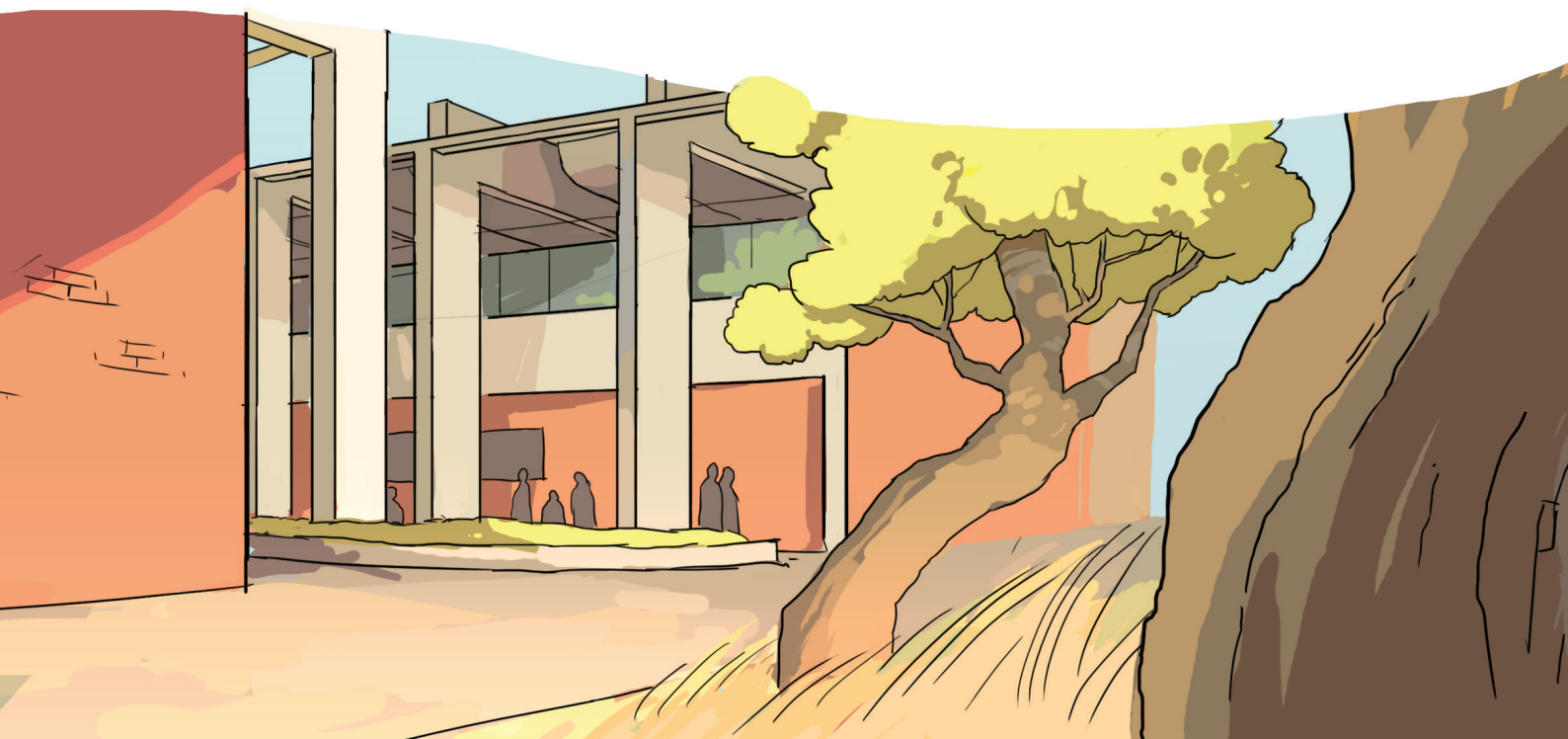
jardim são muito legais. É outra coisa por dentro. As salas de aula ficam dos dois lados desse jardim. Com muito estudante conversando por todo lado, entrando e saindo das salas, maior animação. Fiquei até com vontade de estudar lá.

Achei o projeto arquitetônico (palavra que aprendi com a tia Ma e não fiz feio com a Joana) do Minhocão muito diferente. A Joana explicou que o prédio foi desenhado pelo famoso arquiteto de Brasília, o Oscar Niemeyer. A Isabel já havia comentado sobre ele, só que eu não tinha prestado muita atenção e não sabia nadinha a respeito. Para mim, foi mais uma grande descoberta.

Nas viagens com tia Ma, prestei muita atenção na arquitetura dos prédios coloniais das cidades históricas mineiras, nas igrejas barrocas e em tudo o mais. Mas nunca tinha prestado atenção nos prédios construídos recentemente. Fui obrigado a considerar que os prédios de Brasília são especiais, impressionantes mesmo. Logo me dei conta de que isso era só o começo do que tinha para ver do trabalho do famoso arquiteto de Brasília.

Depois do Minhocão, fomos visitar o prédio da Reitoria, que é onde fica a diretoria da Universidade, onde trabalha o reitor, como explicou minha guia.

Logo de cara, achei o prédio da Reitoria um tanto esquisito. Mas depois, prestando atenção nos detalhes, gostei e muito! Difícil de descrever, mas são dois blocos retangulares, e se vai de um bloco para o outro por rampas abertas para fora. Em cada andar, a mesma coisa, as escadas e os corredores são abertos, sem paredes fechando



suas laterais. Do lado de fora, a gente vê as pessoas passando pelos corredores. E as pessoas no prédio, quando vão de um lado para o outro, podem ver o horizonte, apreciar a natureza. O prédio tem plantas por todo lado, o que o torna ainda mais interessante. Como o Minhocão, este prédio também é muito, muito diferente de tudo o que eu já tinha visto antes. Anotei o nome do arquiteto da Reitoria, não posso esquecer de falar dele na escola: Paulo Zimbres.

Joana explicou que um dos detalhes da arquitetura moderna, da época da construção da cidade, é a utilização do concreto que fica sem revestimento ou acabamento, ou seja, a parede não é pintada, como é o caso do prédio do Minhocão, da Reitoria e da Biblioteca da Universidade de Brasília, a UnB. Isso é conhecido como concreto aparente. Realmente, essa guia sabe tudo.

A Biblioteca da Universidade fica perto da Reitoria, e é outro prédio que achei sensacional. O arquiteto que fez o projeto foi o José Galbinski, também professor do curso de Arquitetura da UnB; anotado! A fachada tem colunas muito altas de concreto aparente. Joana explicou que essas colunas são brises, servem para proteger o interior do prédio do sol. Por fora, não dá para se ter ideia de como são os espaços internos do prédio, pois os brises fecham toda a fachada. Como se fossem persianas gigantes. Uma pena que não deu para visitar o interior da Biblioteca, por causa do Pipoca. "Cachorro não entra"! Brincamos com o porteiro dizendo que o Pipoca sabia ler, mas não teve jeito.





CERRADO NO DICIONÁRIO AURÉLIO:

Tipo de vegetação caracterizado por árvores baixas, retorcidas, em geral dotadas de casca grossa e suberosa (ou seja, parecendo cortiça), espaçadas, e que leva por baixo tapete de gramíneas. Ocorre no Planalto Central Brasileiro, na Amazônia, em parte do Nordeste, e muito pouco no Sul.

Terreno, ordinariamente plano, com esse tipo de vegetação e longos períodos de seca; campo cerrado, cerradão, cerradal.

Brasília se situa em uma região de Cerrado, o segundo maior bioma brasileiro, que faz fronteira com todos os demais.

Em ecologia, chama-se bioma a uma comunidade biológica, ou seja, fauna e flora e suas interações entre si e com o ambiente físico.

O Cerrado tem um papel de destaque no fornecimento de água para o país. Localizado principalmente no Planalto Central Brasileiro, um divisor continental de águas, fornece águas para as três maiores bacias hidrográficas da América do Sul: São Francisco, Tocantins-Araguaia e Paraná, daí as referências como o Berço das Águas do Brasil. Todos os biomas do país, de alguma forma, bebem das águas do Cerrado.

Como a Joana aprendeu muita coisa com a mãe dela e eu com a tia Ma, ficamos discutindo sobre o que é mais interessante: ser arquiteto ou ser engenheiro? Rolou um papo muito legal. A Joana vai ser arquiteta como a mãe, dá para ver como se interessa pelos prédios de Brasília, ela fala de tudo com a maior admiração. E não joga conversa fora, com ela é só papo cabeça. Essa garota é demais!

Tentei achar as palavras certas na hora de falar, para parecer mais inteligente, mas gaguejei muito, acho que só disse besteira. Comentei sobre as viagens às cidades mineiras que fiz com a tia Marina. Ela fez um montão de perguntas sobre essas cidades, porque só conhece Ouro Preto. Por sorte, me lembro bem de tudo o que vi em Minas, deu para contar alguma coisa.

Conversamos também sobre música e descobri que gostamos das mesmas bandas de rock. Genial, temos algo em comum.

Passeando pelo campus, a Joana foi contando coisas sobre Brasília. Aqui tem duas estações no ano: a da seca, que vai de meados de abril até setembro, e o período das chuvas, de meados de outubro a março. No início das chuvas aparecem as cigarras, que ficam grudadas nos troncos das árvores e fazem um barulho enorme o dia inteiro, até cansa todo mundo. Isso eu nunca tinha ouvido falar que as cigarras pudessem fazer tanto barulho assim.

Joana explicou também que Brasília tem clima e vegetação de cerrado, e mostrou algumas árvores baixas, meio tortas, típicas da região. Com a construção da cidade mudou muito a vegetação do lugar.

Gostei de saber que, em Brasília, nunca faz muito frio, o clima é quase sempre agradável. Como não gosto muito de frio, quem sabe um dia venho morar aqui, por que não?

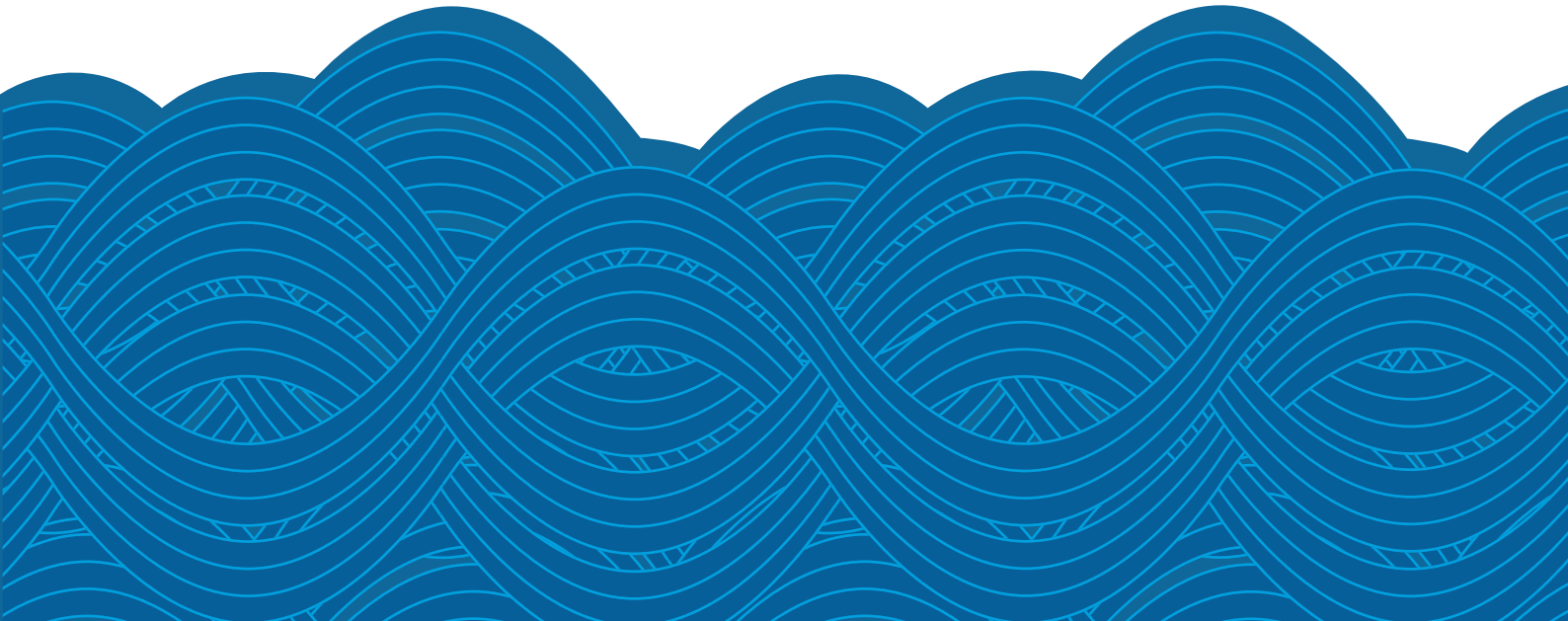
A UnB fica perto do lago Paranoá, um lago artificial que foi construído para aumentar a umidade do ar na cidade, porque a Região Centro–Oeste é muito seca, e também para proporcionar um local de lazer para os moradores. O lago foi formado pelo represamento das águas do Rio Paranoá e de outros quatro riachos. Puxa, eles pensaram mesmo em tudo no momento de construir a cidade.

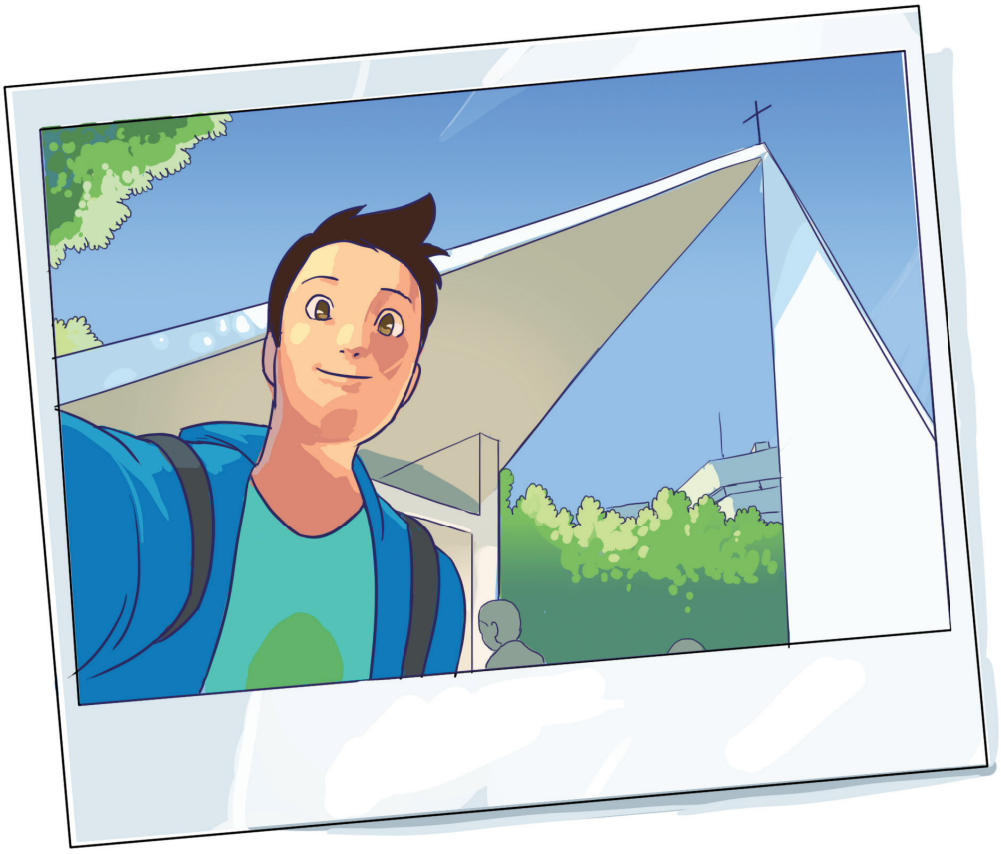
Joana perguntou se eu estava gostando do passeio: "Claro que sim, de tudo mesmo". Sim, tudo perfeito, melhor impossível. O Pipoca também adorou o passeio, com certeza.

À tarde, como tia Ma e Isabel tinham que voltar para a reunião na UnB, e a Joana tinha que ir para o colégio, decidi passear sozinho. Antes de sair, anotei num pedaço de papel o número da quadra, do bloco e do apartamento; enfim, o endereço completo da Isabel, com medo de me perder e não saber voltar pra casa. Como tudo aqui é meio parecido, achei melhor estar prevenido e não dar bobeira.

Caminhando até a Superquadra 308 Sul, descobri uma igreja muito pequena, muito legal. Pelo que a Joana tinha explicado sobre os projetos do arquiteto Oscar Niemeyer (que, para ele, a arquitetura tinha que surpreender, tinha que ser diferente de tudo o que já se havia construído antes, com formas novas), logo vi que a igreja era um projeto dele. Esse cara era muito criativo, para imaginar prédios assim.

A igrejinha tem, bem na frente, uma estrutura curva, toda branca, como se fosse uma coluna para sustentar o teto. Alguns meninos estavam brincando por ali, usando a coluna como rampa para escorregar. Estavam se divertindo para valer no escorregador improvisado. Acho que o padre não vai gostar de saber que a coluna da igreja virou brinquedo de menino!

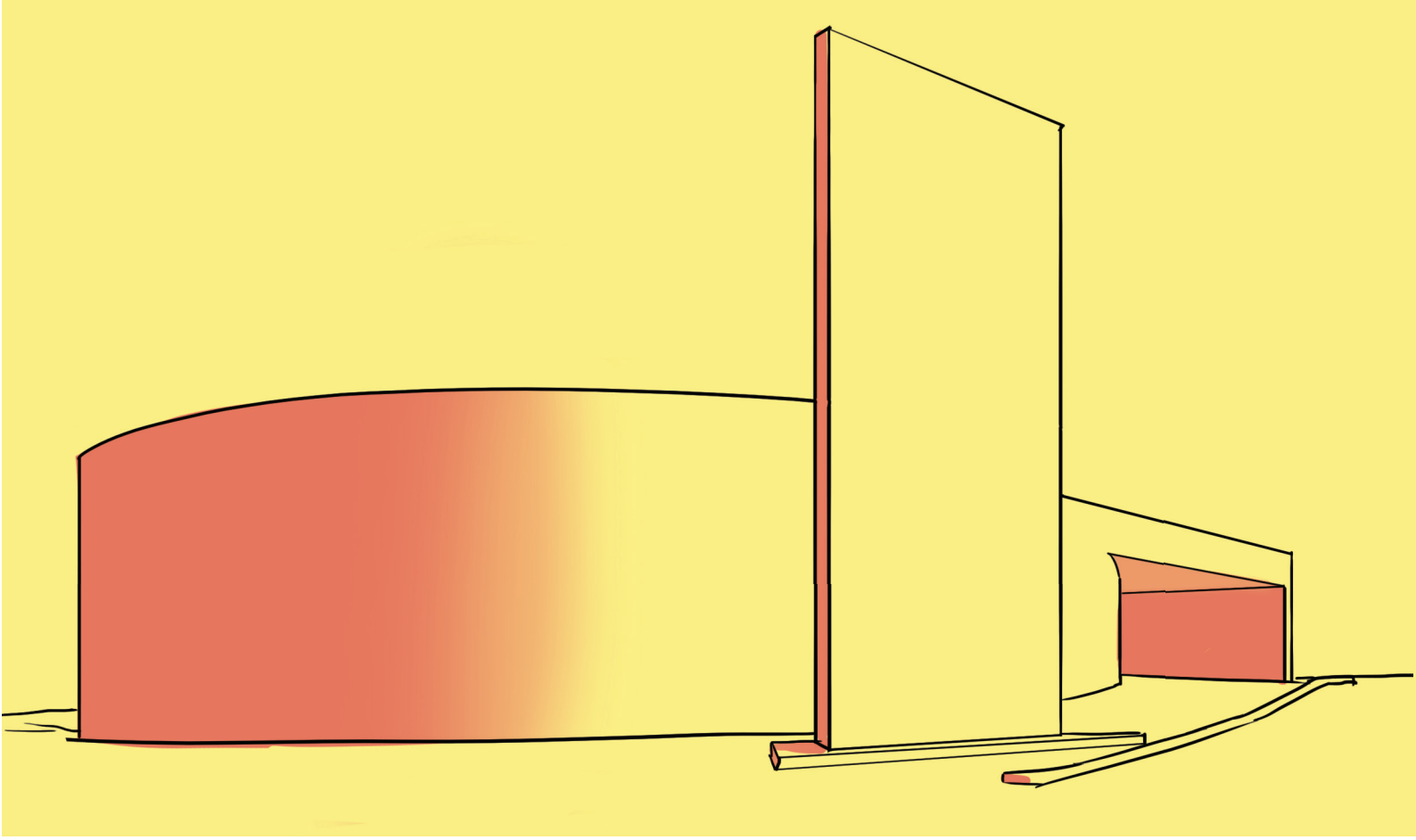




Igrejinha Nossa Senhora de Fátima: entre as quadras 307 e 308 Sul. Projetada por Oscar Niemeyer e construída em 1958. A forma de seu teto faz lembrar o chapéu de uma freira. Os painéis de azulejos são de autoria do artista plástico Athos Bulcão.

Eu estava um pouco perdido entre as quadras, quando um senhor de uma banca de jornal me chamou. Ele percebeu que eu era turista, ficamos conversando. Acabei ouvindo uma história incrível: seu Lourival, o jornaleiro dono da banca, está ali na entrada da Superquadra 108 Sul desde 1960. Ele começou a vender jornais em Brasília antes mesmo da inauguração. Acabou fazendo seu ponto de venda ali e todo mundo o conhece. Foi a primeira banca de jornal do Plano Piloto. Ao lado da banca, ele plantou duas mudas de figueira, que cresceram, cresceram e hoje são duas árvores enormes. Ele contou um monte de histórias sobre a época da construção da cidade. Acho que ele também faz parte da história e do patrimônio de Brasília.

Caminhando mais um pouco, dei com um prédio alto, na Entrequadra 106/107. Foi assim que descobri o Cine Brasília. A moça da recepção comentou que é ali que se realiza todo ano o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Pelo que ela contou, é um Festival importante, vem muita gente do Brasil todo, muita badalação, com artistas conhecidos e tudo o mais. Acho que isso eu ia gostar de ver, os artistas que a gente só vê na televisão.



Passando por uma outra quadra, vi dois homens sentados num banco, embaixo de uma árvore, jogando dominó e tomando chimarrão. Gaúchos em Brasília! Bem que a Isabel comentou, Brasília é a mistura de gente de todas as regiões do Brasil.

Andando por aí, deu para compreender um pouco mais o esquema do tal Plano Piloto. Parece muito complicado à primeira vista, mas, aos pouquinhos, a gente começa a entender a lógica das coisas, como tudo é organizado, e aí fica mais fácil.

Ufa, ufa! Estou com os pés doendo, andei muito. Chega por hoje. Pelo que entendi, ainda tem muito mais pela frente. Ainda falta muita coisa pra gente ver em Brasília. E eu que achava que não tinha nada para fazer nesta cidade.

SÁBADO, 19 DE MAIO

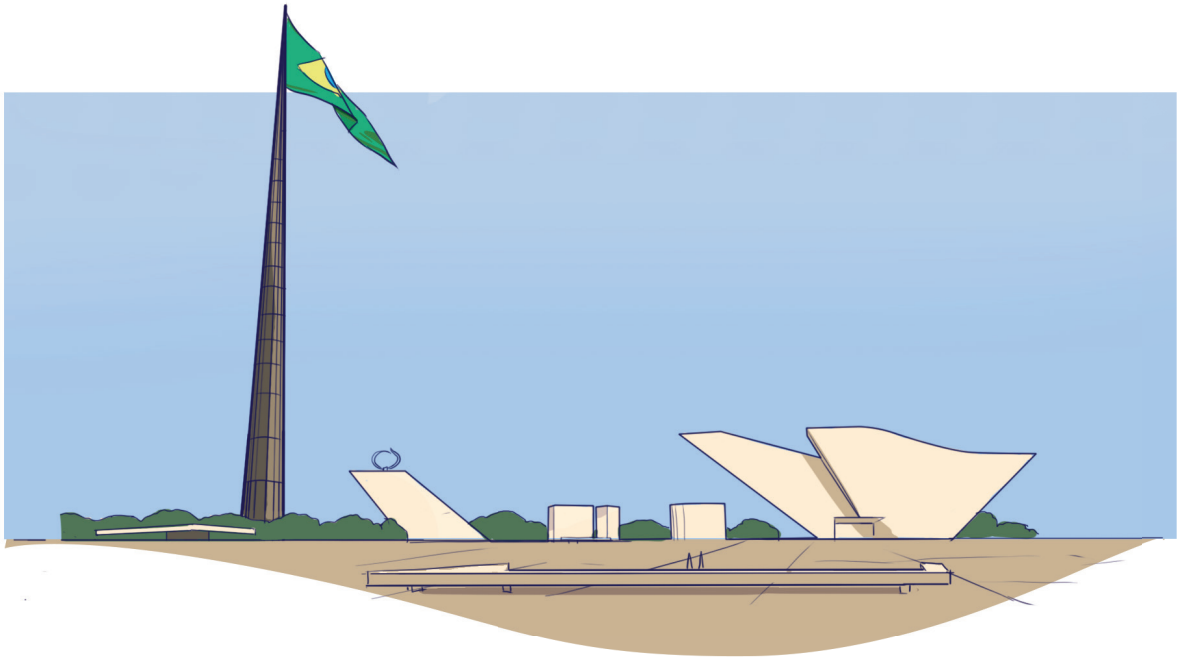
Que ideia mais maluca da Isabel e da tia Ma, levantar às 6h da manhã! A ideia delas era ver o sol nascer entre os dois prédios do Congresso Nacional. Pelo que a Isabel comentou, é um espetáculo imperdível e isso só acontece em algumas épocas do ano.

Tenho que levantar cedo todo dia para ir para a escola, e até nas viagens, já é um pouco demais. Não gostei nada, nada, dessa proposta. Mas como eu não podia dizer nada, não tinha outro remédio, também tive que acordar de madrugada.

O marido da Isabel e o Pipoca, os dois felizardos, continuaram dormindo. Sorte a deles.

E lá fomos nós. Saindo de casa, o céu estava nublado. Quando paramos o carro, em frente ao prédio do Congresso, começou a cair uma chuva fininha. Como comentaram as duas brasilienses, Joana e a mãe, deve ser uma das últimas chuvas, pois o período da seca já está começando.

Não vimos o sol nascer porque o sol não apareceu. Mesmo assim, acabei achando a ideia interessante, visitar a Praça dos Três Poderes e a Esplanada dos Ministérios num sábado pela manhã, quando é calmo por lá. Deu para estacionar o carro sem problemas e ver tudo tranquilamente. A chuva parou logo, nem deu para molhar o chão.



Praça dos Três Poderes: o projeto de Lucio Costa reuniu aí os prédios destinados aos três Poderes da Nação: Poder Legislativo = Congresso Nacional; Poder Executivo = Presidência da República; e Poder Judiciário = Supremo Tribunal Federal.

A Praça dos Três Poderes, como explicaram nossas guias, tem esse nome porque é aí que estão reunidos os prédios representativos dos três Poderes do Brasil: a Presidência da República, o Supremo Tribunal Federal e o Congresso Nacional. Não é uma praça como as que a gente está habituado a ver nas cidades do interior, com jardins e árvores. Nesta praça quase não há planta, é um espaço amplo, com prédios em volta.

Foi muita emoção ver de perto o Palácio do Planalto, onde trabalha o Presidente da República. Este prédio, como os outros da Praça, também é um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer. Tem a fachada toda de vidro, com colunas curvas revestidas de mármore branco.

Isabel contou que o arquiteto queria que as colunas do Palácio do Planalto fossem "leves como penas pousando no chão". O prédio é cercado por um espelho d'água e por um jardim. Na frente, tem uma estrutura alta, também em mármore: o parlatório; é de lá que os presidentes falam para a nação no dia da posse. Contou também que o interior do Palácio é muito legal, tem uma grande rampa em espiral, para ir de um andar para o outro. Além dos gabinetes do Presidente da República e da sua equipe, tem grandes salas onde são realizadas as reuniões do Presidente com os ministros,



ou cerimônias importantes. Não deu para ver o Palácio por dentro, não era hora de visita.

Ouvindo a conversa das duas arquitetas, aprendi mais duas coisas: o Oscar Niemeyer utilizou o espelho d'água em diversos prédios, o que é mais uma característica dos projetos dele. Os espelhos d'água refletem os prédios na água, reproduzindo as imagens, o que dá um efeito espetacular. E os jardins, na época, foram projetados pelo paisagista Burle Marx. Ele conhecia muito bem as plantas brasileiras e criou jardins fantásticos misturando diferentes tipos de plantas. Para ele, compor um jardim era como fazer uma obra de arte. Alguns desses jardins estão conservados como na época em que foram feitos.

Aprendi, ainda, mais uma coisa: o que é que faz um paisagista. Puxa, e eu que nem sabia que existia essa profissão. Parece uma profissão muito legal, misturar um monte de plantas e criar jardins incríveis.

Olhando o Palácio do Planalto e a Praça dos Três Poderes, fiquei



pensando que, mesmo sendo uma cidade nova, muita coisa já aconteceu ali, nesses prédios. Como diz tia Marina, o patrimônio também ajuda a contar a história e, em Brasília, o patrimônio ajuda a contar a história recente do Brasil. Pensei também nos presidentes, em tanta gente importante que já passou por esses prédios, e nos fatos que aconteceram aqui desde a inauguração da cidade. Quanta história já rolou nesta cidade!

Ficamos por ali, passeando pela Praça dos Três Poderes, olhando tudo com calma. Fiquei concentrado, escutando a conversa da tia Ma e da Isabel. Elas falavam da "elegância das linhas", da "maestria dos projetos", de prédios que são como "obras de arte", "como esculturas", da beleza dos materiais utilizados, o mármore e o concreto aparente, a delicadeza das formas, as linhas curvas, o talento do arquiteto, a criatividade etc, etc. Foi um papo muito especial, as duas tinham muita coisa pra dizer, não paravam de conversar.

Deu pra perceber que elas têm uma grande paixão pela arquitetura e pelo patrimônio. Tratei de ficar de boca bem fechada, para não deixar escapar nenhuma besteira. Fiquei quietinho, curtindo o papo das duas. Algumas palavras que elas usaram eu nem conhecia, só entendi pelo sentido da frase. A Isabel fala bonito quando descreve cada um desses palácios, a gente percebe que ela curte trabalhar com o patrimônio de Brasília. Incrível quanta coisa elas tinham para comentar sobre cada um dos prédios. São tantos detalhes que eu nem teria reparado, se não fosse por elas. Anotei o que deu para anotar, mas perdi muita coisa.

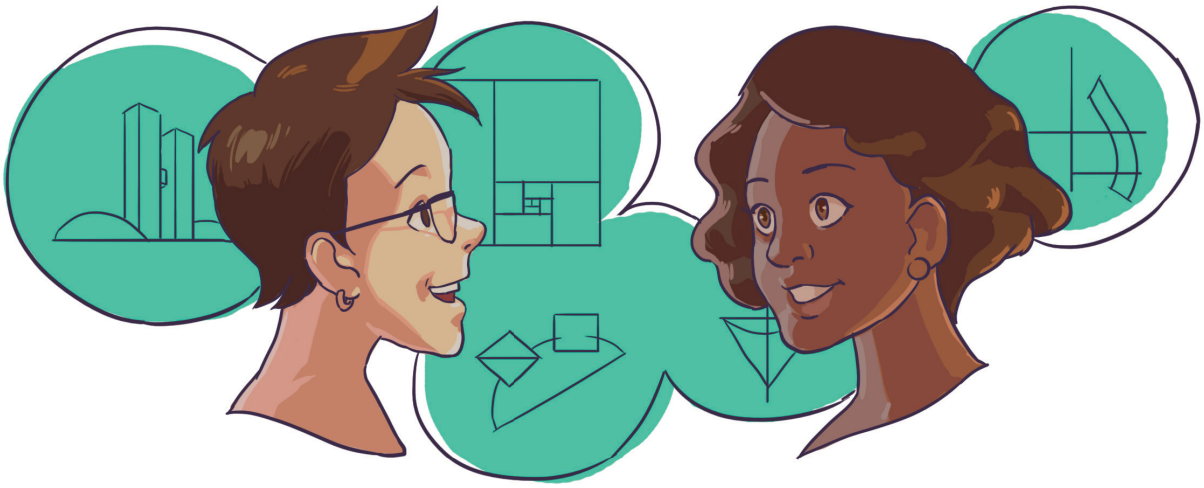


Os comentários se encaixavam direitinho com tudo o que eu via. Legal ver as coisas dessa forma, com essas explicações. Acho que eu estava parecendo um caipira do interior que descobre algo magnífico e fica de boca aberta com o que vê. Na verdade, não estou parecendo um, tenho que admitir que sou um caipira do interior, descobrindo a capital do país.

Meus colegas da escola não entendem muito quando comento sobre algumas coisas que aprendi com a minha tia. Aliás, eles conhecem pouca coisa do Brasil. Mas, quando a gente fala de futebol e games, eles são campeões. Verdade que eu também não conheço grande coisa do Brasil, mas tenho a sorte de poder viajar com a tia Ma de vez em quando.

Nossa professora de História faz um esforço para explicar tudo, traz mapas, fotos, às vezes até vídeos para a turma assistir. Mesmo assim, são poucos os que curtem de verdade essas coisas relacionadas com a história do Brasil. Se fosse um game, todo mundo ficaria ligadão, tenho certeza.

Esses prédios de Brasília, num primeiro momento, parecem estranhos, mas depois, observando bem os detalhes, prestando atenção nas formas, nas colunas, nos mármores, a gente se dá conta de como tudo é muito especial. O resultado do conjunto desses detalhes é demais!



O prédio do **Congresso Nacional** é composto por duas torres de 28 andares cada, e uma base horizontal com duas cúpulas: uma abriga o plenário da Câmara dos Deputados e a outra o plenário do Senado Federal.

Plenário é o local reservado ao conjunto dos representantes de uma assembleia. São nesses espaços, portanto, que os deputados e senadores se reúnem para legislar.

Nos outros prédios, anexos a esse conjunto, estão localizados os gabinetes dos deputados e senadores e espaços específicos para atividades complementares à legislativa.

Os prédios do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal ficam um de frente para o outro. Os dois têm colunas externas muito leves (observação da tia Ma) e que sustentam os tetos dos edifícios. O prédio do Supremo dá a impressão de que não toca no chão, como se estivesse suspenso no ar pelas colunas. Nem sei de qual dos dois prédios gostei mais.

Ainda na Praça dos Três Poderes, visitamos o Espaço Lucio Costa, um lugar que foi construído para homenagear o criador de Brasília. Lá tem cópias dos desenhos e dos planos que ele fez para a cidade. Tem também fotografias da época da construção e uma maquete que dá pra ver que Brasília parece mesmo um avião ou um pássaro voando, com as asas abertas. Ah! E ainda tem uma maquete tátil para deficientes visuais, achei 'da hora'!

Próximo da Praça tem também o Espaço Oscar Niemeyer com projetos, desenhos, fotos das obras desse arquiteto famoso. Puxa, quanta coisa ele fez!

O Museu da Cidade homenageia o Presidente JK. É um prédio pequeno, comprido, com uma escultura na fachada, o busto do Presidente. Esse Museu também está na Praça dos Três Poderes.

A Joana me chamou pra mostrar uns pássaros que estavam próximos ao espelho d'água do Congresso Nacional. Um deles era um quero-quero, que é uma ave que tem muito na região. Já vi pássaros que piam engraçado, mas esse aí, o quero-quero, eu não conhecia. Parece que eles ficam repetindo o tempo todo: quero-quero, quero-quero, quero-quero.

Gostei de ver de perto o prédio do Congresso Nacional, com as duas bacias brancas, uma virada pra cima e a outra virada pra baixo. Não comentei com as três que havia visto uma foto do prédio na Internet e que achei aquilo com cara de duas bacias. Não podia dar uma mancada dessas. Aprendi com elas que a cúpula maior é a Câmara dos Deputados, e a cúpula menor é o Senado Federal. A cúpula maior parece que apenas toca o teto do prédio, não sei como conseguiram construir isso. Atrás das duas cúpulas tem dois prédios de 28 andares, onde ficam os gabinetes dos deputados e senadores.

Dentro das cúpulas do Congresso, estão as duas grandes salas de reunião: os plenários dos deputados e dos senadores. É onde os deputados e senadores se reúnem para discutir e votar propostas, como o que a gente vê quase todo dia no jornal da televisão. A Joana, que já entrou no prédio do Congresso, comentou que, em dia de semana, aquilo ali parece um formigueiro, é muita gente andando de um lado para o outro. Pelos comentários, entendi que o Oscar Niemeyer, no projeto do Congresso Nacional, optou por formas geométricas, misturando formas curvas com linhas retas.

Na época da construção de Brasília, não havia computador para se fazer cálculos. Fico imaginando o trabalho dos engenheiros para fazer com que os projetos do Oscar Niemeyer se tornassem realidade, que trabalhão!

Passeando pela Praça dos Três Poderes, de repente, me dei conta de que estava no coração do Brasil, onde as decisões mais importantes são tomadas, onde o Governo trabalha. Senti orgulho da nossa capital.

Vimos tudo na Praça dos Três Poderes. Alguns prédios só por fora, só visitamos o que deu para visitar. Quase esqueço de comentar sobre as esculturas da Praça; uma delas é em homenagem aos candangos, os trabalhadores que construíram Brasília, e a outra é o símbolo da justiça. Na praça tem ainda uma bandeira do Brasil enorme, nunca vi tão grande. O mastro tem 100 metros de altura. Há ainda o Panteão e o Pombal, que parece um pregador de roupas gigante, muito engraçado. Ainda bem que os pombos não prestam atenção a essas coisas.

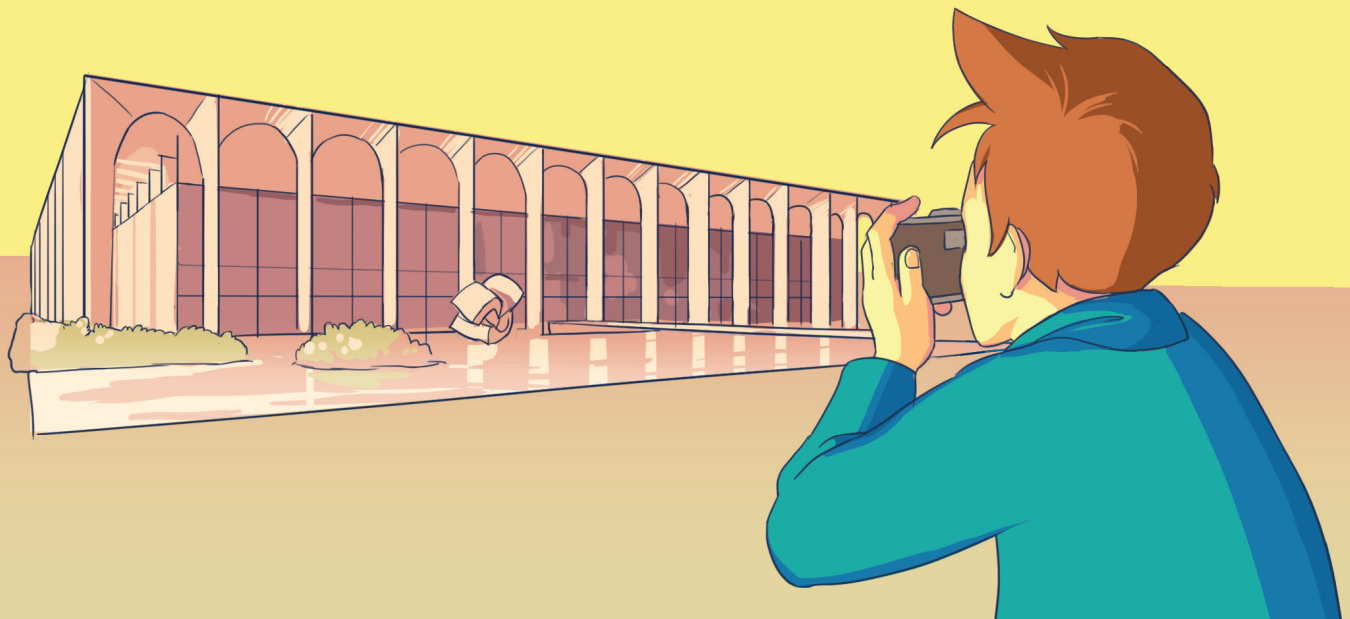


No meio da manhã, começaram a aparecer grupos de turistas. Eles olham tudo muito rapidinho, tiram fotos e vão embora. Parece que tiram fotos só para mostrar que estiveram ali. Será que eles não percebem a importância da Praça dos Três Poderes e a importância de Brasília? Como é que ficam jogando conversa fora, falando abobrinha, e não prestam atenção nos prédios que estão ali?

Fomos caminhando pela Esplanada dos Ministérios. Isabel comentou que durante a semana tudo ali fica cheio de gente, grande parte são funcionários que trabalham para o Governo Federal. Nos fins de semana, pelo que vi, só dá turista e vendedor de picolé.

Foi do Palácio do Itamaraty, que faz parte do Ministério das Relações Exteriores, que eu mais gostei. A sua fachada é toda de arcos de concreto aparente e o prédio é rodeado por um espelho d'água. Logo vi que era projeto do Oscar Niemeyer. Na frente do Palácio, dentro do espelho d'água, colocaram uma escultura que hoje é muito famosa: o Meteoro, do escultor Bruno Giorgi. A obra ficou legal ali no meio da água e das plantas. A escultura virou o símbolo do Palácio. As plantas do espelho d'água parecem que estão em pequenas ilhas, com carpas vermelhas nadando em volta.

Esplanada dos Ministérios: Lucio Costa propôs todos os ministérios juntos, um ao lado do outro. Com exceção dos ministérios das Relações Exteriores e da Justiça, os demais prédios são iguais. Os projetos dos prédios são do arquiteto Oscar Niemeyer.



Oscar Niemeyer sobre o Palácio da Justiça: "Quando estudei esse palácio, me veio à idéia de criar jogos d'água sobre o lago previsto; e os coloquei entre as colunas do prédio. Foi a primeira fachada de fontes que imaginei e que surpreendeu e agradou a todos, como eu havia pressentido."

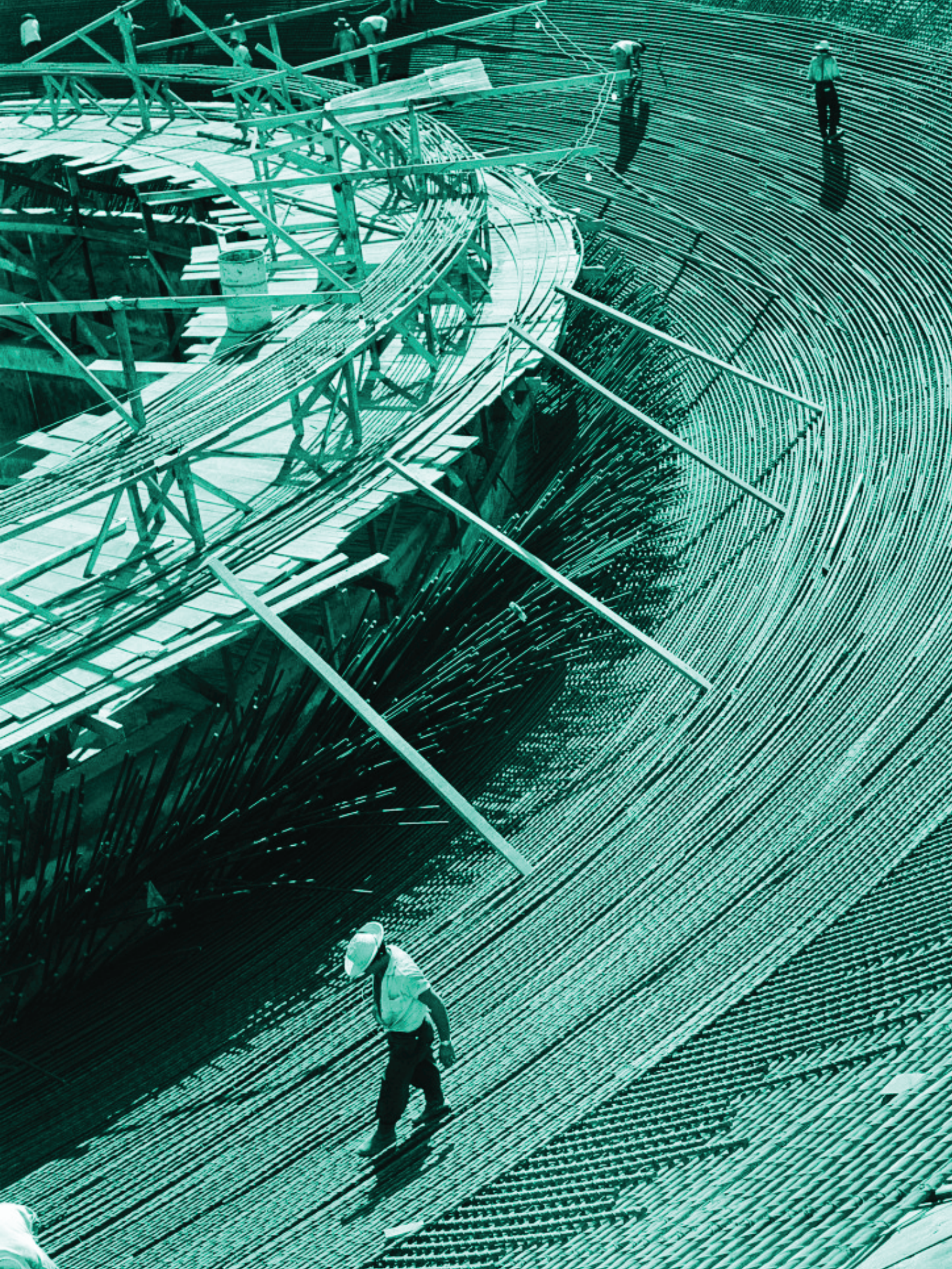


Conseguimos visitar o Palácio do Itamaraty por dentro. O prédio é tão incrível por dentro como por fora. No térreo tem uma escada em espiral que leva ao primeiro andar, e fica suspensa no ar, sem nenhum elemento para sustentá-la. Nunca tinha prestado atenção em escadas, para mim elas só servem pra subir ou descer, mas devo admitir que essa escada é sensacional. O arquiteto caprichou até nisso. Os jardins internos e externos são do Burle Marx. No interior do prédio tem diversos espaços com plantas. É difícil explicar a arquitetura do Palácio, mas achei o prédio espetacular.

Além de ser o local onde trabalha o ministro, o Palácio do Itamaraty também é usado para recepções importantes. É ali que o Presidente da República recebe presidentes, reis e rainhas de outros países que visitam o Brasil. São muitas salas e muitos salões para almoços, jantares e outras recepções. Os espaços estão decorados com móveis antigos e quadros de pintores famosos, como mostrou o guia que nos acompanhou na visita. Gostei dos dois anjos barrocos pendurados numa parede espelhada. Reconheci os anjos, aprendi sobre o barroco com a minha tia, quando visitamos Minas Gerais.

Em Brasília, foram utilizadas obras de arte de diversos artistas, para dar mais beleza à arquitetura dos prédios. Nos salões do Palácio do Itamaraty, há diversos painéis de azulejo, madeira e mármore que ficaram muito bem ali, aprovado!

Com tanta obra de arte e móveis antigos, o Palácio parece um museu. No térreo tem uma escultura da artista-plástica Mary Vieira. São placas de alumínio móveis, ficamos brincando com as placas, movimentando-as de um lado para o outro, dando formas diferentes, como se a gente estivesse criando uma outra obra de arte. Foi muito divertido!

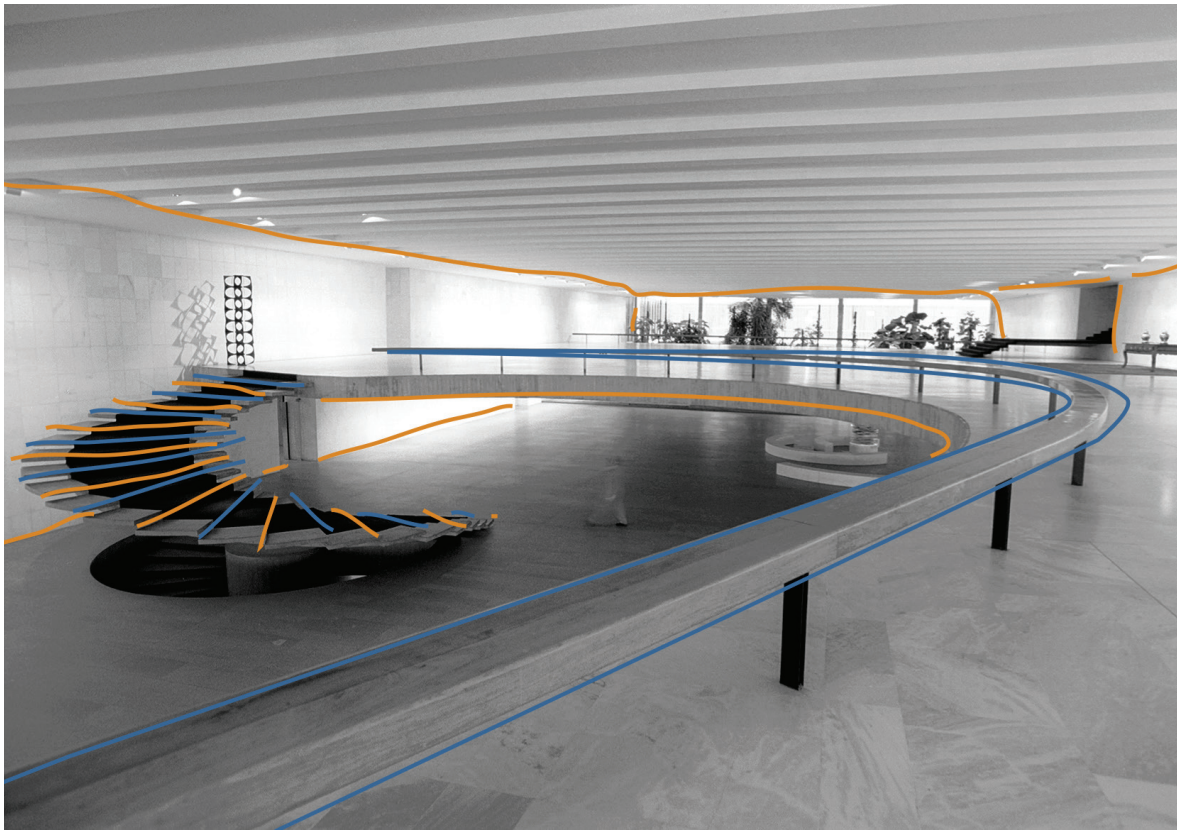


O guia explicou que o Ministério das Relações Exteriores tem mais dois anexos, onde trabalham os diplomatas com suas equipes. O primeiro anexo, que fica logo atrás do Palácio, tem a fachada amarela. Não sei se foi brincadeira do guia, mas ele contou que a cor teria sido escolhida porque o Oscar Niemeyer gostava muito da música dos Beatles "Yellow Submarine". Será que isso é mesmo verdade? Se for, é o máximo! A música dos Beatles inspirando o arquiteto de Brasília!

O outro anexo do Ministério das Relações Exteriores é conhecido como "bolo de noiva". De longe, parece mesmo um bolo de andares, como os bolos de casamento. Pelo visto, as pessoas se divertem dando apelido para os prédios.

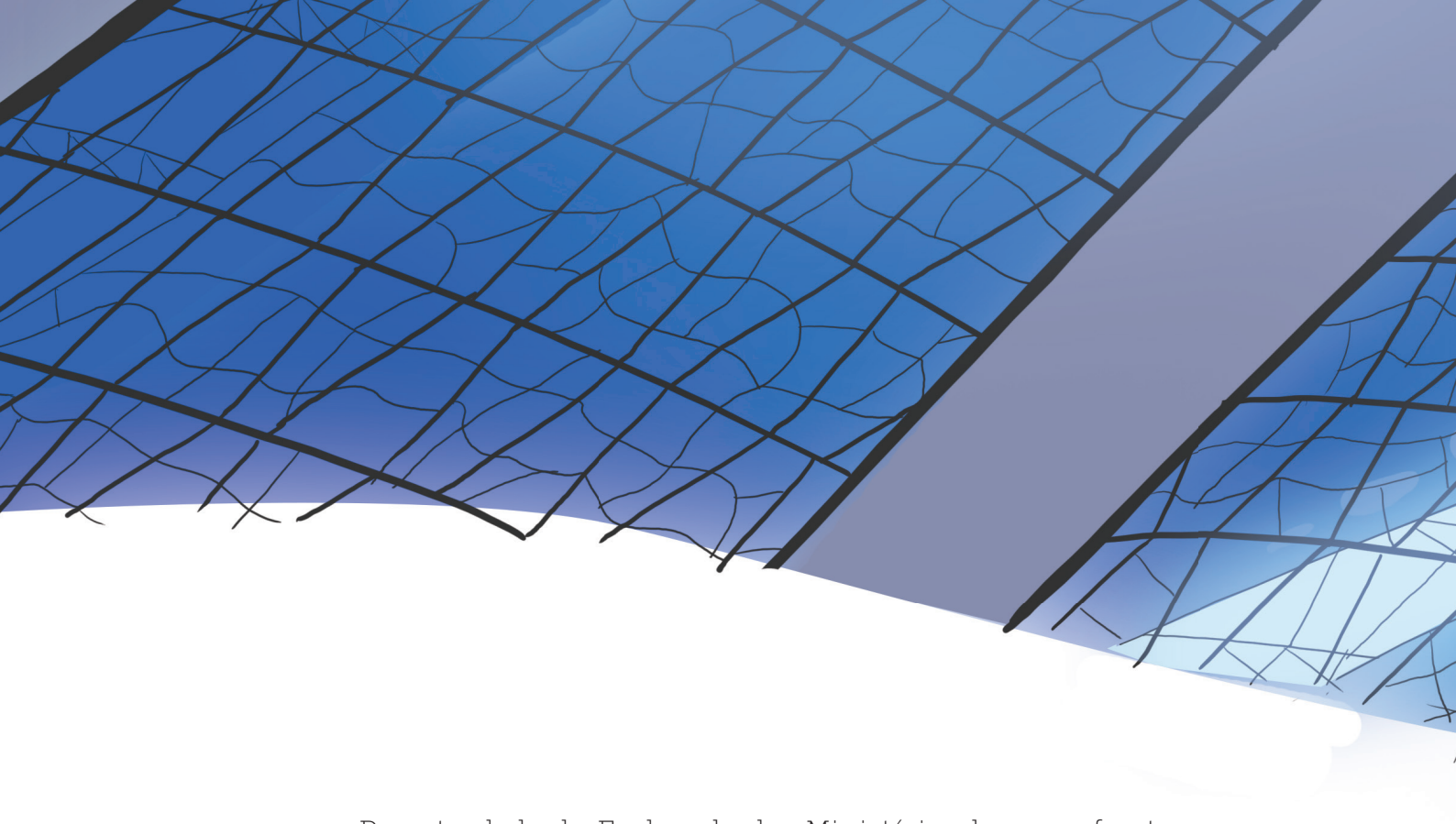
O guia foi superlegal, contou muita coisa interessante. Aprendi, ainda, que no espelho d'água e nos jardins do Palácio tem 80 variedades de plantas tropicais brasileiras, do cerrado e da Amazônia. Acho que o Burle Marx conhecia todos os tipos de plantas do Brasil, só assim pra fazer os jardins incríveis que fez.

O interessante é que, mesmo sendo moderno, o Palácio do Itamaraty dá ideia de um verdadeiro palácio, como os palácios antigos da Europa que a gente vê nos livros de história e na televisão. O Palácio do Itamaraty é grande, amplo, majestoso, como deve ser um palácio, só que moderno.



Os prédios projetados por Oscar Niemeyer são exemplos do Movimento Moderno. Cinco elementos característicos desse Movimento foram utilizados por ele em Brasília:

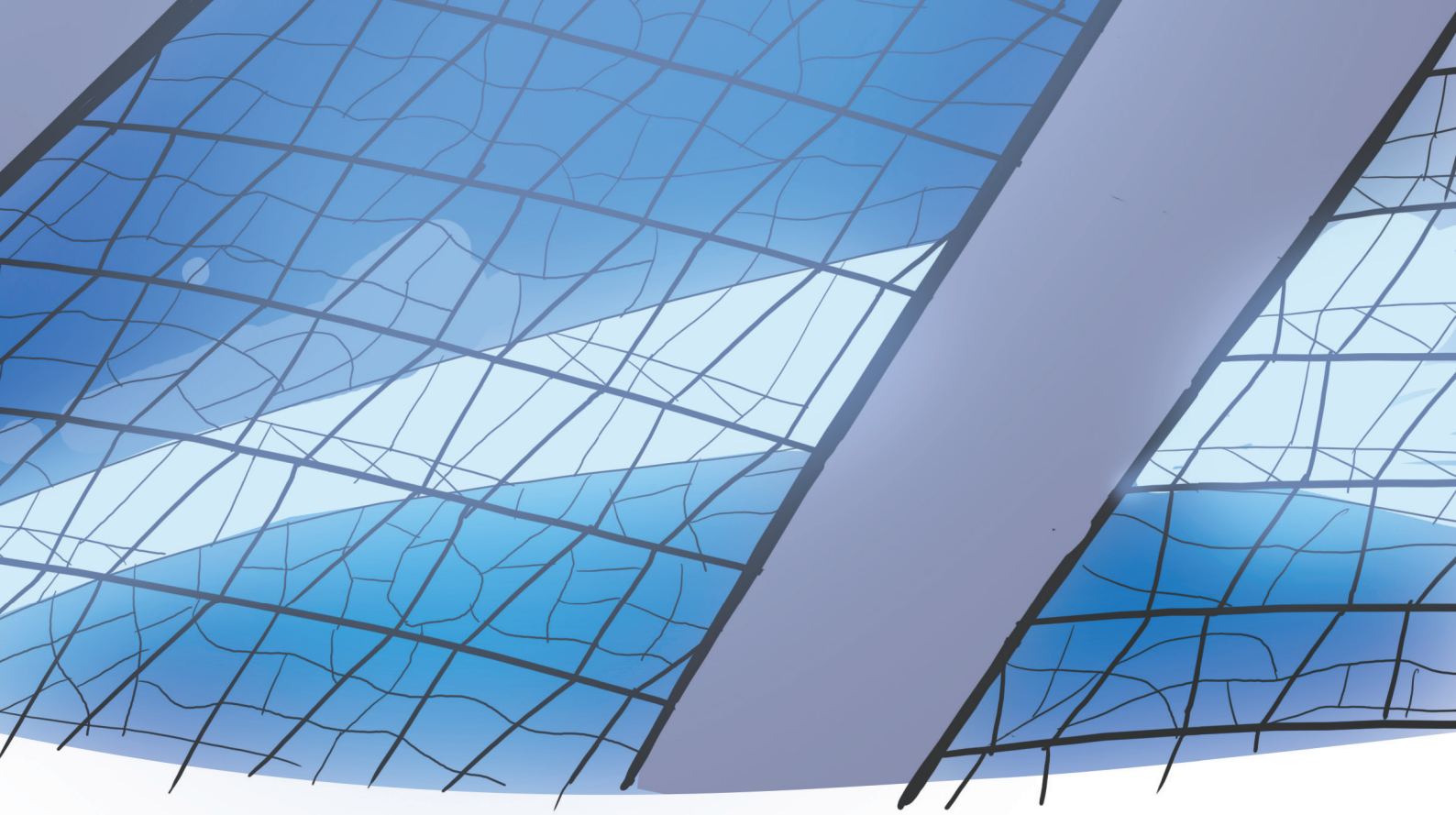
- pilotis embaixo dos prédios. Os vãos ficam livres para facilitar a circulação das pessoas;
- jardins que integram a arquitetura dos prédios;
- grandes janelas de vidro formando as fachadas;
- utilização dos brise-soleil, painéis móveis colocados nas fachadas dos prédios, que servem para proteger os interiores do sol; e
- concreto aparente nas fachadas.



Do outro lado da Esplanada dos Ministérios, bem em frente ao Palácio do Itamaraty, tem um outro edifício também muito interessante. É a sede do Ministério da Justiça e Segurança Pública, conhecido como Palácio da Justiça. Também em concreto aparente, o prédio tem colunas altas que misturam curvas com linhas retas. Estou ficando bem entendido nisso, de tanto ouvir a tia Ma e Isabel conversando. Até pareço um arquiteto falando. Das colunas, saem lajes que formam cascatas d'água. Como nos outros palácios de Brasília, esse também tem espelho d'água e jardins, completando o conjunto. Outro verdadeiro palácio!

Fomos caminhando pela Esplanada dos Ministérios até a Catedral. Os demais ministérios ficam dos dois lados da Esplanada, alinhados um do lado do outro. Joana, que sabe tudo de Brasília, contou que são 17 prédios.

A Catedral eu já conhecia, tinha visto na Internet, só que de perto é outra coisa. É toda redonda, com 16 colunas que se encontram no alto, como se formassem um cone. A forma das colunas é bem diferente, elas parecem acrobatas de circo, um se apoiando no outro. Como explicou tia Marina, a catedral é como uma escultura, como duas mãos em posição de oração. Entre as colunas, e completando a fachada, tem vitrais coloridos.



Pensando bem, que ideia fazer uma igreja com paredes de vidro! Como será que vinham essas ideias na cabeça dele? Sendo obra do Oscar Niemeyer, também tinha que ter um espelho d'água. Para entrar na igreja tem uma rampa, só que a gente não a vê da rua. Quem não conhece, fica procurando a porta de entrada.

O prédio tem várias características do Oscar Niemeyer, percebi logo de cara. Começo a ficar craque, já aprendi a identificar os edifícios desenhados por ele. A ideia dele era fazer prédios diferentes, e isso ele também conseguiu com a Catedral de Brasília. A Catedral não tem nada a ver com as igrejas que a gente conhece. Mas por dentro parece mesmo uma igreja, a gente se sente dentro de uma. Adorei os anjos enormes suspensos no teto, lá no alto. Tinha muita gente esperando a hora da missa. Uau! o altar-mor foi doado pelo Papa. Muito, muito da hora!



Eu estava perto de um casal de turistas, na frente da Catedral, e fiquei ouvindo os dois conversando sobre a torre dos sinos. O marido gostava, a esposa não gostava, foi uma discussão interessante sobre a torre. Falavam em campanário, deve ser algo relacionado com torre de sinos, preciso ver no dicionário o que significa essa palavra. Como em Brasília tudo é tão diferente, as pessoas estranham muito, como eu, quando vi as fotos pela Internet.

Em frente à Catedral, tem uma pequena feira de flores e plantas do cerrado. Ali, a gente se dá conta de como a natureza da Região Centro-Oeste é diferente, comparando, por exemplo, com a região de onde venho, o interior de São Paulo, onde o clima é mais úmido e as plantas são outras. Conversamos com um dos vendedores e ele contou que está cada vez mais difícil encontrar essas flores nos campos do cerrado, pois elas não são cultivadas. Com o crescimento das cidades do Distrito Federal, os campos estão diminuindo e essas plantas nativas estão desaparecendo. Isso é uma pena.



Oscar Niemeyer sobre a Catedral:

"Na Catedral, por exemplo, evitei as soluções usuais das velhas catedrais escuras, lembrando o pecado. E, ao contrário, fiz escura a galeria de acesso à nave e esta toda iluminada, colorida, voltada com seus belos vitrais transparentes para os espaços infinitos."



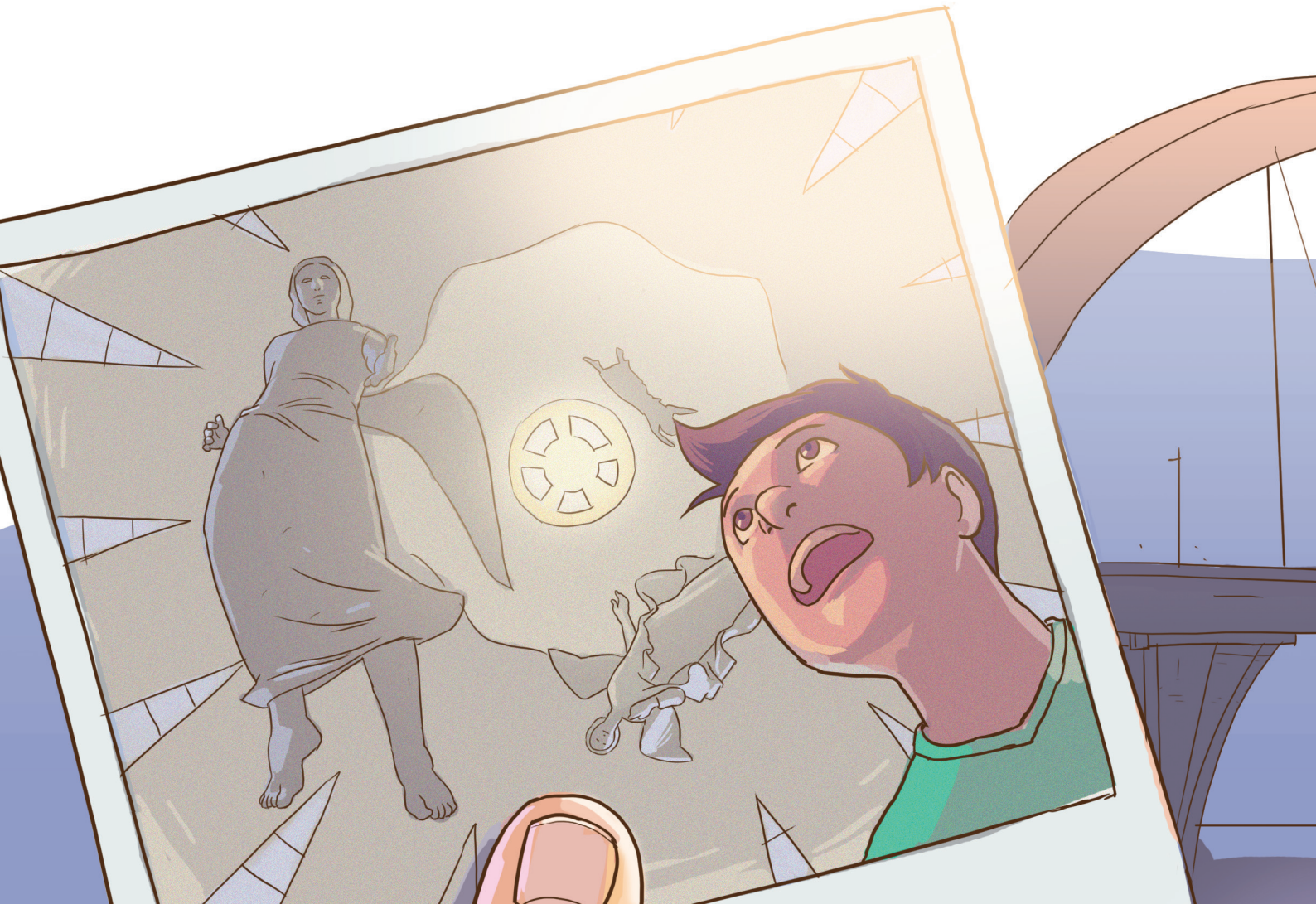
Em vez de "vivendo e aprendendo", que meu avô sempre diz, vou dizer para ele: "fazendo turismo e aprendendo", o que é mais divertido. Ele vai achar graça.

Fico imaginando o trabalho para preservar isso tudo. A Isabel deve trabalhar um bocado.

Depois dessas aulas com a Isabel, a Joana e a tia Marina, vou poder contar sobre tudo o que vi em Brasília, sem perigo de falar bobagem.

Como conheço minha mãe, quando eu contar que gostei da viagem, ela vai dizer: "Viu como eu tinha razão?", "Eu não disse que valia a pena você ir?" As mães são assim mesmo.

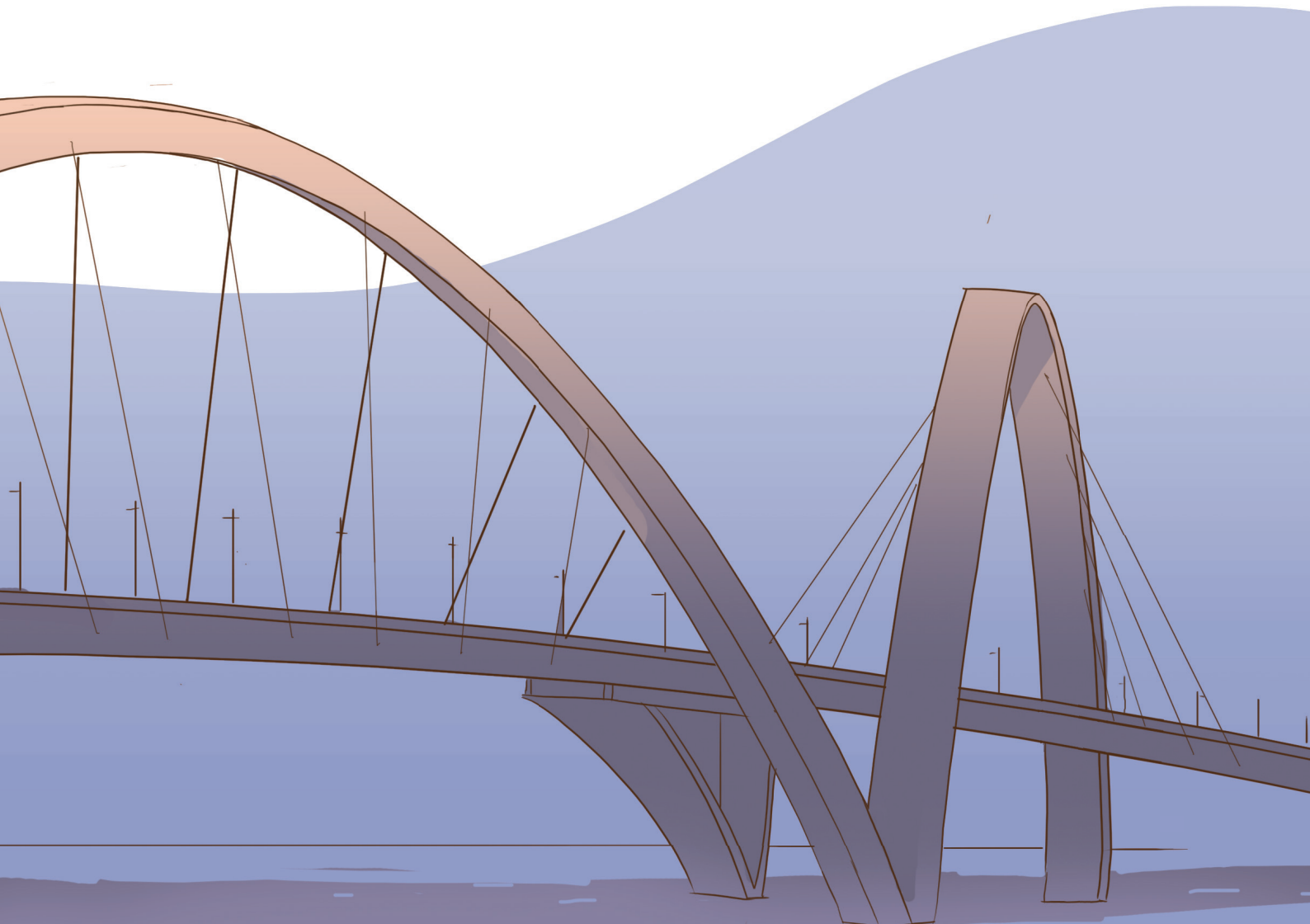
Foi tanta coisa pra ver na Esplanada dos Ministérios que ninguém prestou atenção na hora. Isabel e Joana animadas para mostrar tudo, tia Ma fazendo mil perguntas. Eu achei tudo muito interessante, é verdade, mas estava com fome. Minha barriga estava fazendo barulho há muito tempo. Estávamos passeando desde as 6 horas da manhã e já era meio-dia e meia!



A parada para o almoço foi meio curta para o meu gosto. Devorei meu prato rapidinho, de tanta fome que eu tinha. Demos uma paradinha pra descansar, pois ninguém é de ferro, e depois continuamos nosso tour por Brasília. Fomos para o lago Paranoá.

As três foram falando quase que ao mesmo tempo. Esse é o tal lago artificial que foi feito para amenizar o clima da cidade na época da seca. O lago é enorme, não imaginava que fosse tão grande assim, quando o vimos da UnB.

Levamos um tempão para fazer a volta completa do lago. É bem verdade que fomos parando pra ver um monte de coisas. De longe, a gente vê os barcos a vela e as lanchas. Na beira do lago tem vários clubes e bairros com muitas casas. Paramos para observar uma das pontes que ligam o bairro do Lago Sul ao Plano Piloto. Essa ponte, que também foi projetada pelo Niemeyer, é como um arco que toca a água levemente. Parece uma garça voando com as asas abertas e tocando a água. Como comentou a tia Marina, a ponte é "de uma grande leveza na forma". Ela tem razão.

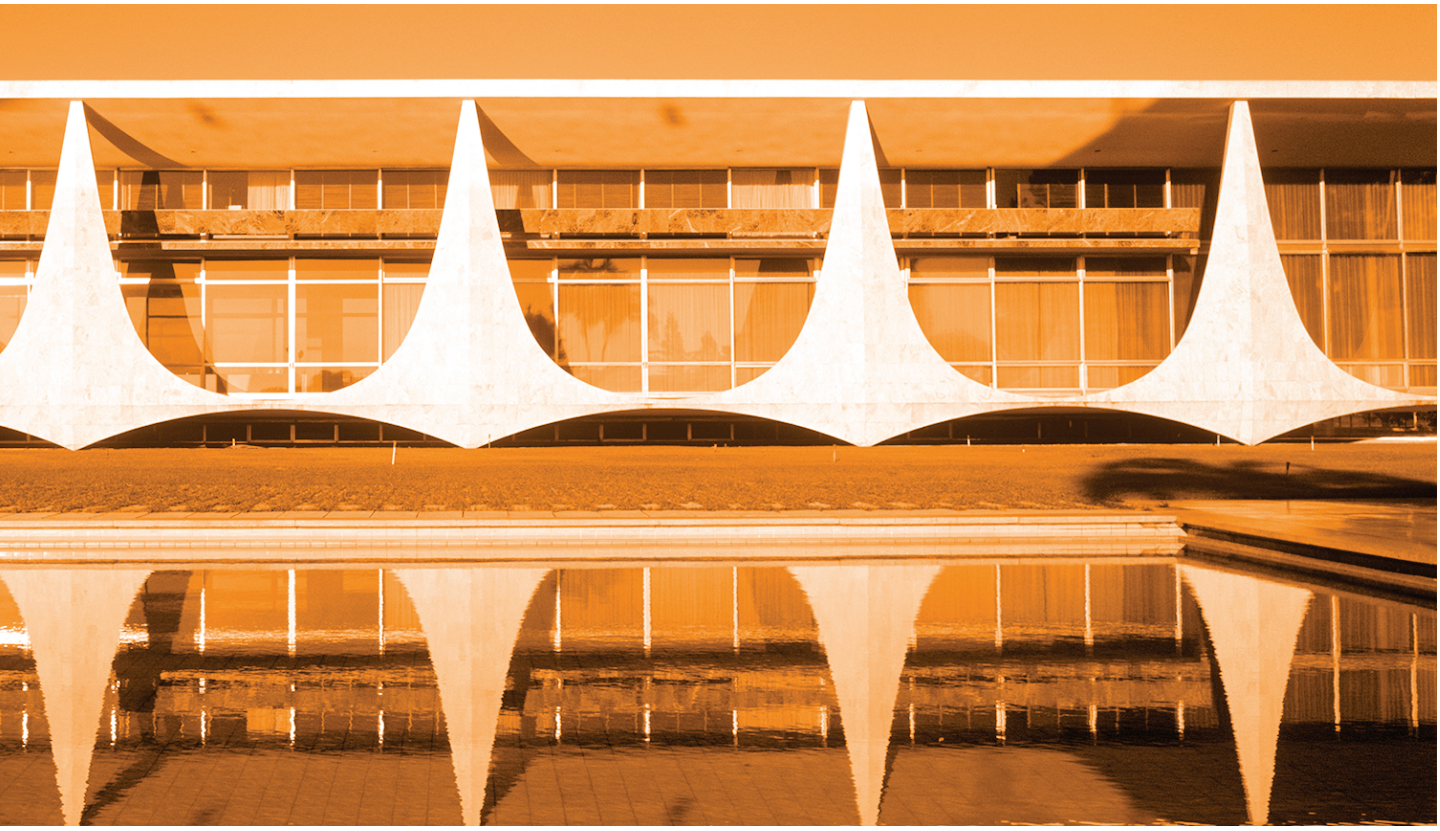


São três pontes sobre o lago Paranoá. A mais conhecida é a que foi construída mais recentemente, para facilitar a ligação do Lago Sul com o Plano Piloto e que tem o nome do Presidente Juscelino Kubitschek. Ficou famosa pelo seu projeto arquitetônico que, diga-se de passagem, é impressionante, pois a ponte é muito extensa e tem três arcos enormes, muito altos, que sustentam toda a estrutura. Ela foi inaugurada no início dos anos 2000, já tem um trânsito enorme e não para de passar carro o tempo todo. A ponte foi premiada no exterior e o arquiteto que a projetou foi Alexandre Chan.

Ainda na região do lago, fomos visitar o Palácio da Alvorada, residência oficial do Presidente da República. Só dá para ver de longe, os seguranças não deixam a gente chegar perto. O edifício tem a fachada de vidro, com colunas de mármore e, na frente, um gramado enorme. Como os outros prédios do Oscar Niemeyer, este também parece muito leve, como se estivesse suspenso no ar pelas colunas.

As colunas do Palácio da Alvorada tornaram-se símbolos da cidade de Brasília. Os fundos do Palácio dão para o lago Paranoá. Deve ser ótimo morar ali, na beira do lago, com todo esse jardim. Ao lado do Palácio tem uma capelinha, que parece simpática. Que pena que só se pode ver de longe.





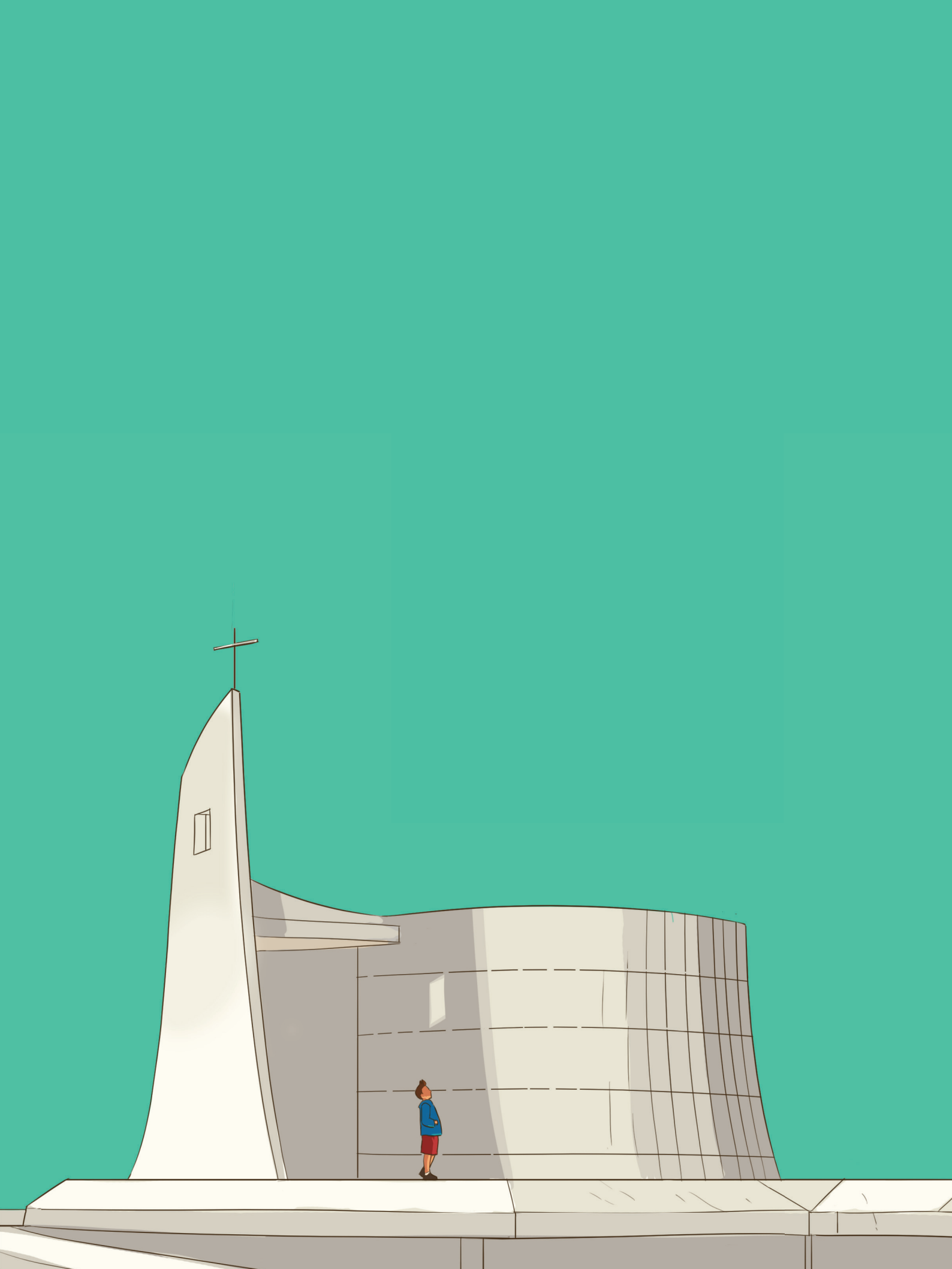
Quando íamos atravessar uma via (eles chamam tudo de via, pra mim era uma estrada) perto do lago, tivemos que parar o carro para dar passagem a um grupo de ciclistas, participantes de uma corrida em torno do lago. Passou perto da gente, seguindo os ciclistas, voando não muito alto, uma arara vermelha e azul, espetacular! Ela passou rápido, mas deu pra ver a arara de perto, com as asas abertas, enormes. Nunca tinha visto isso antes. Parece que há muitas na Região Centro-Oeste. Vimos também bandos de periquitos voando de um lado para o outro, fazendo a maior barulheira. Isabel comentou que os periquitos são comuns na região. Além de araras, a Joana já viu bandos de papagaios e tucanos. Eu só vi um bando de periquitos e uma arara, mas já é alguma coisa.

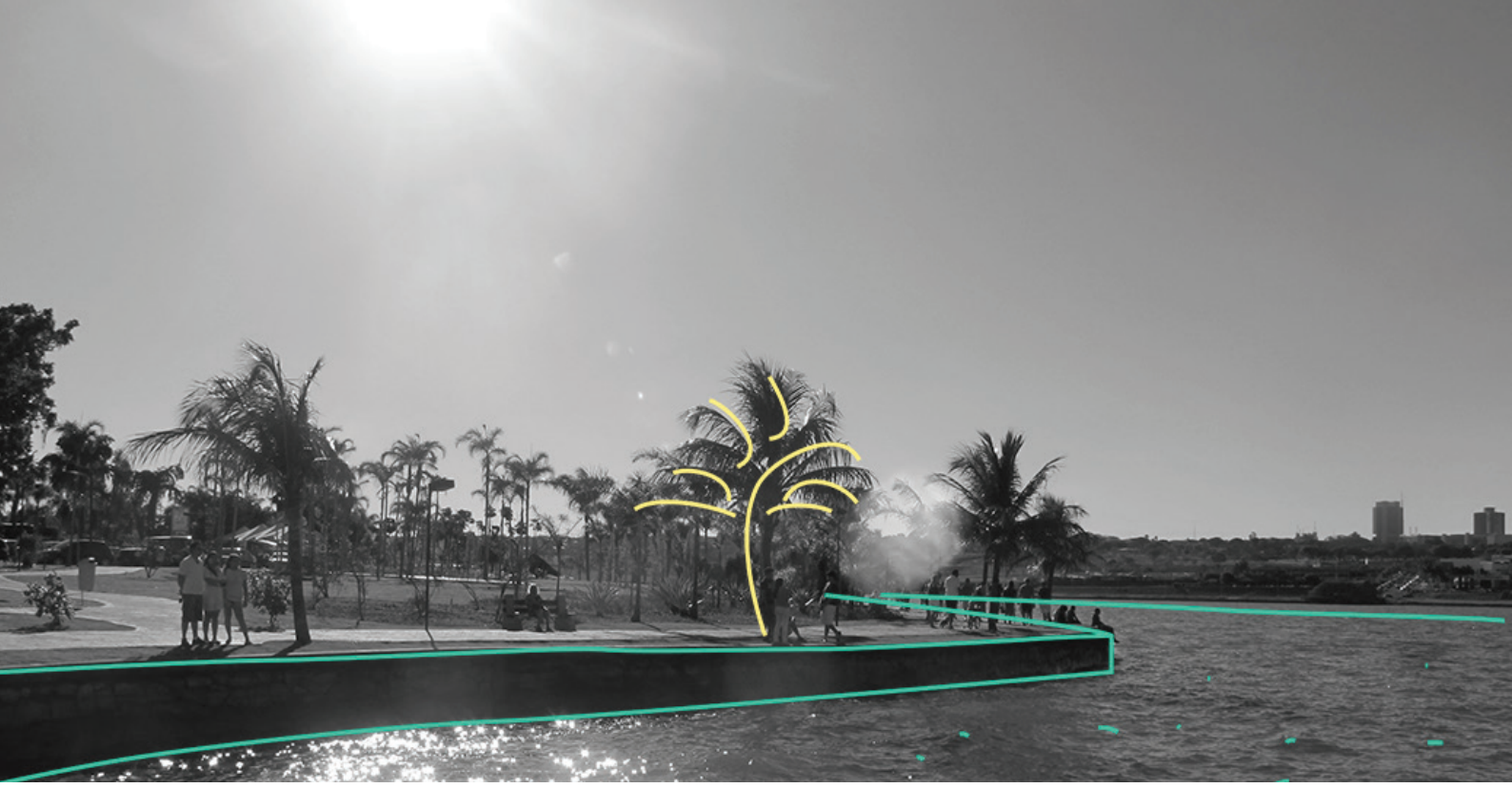
Na beira do lago, vimos algumas construções que não deviam ter sido permitidas, invadindo o lago. Pela conversa das duas arquitetas, tem muita coisa errada que foi feita na beira do lago e no Plano Piloto.

Incrível pensar que há tão pouco tempo não havia quase nada na região, era tudo cerrado e fazendas. As cidades levam um tempão para se formar, para virar cidades grandes, e pelo visto com Brasília foi diferente. A cidade cresceu muito rápido. Será que foi rápido demais?



Oscar Niemeyer sobre o projeto do Palácio da Alvorada: "Na solução do Palácio Residencial de Brasília, procuramos adotar os princípios da simplicidade e pureza que, no passado, caracterizaram grandes obras da Arquitetura. Para isso, evitamos as soluções recortadas, ricas de forma e elementos construtivos, (marquises, balcões, elementos de proteção, cores, materiais, etc.), adotando um partido compacto e simples, onde a beleza decorresse apenas de suas proporções e da própria estrutura."





No final da tarde, paramos num local simpático na beira do lago, onde tem bares e restaurantes. As duas tias pediram chope, Joana e eu, refri.

Sempre acho conversa de adulto meio chata, mas desta não me cansei, nem um pouco. O papo da Isabel e da tia Marina é sempre superinteressante. A Joana presta atenção em tudo, na maior concentração. Tia Marina e Isabel continuaram conversando sobre as transformações da cidade. Como já fazia alguns anos que tia Ma não vinha a Brasília, ficou surpresa com tantas coisas novas e com tantas mudanças. Ficou surpresa também com tantos carros e tanta gente. Parece que a cidade cresceu mais que o esperado e agora tem muitos problemas, foi o que eu entendi.

Em todo caso, ali onde estávamos, tinha uma vista espetacular do lago. Uns meninos estavam nadando, não muito longe da gente. Parece que, em alguns lugares, a água não é poluída, dá pra nadar sem problemas. Os garotos estavam curtindo muito. Com o calor que estava fazendo, deu até vontade de fazer a mesma coisa.

Caminhando na beira do lago, vimos tartarugas se esquentando no sol, e dois homens pescando. Paramos para conversar e eles nos mostraram os peixes que haviam pescado, tilápias e tucunarés. Não sei se os dois contaram "histórias de pescadores", mas disseram que dá para pescar peixes bem grandes no lago Paranoá. Contaram ainda que ali tem até jacaré. Como será que os jacarés apareceram no lago?

Fico cada vez mais surpreso com tanta coisa que não esperava encontrar na capital do Brasil. A garotada nadando e homens pescando na beira do lago, como se estivessem pescando na beira de um rio qualquer, e até jacaré num lago artificial!

A Isabel e a tia Marina saíram para jantar com o marido da Isabel. Joana e eu fizemos pipoca e brigadeiro e ficamos vendo um filme na televisão. Achei bom ficar em casa, estava exausto com tanta coisa. Além do que, a Joana é sempre um bom papo. Aliás, nunca havia conversado tanto assim com uma garota. Tá certo que converso pouco com as minhas colegas da escola, deveria conversar mais. Mas acho que nenhuma é tão legal como a Joana. A gente não se cansa quando está com ela. Aproveitei para olhar meus e-mails.

----- original message -----

from: "gabriel passos mello" <gabrielpmello@marazul.com.br>
to: "luiza passos" <luizapmello@marazul.com.br>

sent: saturday, may 19, 2012 10:30 pm

subject: do gabriel de brasília

oi mãe
aqui está tudo bem. muito legal visitar brasília com a tia marina e com a isabel, a amiga dela. elas sabem tudo sobre a cidade.
é superinteressante a história de brasília. do nada, de um lugar com um X marcado no chão, surgiu esta cidade que é conhecida no mundo todo. uma cidade com asas.
a tia ma vai emprestar umas fotos para a minha apresentação na escola.
depois conto mais. agora vou dormir, estou caindo de sono.
abraço para o papai e para a juju.
abraço mãe, do gabriel

Puxa, não sabia que tinha tanta coisa pra ver em Brasília. Estou cansado, me sinto como se tivesse corrido uma maratona. Chega por hoje.



DOMINGO, 20 DE MAIO

Como era nosso último dia e ainda tinha muita coisa pra ver, a Isabel colocou o despertador para todo mundo acordar cedo. Logo que ouvi barulho na casa, pulei da cama como se tivesse uma mola me jogando fora dela. Nem deu tempo de reclamar com os meus botões, de novo tendo que sair cedo da cama.

Vida de turista é difícil mesmo, não se pode dormir um pouquinho mais nem domingo pela manhã. Acho que estou reclamando demais, pois hoje acordamos às oito horas, e não às seis, como ontem.

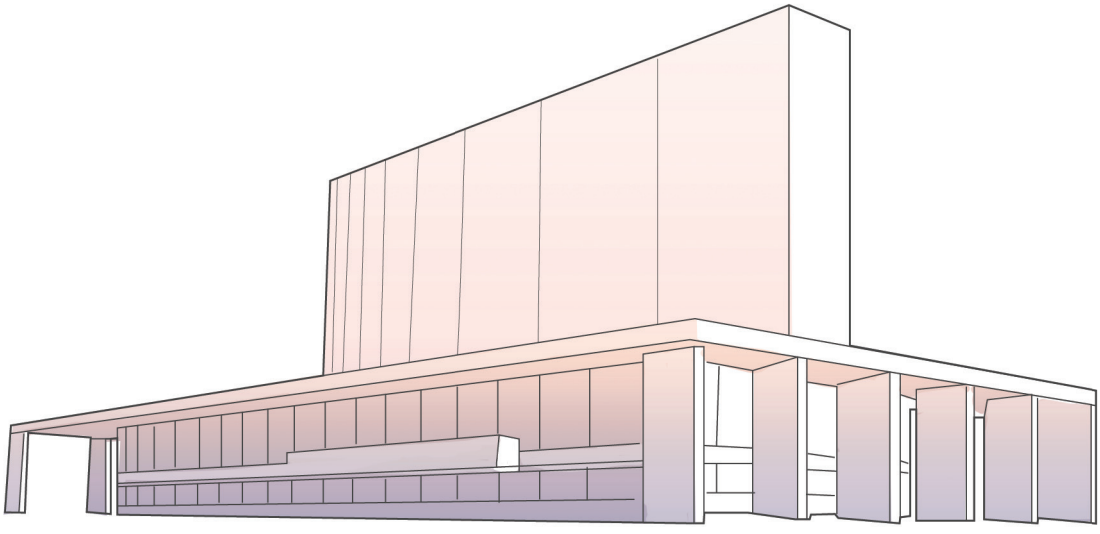
Na verdade, estou curtindo estar em Brasília, e animado para continuar a visita.

Como programa da manhã estava previsto visitar o Eixo Monumental, mas desta vez o trecho oposto à Esplanada dos Ministérios, ou lado oeste, que é onde o sol se põe. E tia Marina queria passar na feira de artesanato que fica ao lado da Torre de TV. Essa feira só acontece nos fins de semana. Só fui entender melhor que Eixo era esse e onde é que fica a tal Torre olhando o mapa da cidade. E lá fomos nós de novo, os quatro no carro da Isabel.

Vimos vários prédios interessantes, mas só por fora, porque não estavam abertos para turistas. Começamos pelo Palácio do Buriti. Aí aprendi uma coisa que não tinha prestado atenção: o Distrito Federal tem um governador, como os estados brasileiros. O Palácio do Buriti é onde trabalha o Governador do DF. Aprendi também que buriti é uma palmeira do cerrado, que dá frutos. A tia Marina comentou que o doce de buriti é muito gostoso. Quero provar, na próxima vez que vier a Brasília.

A parada seguinte foi para visitar o Memorial JK, do presidente que construiu Brasília. É uma espécie de museu em memória do fundador da cidade, com objetos pessoais e roupas usadas por ele, fotos, livros etc.

A tia Ma explicou que o local é um mausoléu; tive que anotar a palavra, para não esquecer. O mausoléu do Presidente, que palavrinha difícil! Talvez por ser um mausoléu é que Oscar Niemeyer fez o projeto do prédio desse jeito, todo fechado, meio escuro por dentro. Não gostei muito. Por fora, o prédio é retangular, todo em mármore branco, sem maiores detalhes. Por dentro, é como se faltasse luz. Tá certo que ali está o túmulo do JK, talvez, por isso, o prédio seja tão fechado desse jeito. Do lado de fora, tem uma estátua do Presidente JK que também é um dos símbolos da cidade.



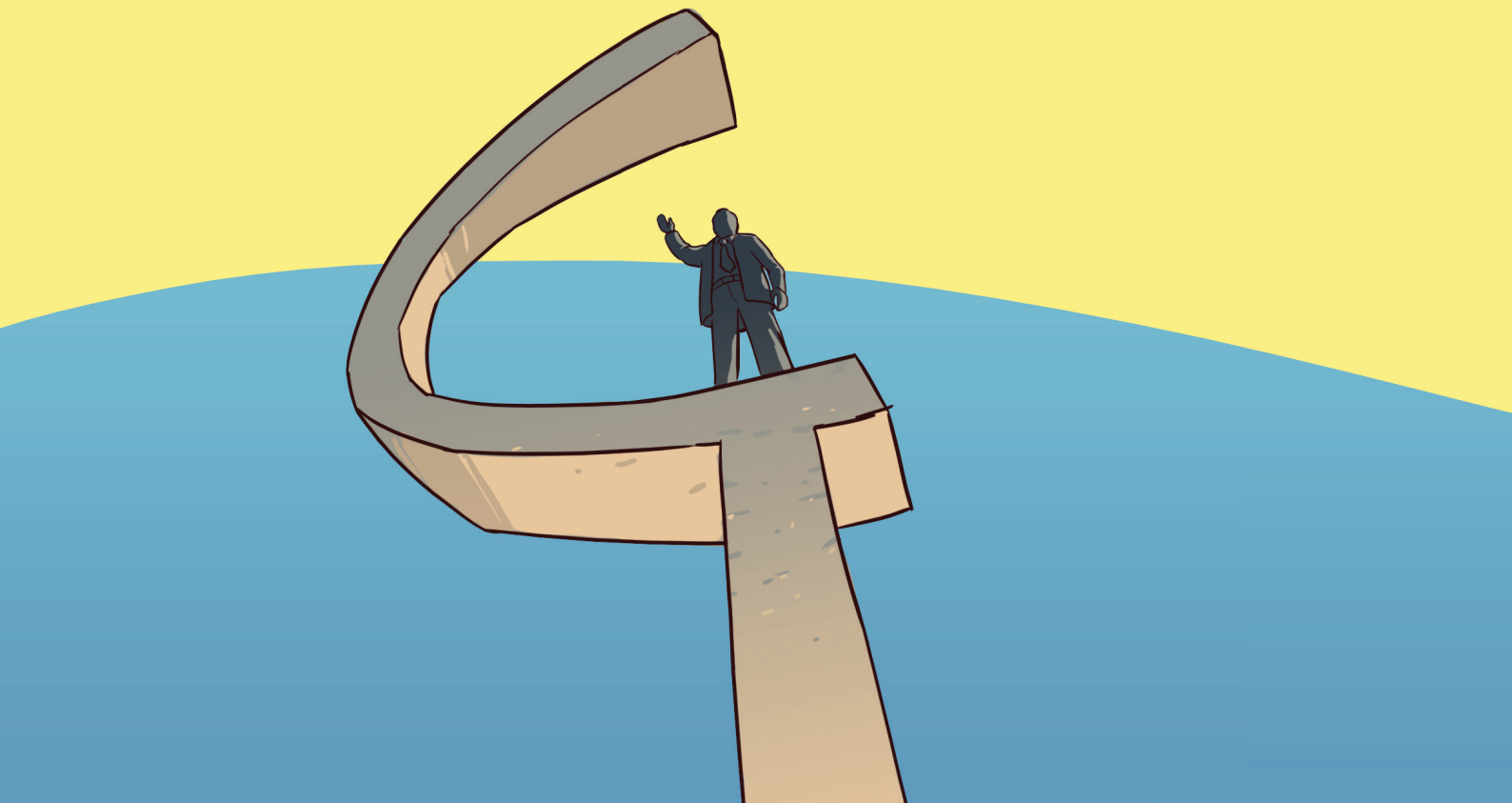
Atravessamos a pé a rua em frente ao Memorial JK. Fomos a um outro Memorial, o dos Povos Indígenas. O projeto também é de Oscar Niemeyer. O prédio é redondo, com um pátio interno coberto por uma laje côncava (isso aprendi na escola), lembra uma maloca indígena como as que a gente vê nas fotografias. Na verdade, é um museu para mostrar os indígenas brasileiros. Lá tem muitas peças de artesanato, cocares de penas, cerâmicas, instrumentos musicais, enfeites e muitos outros objetos que são utilizados no dia a dia pelos grupos indígenas brasileiros. Gostei muito, achei esse museu incrível.

Na escola, os professores falam sobre os povos indígenas, mas foi a primeira vez que vi um indígena de perto e também os objetos produzidos por eles. Que pena que a visita teve que ser rápida. Eu teria ficado mais tempo, pra olhar tudo mais devagar. Minha professora vai ficar impressionada, quando eu contar que tem um Memorial dos Povos Indígenas em Brasília.

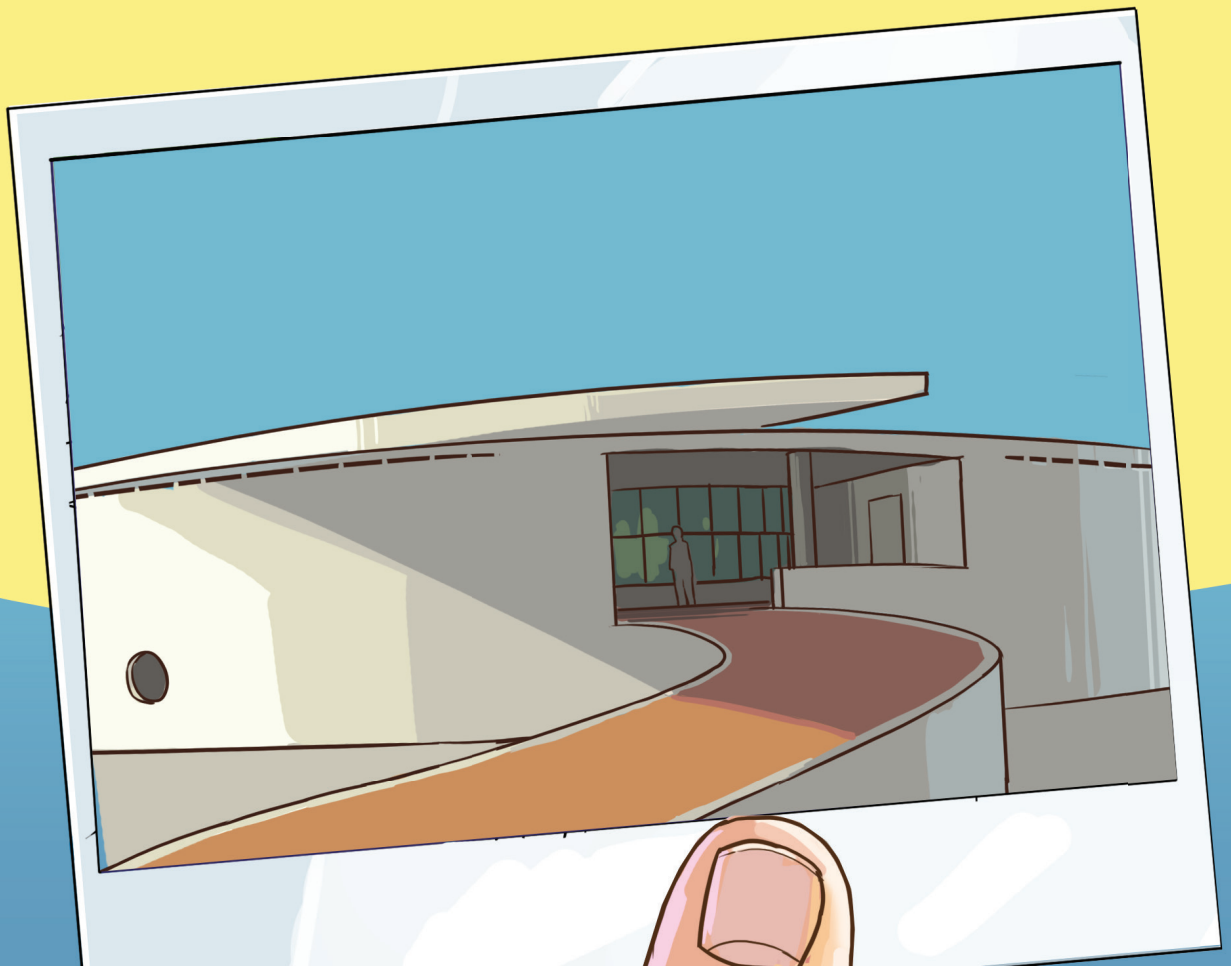
Depois fomos para a Torre de TV. Muito alta, tem 224 metros de altura, eu já a tinha visto de longe. Embaixo da Torre, tinha muito movimento por causa da feira de artesanato. Carros estacionados por todo lado, muita gente fazendo compras e passeando. Havia muitos turistas, mas também gente de Brasília. Acho que, nos fins de semana, é um lugar de passeio para as pessoas que moram aqui.

Comi um acarajé. Coisas de Brasília, tem até acarajé feito na hora, como na Bahia. Gostei! Tomamos água de coco, no coco de verdade, com canudinho. A tia Marina aproveitou para comprar umas lembrancinhas. Subimos na Torre, de elevador. Lá no mirante, a 75 metros de altura, é a melhor vista de Brasília, dá pra ver que a cidade está num planalto. De lá, se tem uma ideia melhor do Plano Piloto do Lucio Costa, as Asas Norte e Sul, as superquadras residenciais, o Eixo Monumental, a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes.

O soviético Yuri Gagarin foi o primeiro homem a viajar pelo espaço, em 12 de abril de 1961, a bordo da nave Vostok-1. Lá do espaço, comentou que "a terra é azul". Gagarin virou celebridade mundial depois do voo espacial. Viajou por diversos países para falar sobre o programa espacial soviético. Esteve em Brasília em agosto de 1961. Ao chegar à cidade comentou: "A impressão que tenho é a de estar chegando num planeta diferente".



Na época da construção de Brasília, não havia nada para o turista comprar como lembrança da cidade. Como a terra é muito vermelha, alguém teve a ideia de vender vidrinhos cheios com a "poeira vermelha de Brasília". O vidrinho foi o primeiro souvenir da cidade.



Depois da feira, saímos do Eixo Monumental e fomos para a igreja Dom Bosco, que fica numa avenida chamada W3 Sul! A Isabel decifra muito bem essas letras e números, quero dizer, esses endereços.

Fizemos uma visita meio rápida à igreja Dom Bosco. A fachada é toda de arcos muito altos e vitrais. Os vitrais foram feitos com doze tonalidades diferentes de azul, o que dá ao interior da igreja uma luz e um colorido sensacionais. Deu pra perceber que este não é um projeto do arquiteto Niemeyer. Realmente, é algo fantástico a luz colorida dentro da igreja. No teto, tem um enorme lustre de vidro, também demais.

A Isabel comentou que Brasília tem muitas outras igrejas e templos de diversas religiões, templos budistas, terreiros de umbanda e candomblé, mesquita islâmica, igrejas messiânicas, entre muitas outras. Interessante essa coisa de Brasília, de ter gente de todos os lugares. Além dos brasileiros que vieram de todos os estados, tem muitos estrangeiros que trabalham nas embaixadas. Quase todos os países com os quais o Brasil tem relações diplomáticas têm embaixada em Brasília.



Ela comentou também sobre as árvores floridas de Brasília. Tem a época dos ipês amarelos, dos brancos, dos ipês roxos, das paineiras e dos flamboyants. Não conheço essas flores, mas acho que a cidade deve ficar ainda mais legal com tanta flor e tanta cor.

Almoçamos num restaurante que fica numa quadra da Asa Sul. Ficamos numa grande varanda aberta para o jardim. Como fazia calor, foi gostoso ficar ali curtindo o ar fresco. Se perguntarem em qual quadra fica o tal restaurante, não saberia dizer, pois continuo achando tudo muito parecido nessas quadras residenciais e nas entrequadras de comércio.

Durante o almoço, a Isabel fez uma lista de tudo que faltava para visitarmos em Brasília. Comentou sobre algumas construções recentes, projetos de Oscar Niemeyer. Como tem projetos dele por aqui!

A tia Ma perguntou o que eu estava achando de Brasília. Quase me engasguei com a comida, eu não estava muito concentrado e não podia dar uma resposta qualquer. Mas acho que me saí bem na resposta. O que falei era verdade, que estava gostando muito, achando tudo muito diferente, descobrindo muita coisa nova, e que tudo era incrível.





"Eu caí em cheio na realidade ... Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano ... Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros, que construíram a cidade e estão ali legitimamente ... Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído".

A Isabel disse que tínhamos que voltar outra vez a Brasília, com mais tempo, para ver tudo o que faltava, os prédios novos, o Parque da Cidade, a Vila Planalto, o Catetinho... Também faltou visitar um antigo hotel que pegou fogo logo no início de Brasília, nos anos 70, e que foi restaurado posteriormente. Oba! Adorei o convite pra voltar.

Como não ia dar pra ver tudo, a opção para o tempo que restava, foi visitar o Teatro Nacional e os novos prédios do Setor Cultural Sul, que fica no início da Esplanada dos Ministérios.

Estacionamos o carro na parte superior da Rodoviária. A Joana explicou que ali era o centro da cidade. É nesse ponto que os dois eixos, o Eixo Rodoviário e o Eixo Monumental, se cruzam. A Rodoviária separa a Asa Norte da Asa Sul. Os brasilienses chamam de "buraco do tatu" a passagem de nível que liga as duas asas e passa por baixo da Rodoviária. É um túnel. Essa Rodoviária é o ponto de partida e de chegada dos ônibus que circulam pela cidade ou que vêm de outras cidades do Distrito Federal. Por ali passa muita, muita gente durante o dia, tomando ônibus ou o metrô. O metrô liga algumas dessas cidades ao Plano Piloto de Brasília.



As pessoas que passam por ali todo dia vêm das cidades vizinhas para trabalhar, estudar ou fazer compras em Brasília. Deve ser um centro de cidade bastante movimentado nos dias de semana, como o centro de qualquer grande cidade brasileira. A Rodoviária fica cheia de vendedores ambulantes, vendedores de talões de loteria e de um monte de coisas. Tem até bancas de pastel, parece que os pastéis são bem bons, pelo que elas contaram. Adoro pastel de carne moída, com ovo cozido e azeitona. Que pena que não deu tempo para um pastel.

O Teatro Nacional fica quase em frente à Rodoviária. A forma do prédio lembra uma pirâmide. Na fachada lateral tem um grande painel branco, em relevo, de Athos Bulcão, um artista com várias obras em Brasília. Os jardins internos e externos, com muita variedade de plantas, foram feitos pelo Burle Marx.

Só deu para visitar a grande sala de espetáculos, a Villa-Lobos. Para descer do hall de entrada para a sala de espetáculos, tem uma rampa de acesso que é curva, com uma forma espiral. É como se essa rampa estivesse solta e fizesse um movimento no ar, sem tocar as paredes. Identifiquei logo o estilo de Oscar Niemeyer, pela forma curva e por ser tão diferente.



A Sala Villa-Lobos é enorme, com mais de mil lugares. Como a Isabel conhece o pessoal que trabalha no Teatro, pudemos visitar tudo, até atrás do palco. Fomos ver a preparação do cenário e os testes de iluminação para a peça que seria apresentada logo mais à noite. Nunca tinha visto nada disso antes, eu não imaginava como acontecem as coisas atrás de um palco.

Não comentei com a Joana que só assisti a duas ou três peças de teatro na minha vida, pois já entendi que ela curte teatro. Preciso me interessar mais pelas coisas, ou tomar jeito, como diz minha mãe.

Do Teatro, seguimos para o Setor Cultural Sul, do outro lado da Esplanada dos Ministérios, ver dois prédios recentes de Brasília: o Museu e a Biblioteca.

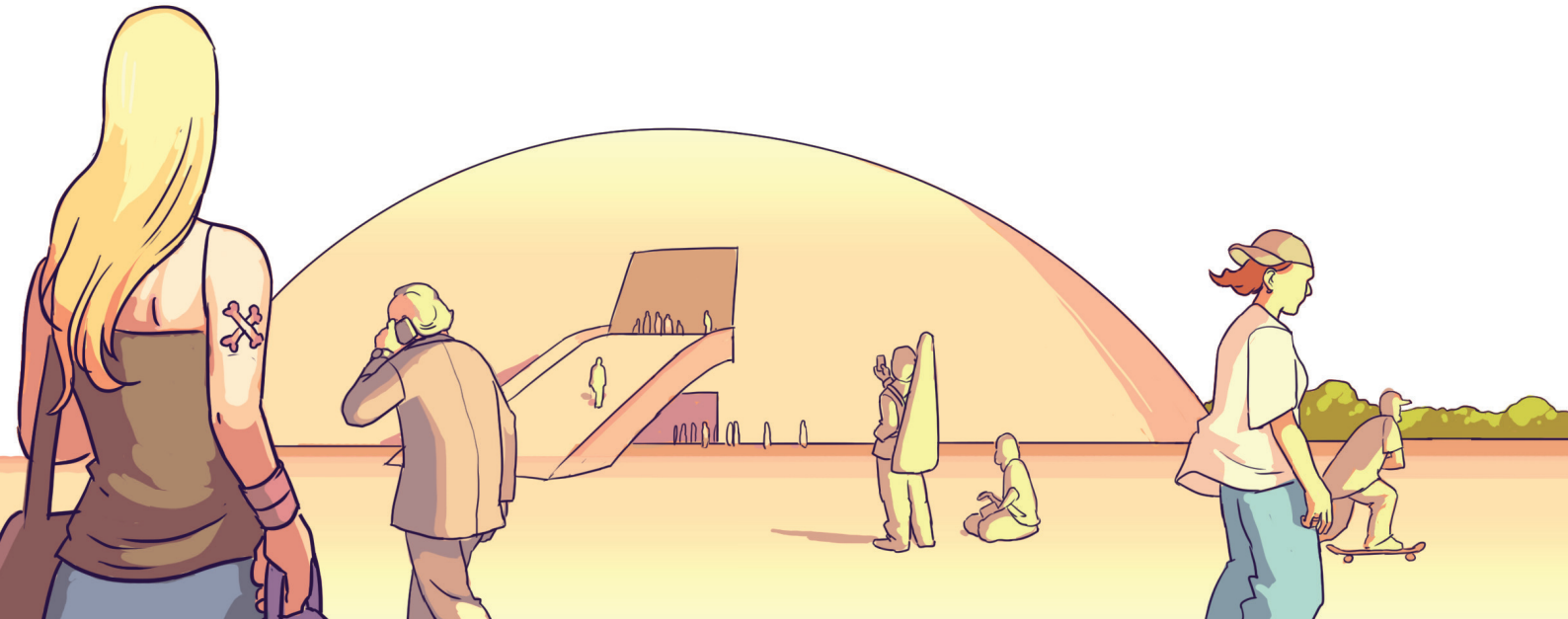


Lucio Costa, no projeto do Plano Piloto, reservou uma área para um Complexo Cultural. Essa área fica na Esplanada dos Ministérios, entre a Rodoviária central e a Catedral. O Museu e a Biblioteca foram construídos ali recentemente.

O prédio do Museu da República é uma cúpula redonda, toda branca, com rampas de acesso laterais. Esse prédio também tem diversos apelidos, "capacete" e "cuscuz de tapioca", mas pra mim lembra um disco voador. A Joana já entendeu que me divirto com os nomes dados aos prédios de Brasília, ela vai logo me contando.

Como o Museu estava aberto, pudemos visitá-lo por dentro. O interior tem rampas e formas curvas, penso que é para combinar com a forma arredondada do exterior. Fazer um edifício quadrado é fácil, o difícil deve ser construir esses prédios com formas tão diferentes. O Museu estava cheio de crianças que pareciam se divertir muito, reproduzindo as obras da exposição.

Em volta do Museu tem uma grande área cimentada onde alguns meninos e meninas andavam de patins, na maior curtição. Alguns eram muito bons nas rodinhas, faziam uns movimentos legais. Num outro canto, uns caras faziam manobras com skates. Pena que não deu pra ficar olhando mais tempo. De noite, esse espaço é usado para shows de música e outros eventos.



De repente, percebi que Brasília é uma cidade bem animada, tem muita coisa para se fazer. Realmente, a gente não corre o risco de ficar sem ter o que fazer aqui. Achei muito legal todos esses espaços para a garotada se divertir.

A Joana comentou que Brasília tem muita banda de rock e já teve músicos e bandas que ficaram famosos no Brasil todo, como o Renato Russo e as bandas Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude. Quem gosta de rock tem mais um motivo pra gostar de Brasília.

Como já estava escurecendo e todo mundo estava exausto, voltamos para a casa da Isabel. Comemos pizza, meu prato preferido.

Acho que anotei tudinho. Prestar atenção em tudo, nas conversas e escrever, não é mole, não. Espero ter conseguido dar conta.

Ai, ai! Ainda tenho que arrumar minha mochila antes de dormir, pra viajar amanhã cedo. Pena que minha mãe não está aqui para me ajudar.



SEGUNDA-FEIRA, 21 DE MAIO

Ufa, ufa! De novo tendo que acordar de madrugada!

"Aqui é o Comandante falando. Este voo tem por destino o aeroporto de Congonhas, em São Paulo. As condições climáticas são favoráveis e a aterrissagem está prevista para 11 horas e 45 minutos. Uma boa viagem a todos".

Que bom que consegui um lugar na janela do avião. Deu para ver Brasília, lá de cima. Consegui identificar alguns prédios, o Congresso, a Catedral, a Torre. Fiquei pensando que antes nesse local era só cerrado, agora é essa grande cidade. Gostei também da história do Presidente, que toma uma decisão, muda a capital e isso mudou completamente a região central do Brasil, que se desenvolveu e se transformou. Mudou todo o país, no final das contas.

No avião, vim pensando numa frase da Isabel sobre Brasília: "Este patrimônio é meu, é seu, é de todos nós". Ela tem toda a razão. A gente percebe como ela e a Joana se identificam com a cidade onde vivem, como elas falam de Brasília, e não só pelo seu patrimônio, é também por tudo o que tem ali e que faz parte da vida delas: os espaços culturais, os museus, os teatros, a UnB, o Parque da Cidade, as bandas de rock, o lago, o modo de vida candango... Tudo isso, afinal, faz parte do patrimônio de Brasília. Elas curtem ser brasilienses, mesmo a Isabel que não nasceu aqui. Ela se identifica com o lugar e tem orgulho da cidade. Foi o que senti, ouvindo as duas falando sobre Brasília.





Meus pais vão perguntar e vou ter que admitir que a viagem valeu a pena, foi ótima. Gostei de tudo. Fiquei empolgado com Brasília. Vou ter muito o que contar lá em casa e na escola. Vou fazer umas pesquisas sobre Brasília na Internet para impressionar a Joana.

A tia Marina é sempre nota dez pelas viagens que organiza. O bom é que ela me leva junto. Daqui pra frente, vou aceitar todos os convites, sem vacilar. E, quem sabe, voltamos logo para Brasília. Vou achar ótimo.

Não consegui uma foto da Joana pra mostrar para os amigos, mas não tem importância, não. Tenho o e-mail dela, vamos poder conversar pela Internet.

Se eu contar para os meus amigos que voltei cansado da viagem, de tanta coisa que fiz em Brasília, eles vão rir na minha cara, nem vão acreditar. Eles ficaram achando que eu estava aproveitando a viagem só pra matar aula. Melhor nem dizer nada.

Nem tive tempo de comprar uma lembrancinha para minha mãe. Que mancada!

----- original message -----

from: "gabriel passos mello" <gabrielpmello@marazul.com.br>
to: "marina passos" <marinappassos@florestas.com.br>
sent: friday, may 25, 2012 13:35 pm

subject: brasília

tia marina
não escrevi antes porque tive que recuperar os dias que perdi na escola.
agora está tudo ok.
estou preparando a apresentação sobre brasília que vou fazer para a professora de história na segunda-feira.
peguei algumas informações na internet para completar o que anotei em brasília. acho que vai ser legal. só que os colegas são meio caretas, não sei se eles vão prestar atenção.
eu adorei a viagem. quando será a próxima? não quero perder.
muito obrigado, de verdade!
um beijo do gabriel

----- original message -----

from: "gabriel passos mello" <gabrielpmello@marazul.com.br>
to: "joana macedo" <joanaamacedo@luanova.com. br>
sent: saturday, may 26, 2012 09:05 am

subject: brasília

oi joana
não deu para escrever antes, estive ocupado recuperando, com os colegas, as aulas que perdi.
você e sua mãe foram muito legais.
adorei conhecer brasília. pra mim foi uma grande descoberta. eu tinha visto fotos de brasília na internet, antes de viajar. uma coisa é ver fotos na internet. outra é visitar, ver tudo ao vivo, ver as pessoas indo de um lado para o outro, tudo fica com outra cara, é muito melhor. brasília é uma cidade muito especial. você tem sorte de viver numa cidade assim tão incrível.
já acabei de preparar a apresentação sobre brasília que vou fazer na escola. aprendi tanta coisa com vocês que ficou fácil.
a tia ma vai me passar algumas fotos que tirou durante a viagem. depois eu conto como foi.
diga para a isabel que gostei muito, muito mesmo.
obrigado por tudo.
abraços do gabriel

----- original message -----

from: "joana macedo" <joanaamacedo@luanova.com.br>
to: "gabriel passos mello" <gabrielpmello@marazul.com.br>
sent: sunday, may 27, 2012 10:25 am

subject: música sobre brasília

oi gabriel
legal seu e-mail. tomara que você volte outra vez com a marina para visitar brasília e também para visitar a gente. tem muito mais coisas para ver, não deu tempo de vocês visitarem tudo.
depois conte como foi a sua apresentação sobre brasília na escola.
minha mãe pediu para passar para você a letra de uma música do paulo tovar, que é um músico que morou em Brasília. a música conta direitinho como era brasília no início, na época da construção.
um abraço,
joana

MARCO ZERO

(PAULO TOVAR / HAROLDINHO MATTOS)

Quando não havia torre, Lago ou Rodoviária
Que o Eixão era somente uma forma imaginária
A seriema cantava solene compenetrada
Vacas e bois ruminavam no meio da Esplanada

Partiu-se de um ponto
Traçaram-se as retas
Cruzaram-se os eixos
Riscaram-se os mapas
Somaram-se os números
Mediram-se os ângulos
Ligaram-se as máquinas
Rasgaram-se as ruas

Quando não havia ainda Samambaia e Setor P
Quando lobos farejavam nos campus da UnB
E tatus faziam túneis muito antes do metrô
Tropeiros e comitivas arranchavam livremente
Onde seria o Palácio
Onde se fez a Rodô

Partiu-se de um ponto

Traçaram-se as retas

Cruzaram-se os eixos

Riscaram-se os mapas

Somaram-se os números

Mediram-se os ângulos

Ligaram-se as máquinas

Rasgaram-se as ruas

Quando só havia mesmo este céu por testemunha

Quando tudo que se via era o vasto chapadão

Seguidores de estrelas caçavam pedras e índios

Muito antes de Ana Lídia ou da forma do avião

Partiu-se de um ponto

Traçaram-se as retas

Cruzaram-se os eixos

Riscaram-se os mapas

Somaram-se os números

Mediram-se os ângulos

Ligaram-se as máquinas

Rasgaram-se as ruas

referência: http://emversoeprosa.blogspot.fr



A HISTÓRIA DE BRASÍLIA EM ALGUMAS DATAS

1549 a 1763 – Salvador/Bahia, primeira capital do Brasil.

1763 a 1960 – Rio de Janeiro/RJ, segunda capital do Brasil

20 de outubro de 1821 – José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência do Brasil, propõe que se construa uma cidade no interior do país para a instalação da Corte. Em 1823, ele sugere para essa nova cidade o nome Brasília ou Petrópolis.

24 de fevereiro de 1891 – no texto da 1ª Constituição da República: "Fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 Km2 que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura Capital Federal".

17 de maio de 1892 – o Presidente do Brasil, Floriano Peixoto, constitui a "Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil" chefiada por Luiz Cruls, para estudar e demarcar a área para a nova capital do país.

7 de setembro de 1922 – lançamento da pedra fundamental da futura capital, perto de Planaltina, Estado de Goiás.

16 de julho de 1939 – no texto da 2ª Constituição da República: "Será transferida a Capital da União para o ponto central do Brasil".

18 de setembro de 1946 – no texto da 4ª Constituição da República: "A Capital da União será transferida para o Planalto Central".

4 de abril de 1955 – Juscelino Kubitschek, em campanha para a Presidência da República no Estado de Goiás, promete transferir a capital para a Região Centro-Oeste do país.

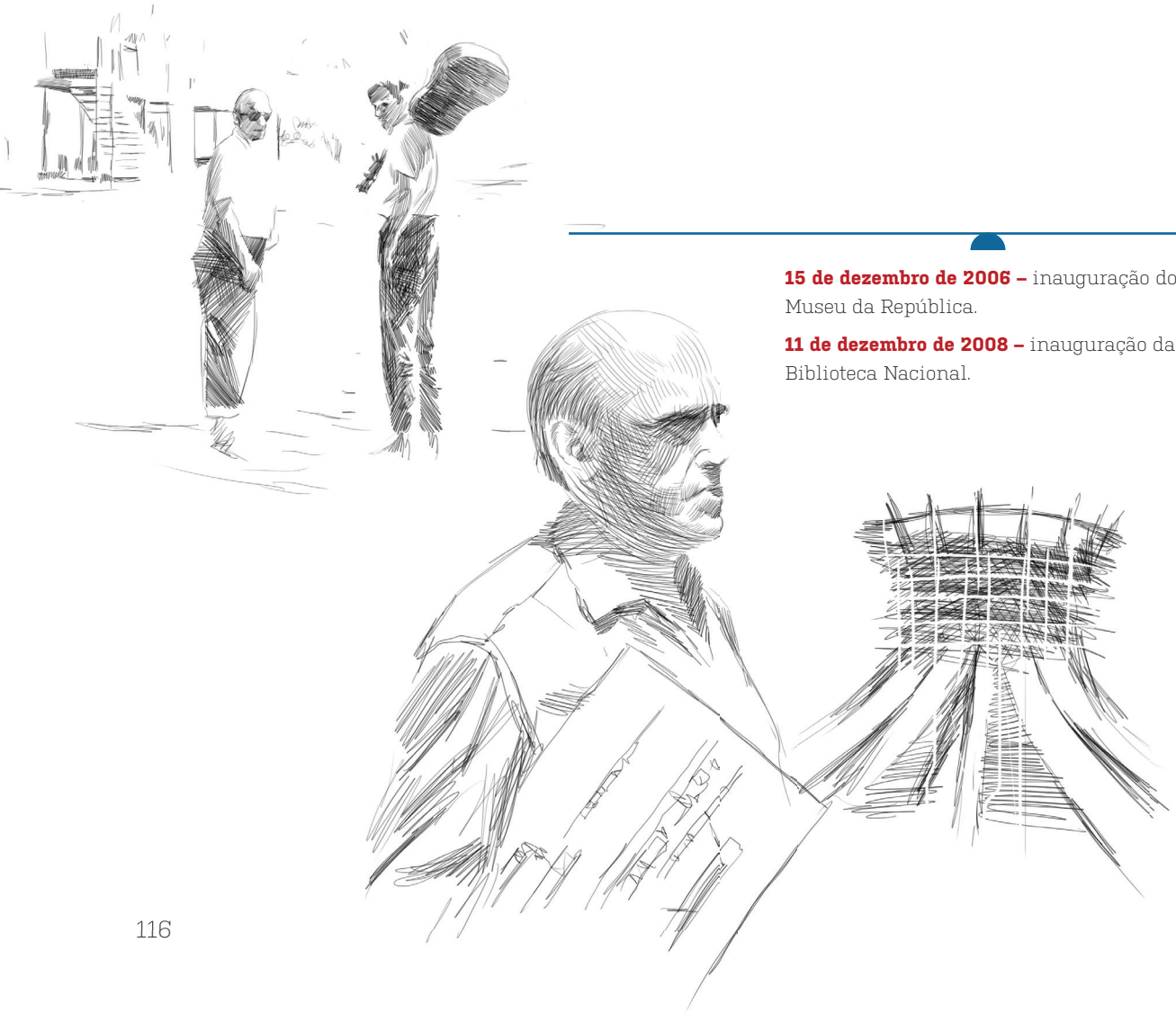
30 de setembro de 1956 – publicado, no Diário Oficial, o Concurso Nacional para seleção de projetos para a nova capital.

10 de novembro de 1956 – inauguração do Catetinho.

19 de dezembro de 1956 – nascimento da Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante.

16 de março de 1957 – resultado do Concurso Nacional com a escolha do projeto do arquiteto e urbanista Lucio Costa.

3 de maio de 1957 – celebração da primeira missa em Brasília, com a presença de 15 mil pessoas.



15 de dezembro de 2006 – inauguração do Museu da República.

11 de dezembro de 2008 – inauguração da Biblioteca Nacional.

30 de junho de 1958 – inauguração do Palácio da Alvorada, residência oficial do Presidente da República, do Brasília Palace Hotel e do Eixo Monumental.

28 de junho de 1958 – inauguração da Capela Nossa Senhora de Fátima.

21 de julho de 1959 – tombamento do Palácio do Catetinho pelo Iphan.

1 de fevereiro de 1959 – inauguração da Rodovia Belém–Brasília.

junho de 1959 – entrega dos primeiros blocos de apartamentos na Super Quadra Sul 108.

21 de abril de 1960 – inauguração de Brasília, com a instalação dos Três Poderes da República e transferência da capital para Brasília.

13 de abril de 1960 – inauguração do Cine Brasília.

21 de abril de 1962 – inauguração da Universidade de Brasília.

27 de fevereiro de 1992 – inauguração do Espaço Lucio Costa.

15 de dezembro de 2002 – inauguração da Ponte Juscelino Kubitschek.

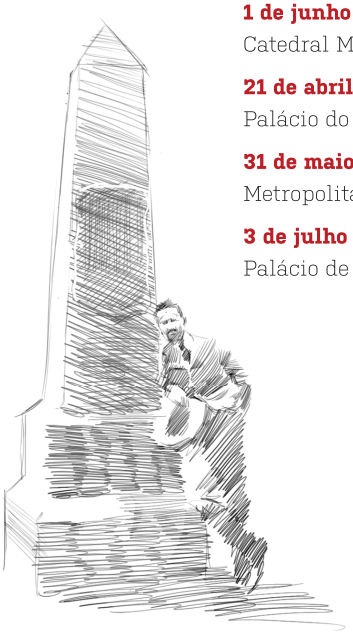
21 de abril de 1981 – inauguração do Teatro Nacional Cláudio Santoro.

12 de setembro de 1981 – inauguração do Memorial JK.

14 de outubro de 1987 – Preservação do Plano Piloto pelo Decreto do GDF nº 10.829, que regulamentou a Lei nº 3.751 (Lei Santiago Dantas), no que se refere à concepção urbanística de Brasília.

7 de dezembro de 1987 – Brasília é incluída na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO.

14 de março de 1992 – tombamento pelo Iphan do conjunto urbanístico de Brasília, construído em decorrência do Plano Piloto traçado para a cidade.



15 a 22 de novembro de 1965 – realização do 1º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

1 de junho de 1967 – tombamento da Catedral Metropolitana pelo Iphan.

21 de abril de 1970 – inauguração do Palácio do Itamaraty.

31 de maio de 1970 – sagração da Catedral Metropolitana.

3 de julho de 1972 – inauguração do Palácio de Justiça (Ministério da Justiça).

QUEM AJUDOU A FAZER BRASÍLIA



OS CANDANGOS

São os trabalhadores que imigraram à futura capital e construíram Brasília.



JUSCELINO KUBITSCHEK

Presidente da República de 1956 a 1961. Foi quem decidiu transferir a capital do Rio de Janeiro para a Região Centro-Oeste do país.



LUCIO COSTA

Arquiteto e urbanista. Autor do Plano Piloto de Brasília, que deu origem à cidade.



OSCAR NIEMEYER

Arquiteto. Autor dos projetos dos palácios e monumentos mais importantes da cidade.



ROBERTO BURLE MARX

Paisagista e artista plástico. Realizou os jardins dos palácios, de alguns prédios da administração federal, do Teatro Nacional, entre outros.



JOAQUIM MARIA MOREIRA CARDOZO

Engenheiro. Responsável pelos cálculos estruturais da Catedral e de outros monumentos e palácios.



ISRAEL PINHEIRO

Presidente da Novacap/Companhia Urbanizadora da Nova Capital, empresa responsável pelas obras da construção de Brasília.



ATHOS BULCÃO

Artista plástico, escultor, arquiteto. Autor de painéis que decoram diversos palácios e monumentos. O artista realizou painéis e relevos em azulejos, madeira, concreto, metal, entre outros materiais.



BRUNO GIORGI

Escultor. Autor, entre outras obras na cidade, do Meteoro, instalado no espelho d'água do Palácio do Itamaraty.

ALFREDO CESCHIATTI

Escultor. Autor de obras instaladas no Palácio do Itamaraty, em frente ao Superior Tribunal Federal/Praça dos Três Poderes, no Congresso Nacional, no Palácio da Alvorada, na Catedral e no Teatro Nacional.



DARCY RIBEIRO

Antropólogo, idealizador, fundador e primeiro Reitor da Universidade de Brasília.



MARIANNE PERETTI

Artista plástica. Autora dos vitrais da Catedral de Brasília, Memorial JK, Palácio Jaburu, da escultura instalada no Teatro Nacional e de elementos decorativos do Superior Tribunal de Justiça.



DI CAVALCANTI

Artista plástico, caricaturista, desenhista. Autor de painéis que decoram a Catedral de Brasília e de quadros do Congresso Nacional e do Palácio do Itamaraty.



MARIA MARTINS

Escultora. Autora de obras que decoram o Palácio da Alvorada e o Palácio do Itamaraty.



CANDIDO PORTINARI

Artista plástico. Autor de obras que decoram o Palácio do Itamaraty.



ALFREDO VOLPI

Artista plástico. Autor de obras que decoram o Palácio do Itamaraty.



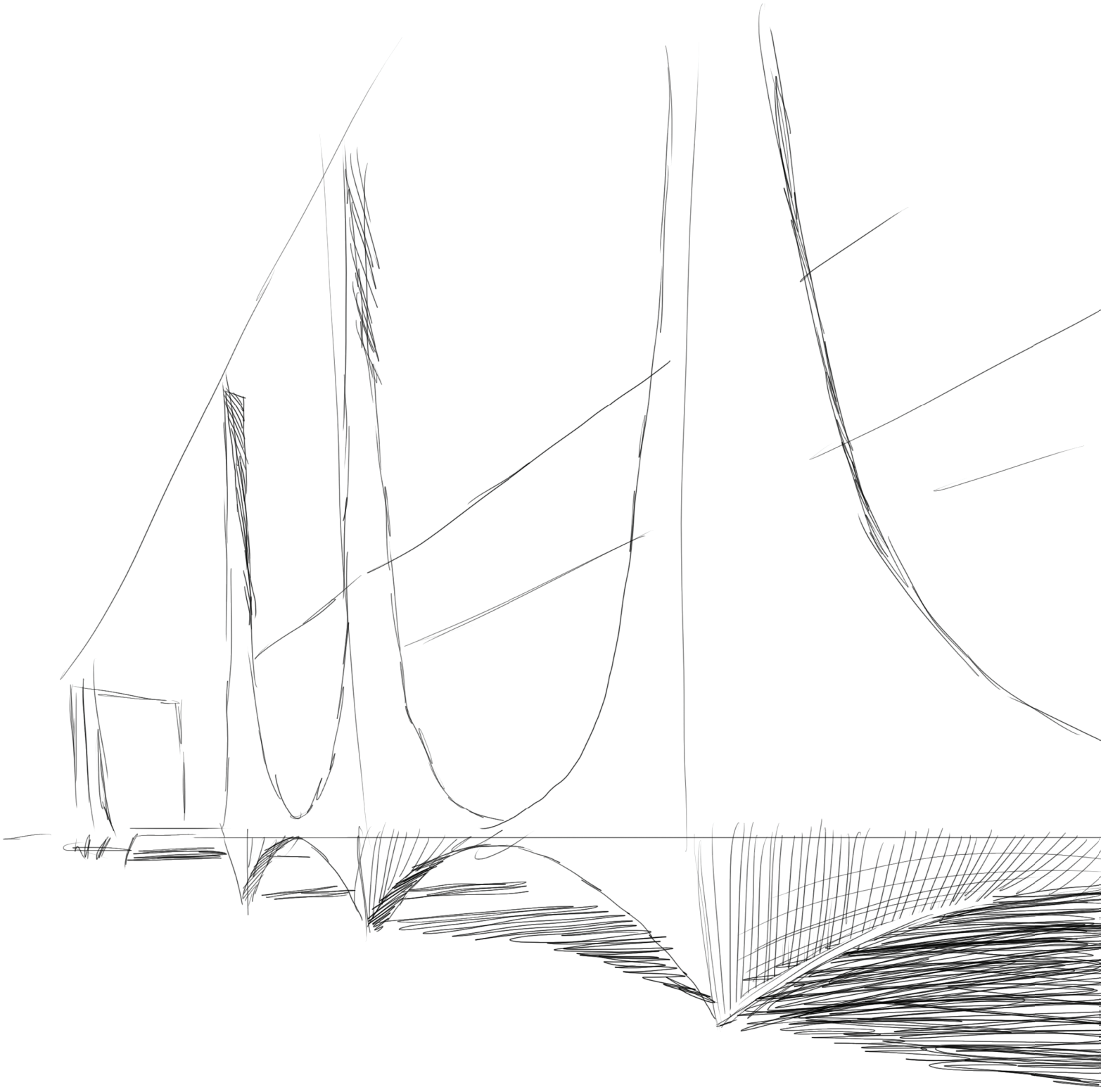
VICTOR BRECHERET

Escultor. Autor de obras instaladas no Palácio do Itamaraty e no Palácio da Alvorada.



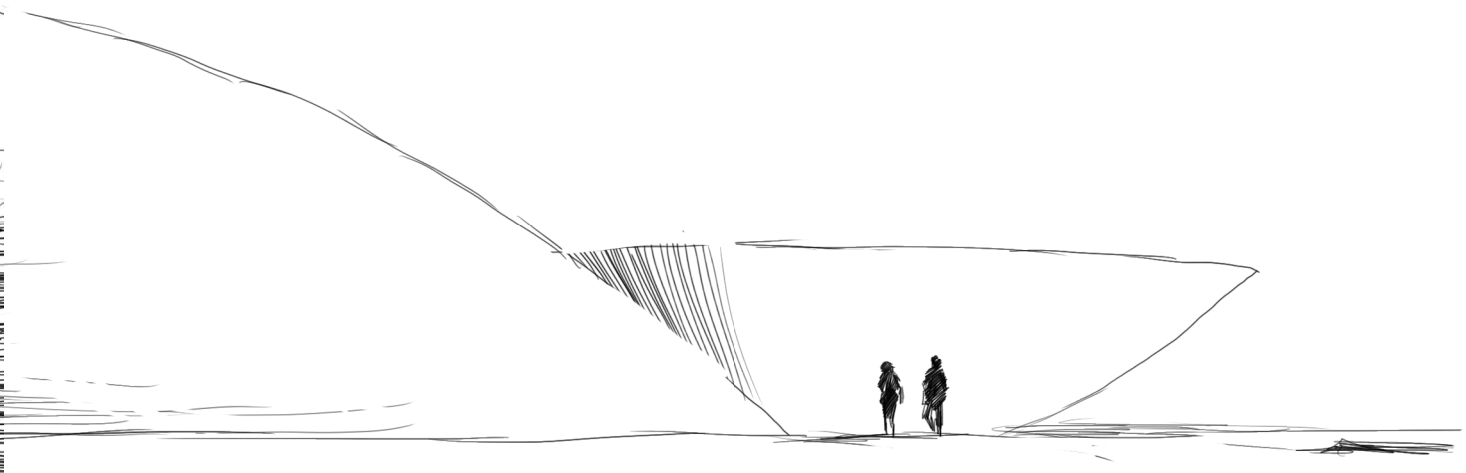
JOÃO FILGUEIRAS LIMA, LELÉ

Arquiteto que participou da construção de Brasília, autor do projeto do Hospital Sarah Kubtischek.



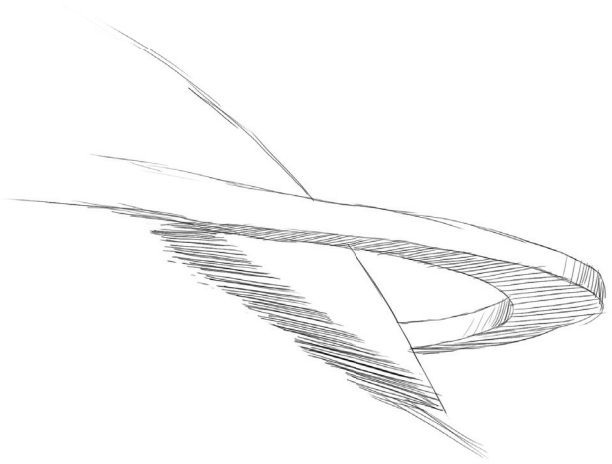
PALÁCIOS E MONUMENTOS ABERTOS PARA VISITAÇÃO PÚBLICA

- Palácio do Itamaraty – Esplanada dos Ministérios
- Palácio do Planalto – Praça dos Três Poderes
- Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida – Esplanada dos Ministérios
- Igreja Dom Bosco – W3 Sul
- Espaço Lucio Costa – Praça dos Três Poderes
- Espaço Oscar Niemeyer – Praça dos Três Poderes
- Supremo Tribunal Federal – Praça dos Três Poderes
- Congresso Nacional – Praça dos Três Poderes
- Museu da Cidade – Praça dos Três Poderes
- Biblioteca Nacional – Setor Cultural Sul/Esplanada dos Ministérios
- Panteão da Pátria – Praça dos Três Poderes
- Museu da República – Setor Cultural Sul/Esplanada dos Ministérios
- Memorial JK – Eixo Monumental
- Memorial dos Povos Indígenas – Eixo Monumental
- Capela Nossa Senhora de Fátima – EQS 307/308
- Catetinho – Fazenda do Gama
- Museu Vivo da Memória Candanga – Núcleo Bandeirante
- Torre de TV – Eixo Monumental
- Torre Digital – df-001



ALGUNS SITES COM INFORMAÇÕES SOBRE BRASÍLIA E SEUS MONUMENTOS

- Câmara dos Deputados: www.camara.leg.br
- Catedral Metropolitana de Brasília: www.catedral.org.br
- Catetinho: www.cultura.df.gov.br/catetinho
- Espaço Lucio Costa: www.brasilia.df.gov.br/espaco-lucio-costa-2
- Espaço Oscar Niemeyer: www.cultura.df.gov.br/espaco-oscar-niemeyer
- Fundação Oscar Niemeyer: www.niemeyer.org.br
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Iphan: https://www.gov.br/iphan/pt-br
- Memorial dos Povos Indígenas: www.cultura.df.gov.br/memorial-dos-povos-indigenas
- Memorial JK: www.memorialjk.com.br
- Ministério das Relações Exteriores: www.gov.br/mre/pt-br
- Museu de Arte de Brasília (MAB): www.cultura.df.gov.br/mab
- Museu Educativo - Museu Nacional da República: www.museueducativo.com.br
- Museu Vivo da Memória Canganda: www.cultura.df.gov.br/museu-vivo-da-memoria-candanga
- Palácio da Alvorada: www.df.gov.br/3711
- Palácio do Planalto: www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/palacios-e-residencias
- Praça dos Três Poderes: www.df.gov.br/praca-dos-tres-poderes
- Secretaria da Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal: www.cultura.df.gov.br
- Secretaria de Turismo do Distrito Federal: www.turismo.df.gov.br
- Senado Federal: www.senado.leg.br/senado/visitavirtual
- Supremo Tribunal Federal: www.portal.stf.jus.br
- Teatro Nacional Claudio Santoro: www.cultura.df.gov.br/teatro-nacional-claudio-santoro
- UNESCO no Brasil: www.unesco.org.br
- UNESCO: www.unesco.org
- Universidade de Brasília: www.unb.br



A tipografia eleita para este livro é a Kulturista, desenvolvida por Thomás Brousil, em 2009.

O papel é o couché fosco 115g.

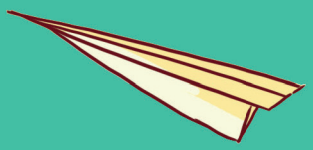
A tiragem desta edição é de 1.500 exemplares.

banco BRB Secretaria de Educação GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL IPHAN MINISTÉRIO DA CULTURA



gabriel em brasília • a cidade com asas

"Fiquei imaginando a capital do Brasil com aquele monte de homens de terno e gravata, deputados, ministros, um monte de gente entrando e saindo daqueles prédios importantes. Pra mim, não era uma cidade para se fazer turismo, ver o quê em Brasília?"



Gabriel fez um diário de viagem, no qual descreve as percepções de sua primeira visita a Brasília e nos apresenta a capital do Brasil de maneira diferente, destacando a modernidade do plano urbanístico de Lucio Costa, a beleza da arquitetura de Oscar Niemeyer, além de aspectos que despertaram sua atenção. Ele descobre que Brasília é divertida e tem vida própria, não é apenas a cidade dos homens de terno e gravata. Ao seguir a aventura de Gabriel em nossa capital, o jovem leitor se sentirá estimulado a visitá-la, a descobrir seus atrativos, sua gente e a refletir sobre a preservação desse patrimônio cultural brasileiro e da Humanidade.



Edições IPHAN